

ininsera

SUR PREEN DENDEN OTE!



MAURÍCIO GOMYDE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

**SUR
PREEN
DEN
TE!**

i
intrinsic

MAURÍCIO GOMYDE

Copyright © 2015 by Maurício Gomyde

PREPARAÇÃO

Kathia Ferreira

REVISÃO

Eduardo Carneiro

Vania Santiago

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Daniel Sansão / Contágio Criação

FOTO DO AUTOR

Leo Aversa

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

REVISÃO DE EPUB

Antonio Hermida

E-ISBN

978-85-8057-809-6

Edição digital: 2015

1ª edição

TIPOGRAFIA

Minion e Brush Up

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Epígrafe](#)

[I](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

II

25
26
27
28
29
30
31

III

32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42

IV

43
44
45
46

V

47
48
49
50
51

Agradecimentos

[Sobre o autor](#)

[Leia também](#)

Se você passar toda a vida sem fazer algo excepcional por alguém, viver não terá valido a pena.

I

“Não existe fim, não existe início. Apenas a infinita
paixão da vida.”

Federico Fellini

Interior do Brasil — Pirenópolis, Goiás

Pedro se livrou da segurança do mato, seguiu alguns metros, parou à beira do ponto mais alto da cachoeira e olhou em direção ao horizonte. Ao céu do cerrado brasileiro, carregado de nuvens espessas e cinza que emolduravam um quadro assustador, cabia a honra de testemunhar de um ângulo privilegiado a cena que se avizinhava. Com roupas encharcadas, braços abertos e câmera subaquática na mão direita, ele assumia a um só tempo os papéis de diretor, cameraman e ator, para registrar a *selfie* que eternizaria os últimos instantes de seu mais ambicioso projeto.

Fit chegou logo depois e parou, posicionado em terra firme. Apontou a câmera para o amigo, mantendo o silêncio de um profissional no set.

— **SESSENTA METROS DE ALTURA, QUARENTA DE LARGURA!** — Pedro gritou junto com o estouro das águas que castigavam rochas e árvores. Gargalhou de forma aterradora em direção à lente de sua câmera e seguiu gritando: — Eu não tenho medo! Não sou como vocês, COVARDES! Todos vocês, os desgraçados, com suas vidas perfeitas, os que sempre debocharam, deram risadas e estão pouco se lixando se eu nunca mais na vida vou ver isto aqui. Os que se julgam no direito de mentir, de fingir, de esconder a verdade mais básica. Fiquem com seu mundo de mentira, bando de covardes! Vocês venceram, porra, mas não teriam coragem de vir até aqui!

A água descia com fúria pelo paredão e se estatelava no poço, trazendo de volta o ronco ensurdecido daquele monstro da natureza, mandíbula escancarada para devorar o animal prestes a descer por sua garganta. A poucos metros, última fronteira entre lucidez e irresponsabilidade absoluta, uma grande pedra enrugada e pontiaguda avançava em direção à queda. Pedro rastejou ao longo de sua extensão e, quase no limite, ficou de pé.

Cristal e Mayla chegaram correndo à beira da cachoeira. Um trovão espocou junto com o berro de Cristal:

— Volta, pelo amor de Deus!

— Pedro, não faz isso! — Mayla gritou.

— Fit, não para de filmar! — Pedro ordenou ao amigo. — Não para de filmar! Aconteça o que acontecer, não esqueça o nosso combinado.

— Pedro, não vai. Por favor! Pedroooo! — O grito saiu agudo, capaz de quebrar por dentro a própria Cristal. — Fit, você também está louco? Ajuda a gente!

Fit nem se mexeu. Parecia determinado a atender ao desejo do melhor amigo e captar aquele momento único, certamente hipnotizado pelo som, pela imagem cinematográfica, por um belo e perturbador enquadramento.

Pedro arrastou os pés pela pedra até os dedos ficarem no ar. Gritou, mais uma vez:

— COVARDES!!! — Arrancou do pescoço a corrente de ouro com o pingente do olho turco. Em seguida, tirou os óculos. Atirou os dois na cachoeira. Virou-se para Fit e jogou-lhe a pequena câmera. — Faça o que quiser com estas imagens.

Fit agarrou a câmera portátil, colocou-a no bolso e voltou a posicionar a câmera de alta definição na direção do amigo.

Então Pedro se virou mais uma vez para o penhasco e fechou os olhos.

São Paulo, cinquenta dias antes

A história do prodígio Will e do psicólogo Sean preenchia a tela do último cineclube da cidade, o lendário SubCultural. Os diálogos se sucediam para tentar chamar a atenção do casal de namorados que se beijava sem parar desde o início da projeção; extrair algum entusiasmo do senhor sentado na ponta da sétima e última fileira; prender o olhar da mulher de meia-idade, na poltrona do meio; e atrair a espectadora mais difícil daquela noite: a menina que ficava em pé, no fundo da sala, por dois ou três minutos, e em seguida saía por quinze ou vinte. Aparecia e desaparecia, reaparecia e sumia.

O filme *Gênio indomável* havia sido escolhido a dedo para aquela sessão. Era um tiro certo, uma trama que jamais falhava em provocar na audiência as emoções que os clássicos da sétima arte costumam provocar: desconforto, reflexão, êxtase. Ao menos era a aposta de Pedro, o curador especialista e mediador dos debates sobre cinema, a cada noite de terça-feira no subsolo do Café Cultural. Naquela sessão vazia, entretanto, parecia-lhe impossível sair vencedor.

Quando os créditos finais começaram a subir sobre a cena do velho carro vermelho em direção ao sol, ao som de uma triste melodia ressoando pelos alto-falantes, Pedro colocou os óculos de lente âmbar, acendeu as luzes e foi até a frente da tela.

— “Miss Misery”, composição de Elliott Smith. — Regeu com os indicadores, acompanhando o ritmo preguiçoso da canção. — Bela escolha para o fim deste filme, que, como eu disse antes da projeção, contém alguns dos meus diálogos favoritos do cinema.

Nenhum dos quatro espectadores esboçou reação. O casal de namorados se levantou, ainda aos beijos, e saiu da sala. Pedro fez

uma concha com a mão sobre a testa e olhou para o senhor da última fileira.

— E o nosso amigo? Gostaria de fazer algum comentário hoje?

O homem de roupas simples e pele escura, que assistira a todas as sessões naquele ano, fez sinal de positivo com o dedo, aplaudiu duas vezes, levantou-se e subiu as escadas. Pedro não se surpreendeu. Ainda com a ajuda da concha da mão, procurou a menina que aparecia e desaparecia, mas ela estava na parte “desaparecida” da sequência. Então, a última espectadora ainda presente na sala, a senhora de meia-idade, levantou-se, jogou a bolsa no ombro e comentou:

— Bom, é isso.

— Opa! Temos uma opinião aqui no meio. — Pedro tentou resgatar, do iminente afogamento, o fio de entusiasmo que ainda mantinha sua cabeça fora d’água. Atropelou-a com perguntas sobre o filme: — O que a senhora achou dos diálogos? A menina vai aceitar o Will de volta? As provocações do psicólogo influíram nas reflexões do rapaz?

— Não sei... Eu... Dormi nesses pedaços.

— Qual deles?

— O do emprego e o do psicólogo.

— Mas são partes longas do filme e... — Os ombros caíram.

— Desculpa, meu jovem. Eu preciso ir — a senhora respondeu, virando-se e indo embora.

— Mas...

Pedro ficou sozinho na sala. Suspirou, desligou o projetor, abriu o *player* e retirou o DVD. Guardou-o na mochila e subiu a escada estreita até o térreo do café. Naquele início de noite, todas as mesas já estavam ocupadas por gente bebendo e falando alto, ao som do grupo de samba contratado. Dirigiu-se ao balcão e devolveu a chave a Mayla, sobrinha da proprietária e responsável pelo caixa.

— Pouca gente hoje de novo, né? — Ela guardou a chave na primeira gaveta.

— Nenhuma novidade. Um casal de namorados se beijou durante o filme todo. Uma mulher dormiu. Aquele senhor de sempre

mais uma vez não falou nada. Ah, e uma menina estranha assistiu a pedaços do filme.

— Qual era o de hoje?

— *Gênio indomável*.

Mayla levantou uma sobrancelha.

— Nunca ouviu falar? — Pedro emendou.

— Sou meio fraca pra lembrar nome de filme. Deve ter na internet. Assisti depois.

— Que decepção! Você é do tipo que pirateia?

— Todo mundo faz isso, não?

— Com essa grande colaboração da população, como é que nós, cineastas, vamos sobreviver? Isso é uma afronta ao trabalho árduo dos artistas! — O discurso começou inflamado e logo desanimou. — Não me espanta a dificuldade em trazer gente pro cineclube.

— Prometo tentar não piratear mais em consideração a você.

— Agradeço em nome da classe. E foi seu aniversário mês passado, não?

— Dezoito anos muito bem vividos. Agora é que a brincadeira vai começar.

— Bom, como não te dei presente algum, toma. — Pedro entregou a ela o DVD. — Depois reponho na minha coleção. Um mínimo de cultura neste fim de adolescência é minha contribuição pra sua vida. Larga um pouco as bobagens das redes sociais e aproveita pra convencer sua turma a ter mais consideração também com os pobres dos cineastas.

— Valeu! Deixa comigo, vou dar uma chamada nos meus grupos do WhatsApp. Duvido que não me xinguem, mas vou tentar. — Ela deu risada. — E quanto ao cineclube, boto fé que vai melhorar.

— Ando duvidando, mas vou manter a esperança enquanto a dona Rebeca não resolver transformar o cinema numa boate.

— Se o movimento aqui em cima estiver sempre bom, provavelmente ela nem vai se lembrar do cinema lá no subsolo.

— Preciso que ela continue acreditando na minha teoria de que o cinema, a música boa e a literatura são instrumentos da Santíssima Trindade para salvar o ser humano da derrota como espécie.

— Se essa teoria não começar a colocar dinheiro no caixa do Cultural, quem não vai se salvar é você.

— A dona Rebeca está por aqui? — Pedro correu o olhar ao longo do balcão.

— Minha tia passou mais cedo, não estava se sentindo bem.

— Se amanhã ela perguntar, não conte que só vieram cinco pessoas.

— Prometo te defender quando ela conferir a contabilidade. — Mayla cruzou os dedos indicador e médio da mão direita e os beijou. — Pega um pastelzinho de queijo aqui.

Ele pegou dois, ajeitou a mochila nas costas e os óculos sobre o nariz. Com a boca cheia, passou o peito por cima do balcão e deu um beijo no rosto de Mayla.

— Bom, deixa eu ir. Prometi ajudar meu pai lá no restaurante dele agora à noite. Um dos garçons ficou doente e hoje tem algumas reservas.

— Mas nem me contou como vai a produção do seu filme. — Mayla cruzou os braços e fez um bico.

— Ih, tá maravilhosa. Mas o artista nunca deve revelar os segredos. Aguarde e assistirá a uma obra-prima.

— Meu sonho é participar de um filme. Trocaria qualquer coisa pela chance de me ver na tela. E já falei, se precisar de umas ideias...

Ele estalou o dedo e apontou para ela.

— Pergunto para você, a menina mais criativa... De onde mesmo?

— De toda a região.

— Isso, a menina mais criativa da região.

Encostaram os punhos, Mayla sorriu e completou:

— Vai lá. Até terça que vem. E cuidado no trânsito.

Pedro saiu para o ponto de ônibus, serpenteando entre as mesas e assobiando o “Não deixe o samba morrer” que a turma cantava.

Quando Carlo decidiu cravar a licença no Tribunal de Justiça e aplicar as economias de uma vida no sonho de abrir o próprio negócio, muitos foram contra. “Cuidado”, diziam. “Vai arranjar problema”, apostavam. “Trocar a tranquilidade dos horários fixos pela vida noturna é loucura”, essa era a opinião unânime. Mas o título de chef foi mais sedutor do que os conselhos dos amigos. “Chef Carlo!” Ele próprio dizia isso no espelho, colocando o tradicional chapéu branco de cozinheiro, na tentativa de se convencer da necessidade de dar aquele passo para fora da repartição e reencontrar sua essência como ser humano.

A esposa, Ariadne, encabeçava a lista dos que foram contra e esteve presente apenas na inauguração e em meia dúzia de noites. Pedro, por outro lado, aparecia mais. Tinha pena do tanto que o pai se dedicava e do tão pouco que lucrava. Mas aquela havia se tornado uma aventura solitária para Carlo, e Pedro não sabia se o pai continuava apostando por acreditar mesmo no negócio ou pelo orgulho de provar que sempre tivera razão.

O Carlo’s não era grande, mas não podia ser tachado de modesto. Decoração *retrô*, três ambientes separados por vidros. Noite após noite, a dissonância tensa das notas de Miles Davis contrastava com a delicadeza das poucas que valem por milhares de B.B. King. Nas paredes revestidas de compensado imitando madeira de demolição pendiam pequenos quadros em preto e branco com fotos de mestres do jazz e do blues, posicionados conforme as orientações do projeto luminotécnico contratado por não poucos trocados. No fundo do corredor estreito, o orgulho de Carlo: a adega de pedra, com rótulos das mais variadas nacionalidades, anos e uvas.

No coração da Vila Madalena, a disputa pela atenção dos frequentadores seguia com as dezenas de excelentes restaurantes e

bares do bairro boêmio paulistano. A sorte, naquele dia, enfim parecia pender para o lado do Carlo's, aberto um ano e meio antes e acostumado a amargar noite após noite de pouco movimento.

Pedro desceu do ônibus e andou meio quarteirão até alcançar o restaurante do pai pela porta dos fundos. A confusão de cheiros dos primeiros pratos já tomava conta do local e o chef Carlo corria de um lado para outro na cozinha, emitindo ordens para os ajudantes, provando molhos, conferindo o ponto da carne e temperando a panela cheia de filés de peixe em caldo fervente.

— Oi, filho. Já andava aqui preocupado se você ia se esquecer de vir.

— Se eu prometi, eu cumpro. — Beijaram-se e Pedro enfiou o dedo na panela de molho de tomate. — Delicioso!

— Tira a mão daí, menino! E vai lá colocar o uniforme.

— Tudo bem. Hoje não sou filho do dono, sou o garçom Pedro, às suas ordens. E, a propósito, quais as ordens?

— Nada de especial. Cortesia, sorriso, cuidado com erros de português. A sugestão do dia é o *filetto alla parmigiana*, e não esquece que nosso ponto da carne é mais para o vermelho. O vinho em promoção é o Las Belas.

— Não vou esquecer. Las Belas, Las Belas... — Pedro olhou para cima com a boca torta.

— Que cara é essa?

— Cara de quem está tentando fazer associações com o nome do vinho.

— Já sei. A Nina...

— Virou vidente agora?

— Você nunca vai se esquecer dela, né?

— Foi muito forte, pai, sou obrigado a admitir. Mas vai passar, tudo sempre passa.

— Bem colocado. — Carlo bateu no ombro do filho. — Bom, vamos trabalhar porque já começou a chegar gente. Só tem você e o Salustiano para servir, então fique atento aos pedidos. Não esquece: o cliente pediu, corre aqui e resolve direto. Atenção total.

— Entendido, doutor Carlo. Qualquer coisa, eu grito. — Bateu continência e saiu.

Após colocar o uniforme, Pedro puxou para fora da camisa a corrente com o seu olho turco, prendeu-o entre os dedos durante uns três segundos e disse:

— Que hoje seja um dia de sorte do Carlo e do Carlo's.

A noite correu bem, afora uma ou outra reclamação pela demora de alguns pratos, um equívoco no ponto da carne pedida por um casal mais exigente e as confusões de Pedro com os nomes das sobremesas em italiano. Às duas da manhã, restava a última mesa: quatro rapazes falando alto diante da quinta garrafa de Las Belas já pela metade. Carlo anunciou o encerramento das atividades na cozinha e deu ordens para o cozinheiro ajudante lavar e guardar o material.

— Valeu, filho. Pode se trocar. Vou liberar o Salustiano e eu mesmo termino de servir a última mesa.

Pedro dobrou o uniforme e guardou a boina no armário dos funcionários.

— Hoje foi bom, hein, Salu?

— Nossa, há quanto tempo não enchia assim! — Salustiano levantou as mãos para o céu. — Se a coisa pega, você vai ser contratado.

— Ah, não levo jeito. Meu negócio é outro.

— Cinema, né? Seu pai me contou sobre seu filme. Se precisar de um ator, tenho um primo muito...

A conversa foi interrompida por uma gritaria. Pedro e Salustiano saíram correndo para o salão. Ao empurrarem a porta entre os dois ambientes, a cena se abriu inimaginável: as palavras atropeladas de Carlo e o indicador quase grudado no nariz de um daqueles últimos clientes indicavam que a situação estava feia. Em um movimento rápido, um barbudo passou por trás do primeiro rapaz, agarrou Carlo pelo pescoço e iniciou um estrangulamento incentivado pelos outros três aos berros. Numa fração de segundo, invadido por um instinto cego e inconsequente, Pedro entrou em ação com uma voadora cinematográfica, o golpe preferido desde os tempos das brigas no colégio.

— Ninguém encosta um dedo no meu pai, porra! — O grito acompanhou o voo.

Os dois pés foram nas costas do barbudo, derrubando-o por cima de outros dois. Pedro rolou sobre o monte de gente e passou a socar e a levar socos. Nada parecia fazer qualquer sentido, menos ainda quando o cozinheiro gordo surgiu, segurando a escumadeira cheia de espuma e dando cacetada em todo mundo pelo caminho. Os óculos de Pedro voaram longe, depois de um soco demolir um de seus caninos. Salustiano apanhou horrores. Carlo distribuía pernada para tudo quanto era lado. Um clube da luta louco, bizarro, B.B. King com “The thrill is gone” amaciando os alto-falantes. Tapas, pontapés, cadeiras voando, B.B. lamentando o fim da emoção e os oito lutadores exercendo o sagrado direito de defender a própria honra, ou simplesmente enchendo de socos a cara do primeiro que passasse pela frente, como resposta a qualquer problema anterior sem nada a ver com aquilo.

Os quatro bêbados arruaceiros foram enxotados. Carlo trancou a porta, cuspiu sangue na mão e se escorou na primeira cadeira. Os outros três se estiraram no chão. Mesas quebradas, cacos de vidro espalhados, sangue espirrado nas paredes. Cenário de campo de batalha. Ninguém sabia o motivo da confusão, muito menos conseguia articular qualquer frase com nexos. Ao som de “Happy day”, na voz de Simonal, Carlo começou a rir. O filho embarcou. Salustiano e o cozinheiro gordo passaram a gargalhar. A risada ficou histérica, pela ausência do canino na boca de Pedro. Quatro patetas caídos no chão, sentindo-se ao mesmo tempo poderosos e um lixo. Pedro correu a mão pelo pescoço e conferiu a corrente com o olho turco. Segurou-o por uns três segundos e, ainda gargalhando, perguntou:

— Por que a gente brigou, chef?

Carlo parou de rir e a frase saiu embargada:

— Porque nenhum bêbado dá risada e chama filho meu de “aquele ceguinho coitado”...

— Atenção, alunos! Eu sei, todos estão ansiosos para saber o nome do filme vencedor deste III Festival de Artes Integradas do Colégio Santo Antônio. Mas se não fizerem silêncio vai ficar difícil. SILÊNCIO! — berrou a freira superiora ao microfone, perdendo de vez a paciência e a compostura, suas marcas registradas, por conta da algazarra dos quase trezentos alunos que lotavam o ginásio de esportes.

O jovem Pedro Diniz, na época com dezesseis anos, esfregava as mãos suadas. Cinco pequenos filmes no páreo. A segurança vinha estampada no seu rosto e no dos outros quatro “cineastas” concorrentes. Durante um mês ele havia dedicado suas melhores ideias a conceber um documentário sobre a importância das aulas de redação na formação dos futuros escritores do país. Entrevistara professores, um especialista em linguística e dois ou três alunos que topavam aparecer na tela. Trilha sonora de arrebatador, só rock dos anos 1980. Os outros quatro vídeos ele classificou como “historinhas bobas”. Uma bobagem atrás da outra, sobre amores juvenis, o time de futebol da escola e coisas do gênero. Cada vídeo foi apresentado no telão e, apesar de não ter sentido tanta recepção por parte dos colegas ao seu “filme sério”, ele acreditava no júri formado por professores habilitados a reconhecer seu imenso esforço.

Ariadne, mãe de Pedro, não pôde ir, por estar ocupada com as coisas do escritório de advocacia, como sempre. Carlo estava lá, também como sempre, de câmera em punho. Tinha até entrevistado o filho na entrada do auditório, no tapete vermelho estendido em referência à entrega do Oscar. Calça jeans, blazer preto, os inseparáveis óculos âmbar, as duas mãos no bolso. Jeito e estampa de cineasta. As imagens capturadas exibiam um Pedro confiante, especialmente pela madura frase final do corte:

— Fiz um bom trabalho. O importante é competir, mas sinto muito perto o cheiro da vitória.

Pois quando os envelopes foram abertos e a diretora anunciou que daria o resultado deixando o primeiro lugar para o fim, o coração de Pedro disparou. Carlo focou no rosto do filho.

— Em quinto lugar... — disse a freira, elevando o suspense — ...o ótimo *Palavras e silêncio*, do talentoso Pedro Diniz.

O semblante do menino murchou e Carlo parou de filmar. Alguns alunos bateram em suas costas, outros ignoraram. A maioria deu risada. E o vencedor foi o filminho sobre a menina mais bonita do Ensino Médio que se apaixonou loucamente por um nerd do nono ano.

Ao contrário da expectativa de Pedro, nenhum maldito professor levava em conta seu descomunal esforço em superar um problema sem volta. Ninguém reconheceria que ele já saía em desvantagem. Nem sequer um desgraçado colocara na balança o fato inescapável de que, para ele, tudo era dez vezes mais difícil.

“Aquele ceguinho coitado...”

Bacana seria se Pedro pudesse simplesmente rir da percepção do cliente do Carlo's, ignorar por inteiro o comentário e seguir adiante como se tudo não passasse de uma brincadeira. Por obra do acaso, um naco de sorte em meio ao azar, ou quem sabe por uma tardia compaixão divina, lhe fora concedida a gentileza de levar vida normal até os doze anos. Pelo menos ninguém havia notado qualquer problema antes de Pedro começar a tropeçar em coisas bem à vista de todos, nas noites de brincadeiras no quintal de casa. A diminuição crescente da visão noturna foi o indício de que o negócio não era simples. E já perto dos dezesseis havia ido embora boa parte da visão periférica, restando-lhe a central, que, mais dia menos dia, iria embora também.

Tudo muito triste, até um pequeno milagre acontecer.

Ninguém entendeu por quê, mas aos dezenove anos a regressão da visão cessou, contrariando as expectativas médicas e a literatura consagrada sobre o assunto. Exames constataram visão estabilizada no olho direito e ligeiramente melhor no esquerdo, em relação às medições feitas ao longo dos anos. Esperança de ser aquele um caso raro de reversão da doença, pois nunca mais houve sequer uma microevolução rumo à cegueira. O problema estacionara em 70% da visão central no olho direito e 73% no esquerdo. Ele passou até mesmo a sentir orgulho por fazer parte de um time mutante, capaz de desafiar a lógica muitas vezes irrefutável da medicina.

Pouco mais de 70% da parte central do mundo era o que lhe restava...

Tornou-se outra pessoa. Antes, soturno, medroso, deprimido e acanhado. Depois da notícia, confiante, destemido, feliz. E quando o diagnóstico final confirmou a interrupção da degeneração, a

comemoração veio com a inscrição no vestibular para cinema. “De 70% vou fazer um inteiro!”, gritou, ao ler seu nome na lista de aprovados. A lógica era desafiada mais uma vez: a atividade que dependia essencialmente da visão se transformava na forma de mostrar a si mesmo que a vida voltava a fazer todo o sentido.

Agora, aos 25 anos e recém-formado no curso superior de audiovisual, ele decidira embarcar outra vez em seu maior sonho: a disputa pelo Cacau de Ouro, grande prêmio do cinema brasileiro. Desde o início da faculdade, sonhava com esse prêmio. Cada aula, cada livro, cada curta roteirizado e produzido, cada noite virada na ilha de edição, trabalhando na pós-produção de inúmeros vídeos, tudo isso tinha como objetivo se capacitar para ganhar a estatueta dourada estilizada no formato da fruta. A premiação, a cada dois anos, incluía um cheque de 30 mil reais ao vencedor. O dinheiro não tinha a menor importância, a obsessão era a estatueta. No dia em que ela viesse, o espaço vazio reservado no centro da estante de seu escritório finalmente seria preenchido.

Um de seus curtas-metragens, chamado “Incrível!”, havia chegado muito perto. A história do atendente de videolocadora que muda a realidade de uma comunidade pobre pela indicação de filmes clássicos fora selecionada entre os cinco finalistas da última edição do prêmio. Um feito notável, ainda mais pelo baixo orçamento utilizado. Mas, outra vez, um filme seu ficou com o quinto lugar.

O único prêmio recebido até então, o Tatu de Madeira, sentado na prateleira de seu quarto tal qual um fantasma a assombrá-lo dia e noite com olhos esbugalhados e boca aberta, já começava a ser corroído por cupins. A primeira colocação na mostra de inverno da faculdade, pelo curta-metragem “Feliz!”, era insuficiente para que ele se considerasse um cineasta com “C” maiúsculo. Amava o próprio filme, mas havia odiado, na mesma medida, as palavras do chefe do Departamento da Escola de Comunicação e Artes, da Universidade de São Paulo, e publicadas no jornal do campus: “Um roteiro filmado com dificuldade, e não menos mestria, por um de nossos estudantes iniciantes.” Pedro jamais aceitou o termo “dificuldade” no meio da frase.

Agora ele tinha um desafio e um problema pela frente. O desafio: filmar um roteiro magnífico, capaz de levar à grande tela uma história que surpreendesse as pessoas, a ponto de levantar o prêmio da mostra competitiva. O problema: ele não sabia onde estava esse roteiro magnífico. Em qual parte de sua mente, de sua história, de sua criatividade, em qual esquina do mundo real e fantástico se escondia tal ideia?

O roteiro burilado nos últimos três meses já não dizia mais nada a Pedro. O mote, outrora genial, viera perdendo força com o tempo. O comovente das primeiras versões parecia, agora, um amontoado de conceitos desconexos, um lixo cultural sem profundidade suficiente para arrebatá-los. E ele não sabia como consertar. Precisava de uma nova história. A quem lhe perguntava, mentia com a voz impostada: "Aguarde e assistirá a uma obra-prima."

Seis meses — prazo final para concluir o curta e inscrevê-lo. Talvez parecesse muito. Talvez quase nada. Talvez ele se enganasse, talvez acreditasse que a genialidade de um instante de inspiração pousaria sobre sua mente e tudo seria revertido como mágica.

Sua vida seguia assim: um grande e misterioso talvez.

O dia seguinte à batalha no Carlo's começou tarde. Às dez e tanto da manhã, Pedro conseguiu sair da cama. Parou em frente ao espelho e, cabelo desgrenhado e olheiras fundas, fez um levantamento do estrago. Um hematoma na lateral do olho direito e outro sob o esquerdo. Queixo inchado. Dor espalhada por cada canto do rosto. Forçou sorrisos de vários ângulos, para ver o quanto dava para esconder o buraco na boca. A distância entre o dente lateral esquerdo e o primeiro molar parecia infinita, ao menos àquela hora da manhã e sob o efeito da luz diagonal que atravessava o basculante. Aproximou-se mais do espelho, forçou os olhos e constatou:

— Nossa, eu tô horrível!

Voltou ao quarto, puxou a gaveta do criado-mudo e retirou a caixa com a coleção de óculos de lentes amarelas e âmbar. Escolheu um modelo novo, aro quadrado, design conservador. O anterior jazia em pedaços em algum canto do Carlo's. Pegou o celular e desceu para almoçar.

Não havia sinal de vida por ali. Ariadne quase nunca almoçava em casa e Carlo já deveria ter saído para limpar a bagunça deixada pela briga. Na geladeira, uma série de pequenos ímãs de letras trazia uma mensagem da mãe: "Seu pai contou da briga. Sopa no pote de vidro. Bj."

Pedro jogou a sopa no micro-ondas e ligou o celular. Nenhuma chamada. No WhatsApp, correu os olhos até o contato "Nina" e, como de costume, nenhuma mensagem. Desde o término do namoro, ela nunca mais enviara qualquer coisa, nem um "bom-dia". Destacava-se, na lista de contatos, apenas uma sequência de imagens raras de filmes antigos vindas do melhor amigo. Fit também cursava audiovisual na USP, calouro de Pedro com a diferença de três semestres. Quando assistira a "Feliz!", ele forçara a amizade,

impressionado com “o olhar de um gênio feliz sobre a inescapável condição da tristeza humana”. Pedro achava exagero, mas Fit guardava certa inocência e ele, no fundo, gostava de ter um fã daquela magnitude. Digitou:

“Grande Fit, belas imagens! Qual a boa?”

“O que é que há, velhinho?”, foi a resposta do amigo.

Fit era um aficionado pelos desenhos antigos da Warner, de Hanna-Barbera e outros estúdios menores. Quase todas as suas gírias de entrada e frases de efeito eram baseadas nos clássicos da animação, e ele sempre encontrava alguma brecha nos diálogos para soltar bordões de seus ídolos — Pernalonga, Leão da Montanha, Lippy, Tutubarão, Família Buscapé e quem mais coubesse com sutileza nas entranhas das conversas.

“O que é que há, não. O que *não* há. Não há um dente na minha boca hoje.”

“Caiu por quê?”

“Uma briga com clientes no restaurante do meu pai. Parece que um trem passou por cima da minha cara.”

“Mais bateu ou mais apanhou?”

“Acho que mais bati, mas apanhei um monte também. Dói tudo.”

“Vamos tomar uma hoje e você me conta.”

“Pensei em desaparecer até colocar o dente de volta. Minha cara está ridícula.”

“Hoje tem rock no Cultural. Vamos?”

“No Cultural de novo?”

“Todo dia é dia.”

“Isso pra você, que mora a meio quarteirão do bar.”

“Deixa de onda! Vamos ou não?”

Pedro demorou um pouco a digitar a resposta:

“Nove horas?”

“Combinado.”

Ele retirou o prato de dentro do micro-ondas e ligou a TV. Sempre o canal de curtas-metragens, o olhar crítico sobre os argumentos, sobre o desenrolar das ações, os conflitos crescentes e os incidentes plantados para levar as histórias adiante. Divertia-se

tentando encontrar inconsistências invisíveis aos leigos. Desde que se iniciara nos segredos do cinema, os filmes nunca mais foram os mesmos.

Naquele dia, o conteúdo estava muito mais interessante do que a forma. Pegou pelo meio um documentário sobre infanticídio indígena em tribos amazônicas, culturas em que crianças deficientes são descartadas ao nascer. Abandonadas nas matas ou envenenadas. Era dever do Estado impedir tamanha crueldade, diziam alguns entrevistados. Liberdade e diversidade cultural, opinavam antropólogos. Uma questão complexa, conclusão unânime.

Ele quase perdeu a hora do trabalho, absorvido pela força e tristeza das imagens capturadas em película 35mm. Quando começaram a subir os créditos, pouco antes do meio-dia, correu até o quarto e se arrumou de qualquer jeito. Desceu e só então decidiu fazer algo para consertar o estrago da briga. Pegou um saco plástico, jogou algumas pedras de gelo dentro, amarrou e saiu para o ponto de ônibus. Foi pressionando o saco gelado no rosto.

A VIP era uma das últimas videolocadoras de São Paulo. Outrora localizada na região nobre dos Jardins, para não fechar teve de ser deslocada para a periferia da cidade. Ninguém mais da classe alta alugava filmes. Culpa da internet, dos sites que disponibilizavam filmes para download e das TVs a cabo. Nas regiões mais pobres, ainda era possível ganhar dinheiro com DVDs. Mesmo assim, metade do espaço da loja já andava ocupado por gôndolas com potes de batata frita, pipoca de micro-ondas, chocolates, refrigerantes, pendrives, notebooks e todo tipo de bugiganga consumida pelo público da região.

Pedro era o entusiasmado gerente da VIP nas manhãs de terça e quinta. Nos outros dias da semana, gerenciava à tarde. Era o responsável direto pelo fato de a loja ainda manter um razoável fluxo de clientes. Francisco, o dono da locadora, não o dispensava por nada no mundo, pois ninguém era capaz de indicar um filme como Pedro. E assim ele tinha salário suficiente para pagar algumas contas, diversões e parte dos projetos cinematográficos. “Se até o Tarantino trabalhou em locadora, por que não eu?”, ele respondia quando os amigos perguntavam por que mantinha aquele emprego.

Mas, além de ser seu ganha-pão, a VIP era o lugar onde sentia fazer alguma diferença no mundo. “Meu destino está ligado àquele lugar. Se eu conseguir convencer um jovem da periferia a alugar um clássico, e depois ele me contar algo surpreendente sobre o filme, terei cumprido minha missão na Terra”, este era o seu contra-argumento quando a mãe dizia que a periferia não era lugar para um jovem do seu nível.

Quarta-feira era o único dia da semana em que saíam mais filmes do que chocolates e refrigerantes, especialmente pela redução à metade do preço irrisório da locação. Alugavam-se clássicos por dois reais e lançamentos por três. Os lançamentos praticamente

desapareciam das prateleiras. Já os poucos títulos da seção de clássicos sofriam para receber interessados.

Pedro cumpria a ferro e fogo sua missão: por não raras vezes empurrou a algum jovem aparentemente desencaminhado um título “necessário para a compreensão da realidade da vida”. Nesses casos, inventava promoções-relâmpago: o décimo cliente do dia, o centésimo do mês, o milésimo do ano. Dizia, à boca pequena: “Parabéns ao feliz vencedor, que levará de graça este clássico do cinema! Se na devolução me relatar a experiência com o filme, ganhará também esta magnífica pipoca sabor manteiga.”

Ao final do expediente, abria o caixa e jogava lá dentro dois reais do próprio bolso ou, se fosse o caso, o valor da pipoca.

Naquele início de tarde, ele entrou na loja pedindo desculpas aos outros dois funcionários pelo atraso. Silvana, a menina do estoque, nem se mexeu. O atendente, Haroldo, arregalou os olhos e soltou:

— Meu Deus do céu, chefe! Que cara inchada é essa? Bebeu?

— Mexeram com meu pai, que começou a brigar porque me sacanearam.

— Que beleza esse amor de pai e filho, costurado pelas agulhas e fios da porrada! — Silvana comentou, enquanto devolvia DVDs às prateleiras.

— Meu pai nunca se mete em briga. Diferentemente de mim, ele tem pavor de confusão — Pedro devolveu, olhando-se no espelho convexo sobre a porta de entrada, onde novamente constatou a feiura de seu rosto.

— E desde quando você é de briga? — perguntou Haroldo levantando uma sobrancelha.

— Ah, eu mudei muito. Na adolescência meu sangue corria pelando. Com o tempo mudou para quente e hoje considero morno. Poucas pessoas sabem como é ser sacaneado dia e noite, e precisei aprender a relaxar. Não dá pra brigar contra o mundo e contra a natureza.

— Mas você enxergou alguma coisa durante o quebra-pau?

— Na medida do possível. Até meus óculos voarem longe, bati em quem apareceu na frente.

— Será que não bateu no seu pai?

— É possível, mas prefiro pensar que não. — Pedro massageou as têmporas e depois o queixo. — Bom, chega de conversa fiada. Hoje é quarta, dia de faturar alto. Como está o movimento?

— Fraco — os dois responderam juntos.

— Mas vai melhorar. Sempre melhora.

De fato, do meio da tarde até o início da noite o entra e sai foi intenso. Às oito, quando Pedro se preparava para encerrar o expediente, de repente notou, em frente à prateleira de clássicos, um jovem alto, forte, casaco, gorro na cabeça, tênis surrado, calça frouxa no meio da bunda e quase metade da cueca branca de fora. Como não era raro a loja ter problemas com assaltos, Pedro espreitou pelos espelhos convexos presos ao teto. E no instante em que o rapaz fez um gesto rápido e puxou da prateleira uma caixinha de pendrives, levantando o casaco para escondê-la, Pedro deu um pulo, se aproximou e falou, em voz alta:

— Posso ajudar?

— Eu... só estou olhando — respondeu o jovem, e, de forma pouco sutil, recolocou a caixinha na prateleira.

— Gosta de clássicos do cinema?

— Conheço não.

— Acredite que aqui estão os melhores filmes da locadora.

O rapaz não se manifestou, continuou olhando para os títulos.

— Temos uma promoção — Pedro soltou a velha tática.

— Qual?

— O primeiro cliente a ficar em frente à prateleira de clássicos, às quartas-feiras, na última meia hora antes de fecharmos leva um filme de graça.

Não houve comentário à proposta.

— É sério! Pode escolher um — Pedro retomou.

— Precisa não.

— Qual seu gênero preferido?

Os ombros do jovem foram para cima e para baixo, mostrando indiferença.

— Vou indicar um filme. — Pedro ajustou os óculos, passou os dedos sobre as lombadas e enfim puxou. — *Sociedade dos poetas mortos*, muito inspirador.

Entregou-o ao rapaz, que virou a caixa de um lado para outro e balançou a cabeça, concordando. Pedro deu a estocada final:

— Ótimo! Ah, e se na volta me disser o que achou do filme, ainda leva uma pipoca...

Assim que Pedro terminou o cadastro e seu novo cliente deixava a loja, Haroldo chegou ao balcão.

— Te vi passando *Sociedade dos poetas mortos* para o camarada...

— Qual o problema?

— Nenhum. — Haroldo coçou o queixo. — Quem sou eu pra duvidar? Mas acho que ele não vai entender coisa alguma da história.

— Por que não?

— Nada contra o pessoal da região, mas com aquela cueca aparecendo? Sei não...

— Meu Deus, olha o preconceito com as cuecas de fora! — Pedro gargalhou com o próprio comentário. — É bem provável que ele não vá se conectar integralmente, admito. Mas não importa o contexto. Quebrar paradigmas, fazer diferente, é por aí.

— Paradigma? Você está viajando! Ele vai achar que é palavrão e te dar uma surra.

— Que tal "iluminação"? Se ele voltar com um mínimo de luz, meus dois reais terão valido a pena. Todo mundo merece uma chance.

— Quer apostar?

— Em que termos?

— Se ele nunca mais voltar ou se voltar e não tiver entendido nada, ganho um dia de folga.

— E se, ao contrário, o filme fizer diferença para ele?

— Cubro duas manhãs suas aqui na loja — propôs Haroldo.

— Combinado.

— O velho otimismo de sempre...

— Isso se chama “plantar sementes”, meu caro. E você, mais do que ninguém, entende do que estou falando...

Sentada na entrada principal do Cultural, dona Rebeca parecia uma agente de portaria a fiscalizar o movimento dos clientes em seu bar. Conforme combinado com Fit, Pedro chegou perto das nove da noite, deu a volta por trás de alguns carros estacionados em frente ao prédio e entrou pela lateral. Não queria escutar reclamações sobre a baixa frequência no cineclube.

A banda de rock, um *power* trio acústico, estava no meio de uma música do Oasis, na já tradicional sequência de BritPop, que, invariavelmente, incluía algumas do Blur, Coldplay, Radiohead, Franz Ferdinand, e coisas mais obtusas, como The Verve e Supergrass. Pedro encontrou o amigo sentado à mesa do canto. Chegou com a mão sobre a boca.

— Grande Fit!

— Deus do céu, que cara horrível!

— Eu falei que era melhor eu me recuperar antes.

— A solução é beber pra esquecer.

— A única.

— Topa, então, um desafio valendo a próxima rodada de chope?

— Topo.

Fit endireitou as costas, engrossou a voz e soltou:

— Eu preciso recarregar as minhas forças... eu posso sentir as minhas energias voltando.

Pedro ficou olhando para o amigo. Pensou durante alguns segundos sobre de quem seria a frase e desistiu:

— Não faço a menor ideia.

— Rá!

— Quem era?

— Hoomem-Páááássaro! — A voz saiu grave, num arremedo de eco.

— Verdade. Tinha me esquecido dele.

— Nem sempre você vai ganhar, lembre-se disso — Fit comentou, apontando para Pedro.

— Já nasci perdendo, então qualquer pequena vitória em meio às derrotas é lucro.

— Nossa! Quanto pessimismo para uma quarta-feira regada a rock and roll!

Fit fez sinal de dois chopes com um dedo de colarinho para a garçonete e emendou:

— Conta aí como foi a briga no restaurante do seu pai.

— Ah, não foi nada boa. Não posso sorrir, a coisa anda feia aqui na boca.

— Eu não queria dizer, não, mas está mesmo um horror essa estratégia de esconder a banguela com a mão.

— E qual estratégia você sugere?

— Nenhuma. Os banguelas também fazem parte da espécie humana, coitados. Agora, você é membro desse grupo social e não deve renegar seus semelhantes.

Pedro não conseguia acreditar no que ouvia e começou a sorrir. Fit emendou, com o indicador levantado:

— Por isso prometo não contar nada engraçado. Não quero ter o desprazer de presenciar a cena de você rindo com esse buraco negro na frente. Não vou nem lembrar aquele dia no boliche e...

— Bicho, não começa! — Pedro abriu a boca num riso forte e colocou de novo a mão na frente.

Fit continuou, olhando de soslaio:

— ...o gordinho de barba na pista ao lado... o passinho... o pulinho... o giro sobre o calcanhar e... Pera só um instantinho que vou ao banheiro! — Fit levantou-se e saiu gargalhando em direção ao toailete, imitando o gordinho.

O simples fato de não poder rir, de ouvir aquilo e de se lembrar de uma das cenas mais idiotas de todos os tempos, foi combustível para Pedro cair na risada. A mão tentava esconder o buraco e justo por isso ele ria ainda mais alto. Baixou a cabeça e começou a socar a mesa, rindo como poucas vezes na vida.

Após recuperar o controle, levantou o rosto e se assustou com o chope gelado à sua frente e a garçonete plantada ao lado, papel e

caneta na mão. Ruiva, olhos verdes, sorriso aberto. Ele voltou a pôr a mão na frente da boca, endireitou as costas e ficou na diagonal, para bloquear a visão da falta do dente e do rosto amassado.

— Oi... Desculpa... Eu... É que meu amigo ali... — Tentou melhorar o estrago diante da menina.

— Seu amigo disse para eu vir tirar o pedido da comida — ela disse e ficou olhando para ele com o olhar desconfiado.

— O Fit me paga!

— Desculpa, não escutei. Qual o pedido?

Pedro se virou em direção a ela e, enfim, tirou a mão da boca, jogando as cartas da verdade sobre a mesa: estava desdentado e a probabilidade de aquilo não causar danos à sua imagem passava a ser praticamente nula.

— Eu não me lembro de você aqui. É nova?

— E por que deveria se lembrar? — Ela fixou o olhar na boca e nos hematomas de Pedro.

— É porque eu mais ou menos meio que trabalho aqui. E nunca te vi.

— Trabalho há poucos dias no Cultural.

Ele tirou os óculos e apertou os olhos.

— Aaahhh! A menina que aparecia e desaparecia durante o *Gênio indomável*...

— Eu não podia ficar o tempo todo lá embaixo. Seria despedida antes de completar minha primeira semana.

— E quais suas impressões sobre o filme?

— Gostei de suas considerações antes de começar e peguei mais ou menos algumas partes. Não consigo fazer nenhum juízo.

— Uma pena. Filmes podem nos revelar muitas surpresas, se olhados da maneira correta. Recomendo que assista ao filme inteiro algum dia.

Fit chegou do banheiro e entrou na conversa, voz de tenor, cantarolando animado em direção à garçonete:

— *Hello my baby, hello my honey, hello my ragtime gal...*

Ela arregalou os olhos e abriu a boca. Pedro se apressou em explicar:

— O sapo cantor.

— Ähn?

— É aquele desenho do sapo que... Ah, nada não.

— Já fizemos o pedido do petisco? — Fit sentou-se e deu um gole no chope.

— Estávamos justamente nessa parte. — Pedro correu os dedos pelo cardápio três vezes.

— Filé palito com gorgonzola? — A garçonete sugeriu.

— Perfeito! — Pedro bateu na mesa.

A moça anotou o pedido e saiu, enquanto Fit franzia a testa olhando o amigo:

— Ei, desdentado, você não odeia gorgonzola?

Pedro nem prestou atenção na constatação de Fit. Esfregou as mãos, deu um demorado gole no chope e ficou admirando a menina se afastar. Então disse:

— Nossa, a dona Rebeca se superou dessa vez!

— Oi?

— Coisa linda dos cabelos de fogo.

— De quem você está falando?

— Você não achou?

— O quê?

— Ótimo! Neste caso, a prioridade é toda minha.

— Prioridade do quê? Onde? Eu, hein! Bebeu, foi?

— Bebi só meio copo, mas já estou tropeçando em mim mesmo...

Pedro e Carlo chegaram em casa praticamente juntos, perto da meia-noite. Mal Pedro desceu do ônibus, no início da rua, o pai passou de carro, parou e abriu a porta.

— Chegando tarde, filho. Coincidência a gente se encontrar.

— Saí do trabalho e fui beber no Cultural com o Fit. Como foi hoje no restaurante?

— Consertamos a bagunça e ficou tudo bem. Mas o movimento foi fraco.

— Vai melhorar, acredite.

Todas as luzes da casa estavam apagadas. Carlo subiu as escadas e Pedro foi para a cozinha beber água. Encostado à pia, ele não conseguia tirar da mente a imagem da garçonete. O rosto, o jeito de sorrir, os olhos verdes, a cor dos cabelos e a voz levemente rouca.

Após alguns instantes, Carlo apareceu na cozinha, olhar esbugalhado e celular no ouvido. Andava de um lado para outro. Jogou um papel sobre a mesa. Pedro leu: “Não aguento mais tantas noites sozinha. Fui para a casa da minha mãe. Desculpa sair assim, a gente conversa amanhã.”

Um bilhete lacônico, palavras pondo fim a uma história de quase trinta anos. O coração de Pedro disparou.

— Ariadne, me atende, por favor! — A voz de Carlo saiu embargada no recado deixado no celular da esposa.

— Calma, pai.

Carlo desligou e ligou outra vez.

— Pelo amor de Deus, Ariadne. Não faz isso. Não faz, por favor...

Pedro morreu de pena do pai aquela noite. O homem seguro e batalhador se desmanchava como sal na chuva, ali, à sua frente, chorando de incredulidade e desespero.

— Calma, pai. — Palavras repetidas na falta de algo melhor a ser dito.

Pedro acordou muito cedo e saiu. Precisava abrir a VIP e não queria se contaminar ainda mais com o clima instalado dentro de casa. As poucas horas de sono haviam sido entremeadas por frações de insônia, cheias de pensamentos obscuros sobre como seguiria a vida dali em diante, caso a mãe resolvesse desistir mesmo do casamento. Ele não conseguia definir com precisão seus sentimentos.

Mãe, atende! Vamos conversar. Pensa direito. Volta.

Provavelmente, as mensagens que deixara escritas no celular de Ariadne durante a madrugada fossem as mesmas que o pai deixara em voz. Talvez estivesse com pena do pai. Talvez não devesse se meter. Ou talvez devesse concordar com as razões da mãe. A situação não andava bem havia muito e de repente uma separação, momentânea ou definitiva, poderia até ser parte da solução para duas vidas que andavam no automático. Amava os pais incondicionalmente, por isso decidiu não tomar partido. Já tinha problemas demais para resolver, um filme a produzir, o trabalho, tudo permeado pela deficiência que lhe negava a plenitude das sensações.

O dia seguiu esquisito. Ele não conseguiu se concentrar em nada, nem durante a parada para o almoço, quando, finalmente, correu ao dentista e preparou um canino provisório. Em contato direto com os pais, pelo celular, foi tomando pé da situação e tentando, na medida do possível, entender o que estava acontecendo. Sua família sempre fora um tripé de sustentação erguido diante de dificuldades, a maior delas sua própria deficiência visual, e parecia estranho tudo ruir em razão da falta de amor entre os pais. Mas não houve jeito. A situação requeria tempo, uma parada, um pensar sobre a vida, enquanto existisse uma fagulha de possibilidade de a história ser retomada mais à frente. Para não

desmoronar tudo de vez. Que ficassem como achassem melhor. Pedro observaria de longe.

E a decisão, melhor ou não, acabou sendo que Carlo iria embora.

O pai resolveu morar no subsolo do restaurante, mesmo com a ponderação de Ariadne de que ela própria deveria se mudar para a casa da mãe, pois havia sido dela a ideia de romper. “Quem sai de casa é o homem, e saio de cabeça erguida”, palavras de Carlo, cheias de orgulho e ressentimento, quando Pedro sugeriu a ele que aceitasse a oferta da mãe. Pedro julgava impossível para o pai viver de forma decente no subsolo do Carlo’s, mas creditou a decisão a uma estratégia para plantar em Ariadne a semente da piedade que floresce em remorso, a ponto de ela, quem sabe, implorar sem demora sua volta.

Entre os fatores responsáveis pelo fim de um casamento que, outrora, parecia indestrutível, talvez manter o restaurante não fosse um dos maiores. Carlo até considerava ter um negócio bacana e descolado como parte do rol das tais coisas capazes de trazer novidades na vida do casal. Apostava no tempo como trunfo para convencer Ariadne disso, mas havia justamente muito tempo que os dois conversavam pouco e não se tratavam mais como amantes. Os temas recorrentes, coisas de casa, nunca planos e projetos conjuntos, eram mesmo impossíveis de enredar uma história sem pontas soltas. Pedro sabia que a terapia de casais, frequentada durante seis meses até Carlo revelar que achava tudo uma grande bobagem, havia sido mesmo o último suspiro de Ariadne para salvar a relação.

Ao chegar em casa, à noite, Pedro encontrou Carlo estirado no sofá da sala, olhar perdido, o copo de uísque quase no fim. *The anthology*, de Muddy Waters, CD que o pai sempre colocava nos momentos de tristeza, em alto e bom som, era a trilha de um derrotado.

— Bebe comigo, filho.

Pedro diminuiu o volume e se serviu de um pouco do quinze anos. Sentou-se no sofá em frente, tirou os sapatos e colocou os pés sobre a mesinha de madeira, ao centro.

— Como você está, pai?

Carlo não respondeu, apenas olhou firme para o filho, olhos vermelhos e rasos d'água. Pedro continuou:

— Não abriu hoje o restaurante, né?

O pai negou com a cabeça.

— E a mãe?

— Na sua avó. — Carlo suspirou. — Pedi dois dias para organizar as coisas e sair.

— Ô, pai. Tudo vai se resolver. O que ela falou?

— Ah, os velhos problemas. A vida que entrou no automático, a falta de emoção, os objetivos que ela já nem sabe quais são.

— E por que não tentam colocar claramente novos objetivos?

— Não é tão simples, você acompanhou de perto. A terapia ajudou pouco. Todos os exercícios do programa bolado pela terapeuta, viagens curtas, palestras, promessas e tentativas, nada disso reacendeu a tal chama.

— Você sente que tentou de tudo?

— Não sei onde errei, se fui exigente, negligente, ou se me agarrei na segurança de que ela nunca ia tomar a decisão de ir embora.

— Tá doendo?

— Muito. Não foi dolorido quando a Nina te deixou?

— Guardadas as devidas proporções, porque a Nina era só minha namorada de cinco anos e você e a mãe estão juntos há trinta, sei que a gente fica na merda. Você viu como eu me afundei.

— Pois é...

Ficaram em silêncio, Muddy Waters lamentava em "Rollin' stone".

— Pedras que rolam não criam limo... — Pedro jogou no ar o mantra de Carlo.

— Pois eu estou rolando ladeira abaixo.

— Quem sabe vocês dois precisem se dar esse tempo. Não é uma boa?

— Não sei de nada, pra ser sincero.

— Se precisar de alguma coisa é só me chamar.

— Agora, como nunca, vou precisar mesmo da sua ajuda, filho.

Você foi um presente que caiu na minha vida, que me foi mandado pra torná-la um pouco mais feliz.

— Valeu, pai.

— Presta atenção nisto: você foi um presente que apareceu na minha vida — Carlo repetiu. — Mesmo se eu acabar sozinho, sempre vou ter você.

Pedro jamais ouvira o pai falar daquela maneira, e ele próprio nunca encontrara jeito para se abrir e dizer o quanto amava o pai.

Um abraço forte e demorado deu conta de responder.

No dia seguinte, Pedro ligou para Haroldo, explicou a situação e não foi trabalhar. Desde cedo se prontificou a ajudar a encaixotar as coisas do pai, muito mais pela vontade de não deixá-lo sozinho do que pela necessidade de carregar a mudança.

Algumas caixas de papelão, que abrigaram latas de molho de tomate ou garrafas de vinho, foram trazidas do restaurante. Mesmo se Carlo quisesse, não conseguiria levar muita coisa para a nova casa, já que lá não havia espaço sobrando. A totalidade da mudança seria composta por não mais que duas malas grandes com roupas e poucas caixas com os objetos pessoais mais queridos. O quadro de montanha e sol que Pedro pintara na infância, com a palavra "Paisão", nunca corrigida. O cinzeiro de prata. O velho *Dona Benta* reencapado. Dois ou três CDs. A foto da jovem Ariadne sem as rugas do tempo, escondida por Carlo na mala, numa tentativa frustrada de movimento discreto.

A despedida melancólica de uma vida.

Depois de ajudar a embalar com plástico bolha os objetos da sala que seriam levados, os dois subiram até a suíte do casal. O semblante de Carlo provocava pena no filho, misto de palavras balbuciadas, olhares distantes e gestos lentos. Pedro tentava animá-lo com argumentos que até poderiam ser verdadeiros, mas que se mostravam pouco convincentes naquele dia: "Você vai poder dedicar mais tempo ao restaurante e isso pode ajudar a melhorar os negócios"; "Quem sabe a mãe sente sua falta"; "Pense pelo lado positivo de que vocês vão dar mais valor um ao outro"; "O isolamento é bom para refletir"; "Vai ser uma merda, mas você vai superar".

Abriam as portas do armário e, uma a uma, as roupas de Carlo foram distribuídas nas malas. Pedro soltava o botão do colarinho das camisas sociais, tirava o cabide, voltava o botão para dentro da casa,

dobrava e guardava. Carlo mexia com as calças e outras peças. Silêncio.

Quando a última camisa foi retirada, Pedro notou um objeto no fundo do armário. A iluminação fraca o impedia de ver do que se tratava. Puxou a peça e a posicionou em direção à luz do quarto, mais forte. Uma lata baixa e retangular, com o desenho de um navio branco e preto e três chaminés alaranjadas, fechada por um cadeado de mala com segredo de três números.

— Pai, e esta lata? Vai ou fica?

Carlo arregalou os olhos, jeito nervoso, puxou a lata das mãos do filho, abriu uma gaveta com roupas de Ariadne e a jogou lá dentro.

— Não... Ela... Não vai.

— O que tem aí dentro? — Pedro perguntou ao perceber o desconforto do pai.

— É... Não... Nada e... Isso, não é nada. É coisa da sua mãe. Ajuda aqui a colocar os sapatos naquela mala vermelha.

Pedro fixou o olhar em Carlo, boquiaberto. Mas preferiu recuar e deixar de lado coisas não ditas ali. Aquele não era um momento seu, mas do pai. Devia, por respeito, manter a concentração nos sapatos e no desenrolar da triste cena de despedida.

O telefone de Pedro vibrou no meio da tarde. Fit, após abrir o diálogo com a frase do Pernalonga, perguntando ao velhinho o que é que havia, convidou o amigo para a cerveja da sexta à noite.

- Hoje, não. Tenho outros planos.
- Planos sobre?
- Sobre algo que preciso fazer por mim...

Perto das onze da noite, Pedro entrou no Cultural pela porta da frente. Dona Rebeca, de costas dentro do balcão, atendia um cliente. Mayla, sentada no caixa, comentou:

- Olha só quem apareceu!

Ele colocou o indicador na frente da boca, apontou para dona Rebeca. Em seguida, travou os dentes e deslizou o dedo sobre a garganta. Ela abriu um sorriso e cochichou:

- E qual o motivo da roupa tão bonita? Tá até usando perfume...

- Um motivo de cabelos vermelhos.

- Ähn?

Dona Rebeca virou, balançou a cabeça e comentou:

- Ora, ora, ora! Dom Pedro!

- Vim aqui só para visitar a senhora. Eu estava com tanta saudade...

- Deixa de onda, menino! E aí, quando vamos encher aquele cinema? Nunca?

- Vou programar um filmaço para a próxima terça, a senhora vai ver. Ou não me chamo Pedro Diniz.

- Sei. É bom melhorar, senão a coisa vai ficar feia pro seu lado.

- Combinado, chefia!

Mayla retomou a conversa interrompida:

- Um motivo de cabelos vermelhos e...

— E olhos verdes.

— Já entendi. Você não vale nada, hein?

— Eu não valho nada? Estou sozinho desde que a Nina me deixou, e nunca depois dela tive qualquer rompante de empolgação relacional.

— Rompante de empolgação relacional? Isso significa o quê?

— Significa que fui acometido por uma paixonite retumbante aguda.

— E onde está esse motivo de cabelos vermelhos?

— Bem ali atrás, em pé, entre as duas mesas do canto, segurando um cardápio. — Ele apontou com o queixo. — Mas não olha agora.

Mayla virou na hora e sorriu.

— Aaahhh, a novata.

— Qual o nome dela?

— Pergunta você mesmo para ela, ué! Isso não faz parte da conquista de seu rompante de... o que mesmo?

— De empolgação relacional.

— Isso.

— A que horas ela sai?

— Como hoje o movimento está fraco, antes da meia-noite.

— Vou esperar sentado lá fora.

Mayla ficou rindo e balançando a cabeça em direção a ele.

Pouco tempo depois, a ruiva pisou fora do café, segurando um capacete cor-de-rosa. Pedro deu um pulo em sua frente e gritou:

— Coincidência!

Ela se assustou, demorou alguns segundos até reconhecê-lo.

— Assustei você? — Ele espalmou as duas mãos em direção a ela.

— Não. Mas estou duvidando dessa coincidência. — Ela riu.

— De certa forma, eu e você trabalhamos aqui no Cultural. Podemos considerar uma coincidência previsível.

— Então foi um prazer reencontrá-lo. — Ela se sentou na pequena *scooter* branca e colocou o capacete.

— Não! Espera aí. Já vai embora?

— Acabou meu expediente, o dia foi longo, ficar em pé dói, a dona Rebeca hoje estava naqueles dias... A lista é longa.

— Mas já é sábado, e esse é um motivo fortíssimo para incluir no final da lista.

— E...?

— Sábado é o dia mundial da cerveja e da conversa bacana.

— Já sei. E você vai me dizer, dois pontos, abre aspas, que: "A vida é uma só e não temos tempo a perder." Fecha aspas.

— Você é vidente?

— É o costume de ouvir essa frase dia sim, dia não.

— Vou tentar me diferenciar dos outros com uma bem melhor, posso?

— Sinta-se à vontade.

Ele pensou um pouco e soltou:

— Dois pontos, abre aspas: "Sabe aqueles balanços que a gente faz no dia do ano-novo, em que analisamos como foi o ano que passou e recordamos os grandes momentos, aqueles diferentes e inesquecíveis?"

— Aham... — ela enunciou e semicerrou os olhos.

— Então, se você não sair comigo para um café, uma cerveja, ou pelo menos um bate-papo, do que vai se lembrar sobre a noite de hoje lá na festa de ano-novo?

Ela ficou sorrindo e ele continuou a tese:

— Certamente, não vai se lembrar de ter colocado seu capacete cor-de-rosa, montado em sua moto de brinquedo e fugido para casa. A noite de hoje será página virada no livro da sua vida. Maaaasssss...

— Pedro levantou o indicador. — Se sair comigo daqui, aposto como vai se lembrar desta noite. Não estou nem dizendo que ela será perfeita, você pode até não achar nada interessante. Mas é certeza que vai se lembrar de alguma coisa. No mínimo, terá a lembrança remota de um camarada chato que tentou convencê-la de uma teoria sem sentido.

— Quantas vezes você já usou essa teoria?

— Acabei de inventar. Mas se não fui convincente posso tentar outra menos filosófica.

A menina deu risada. E completou:

— Foi boa, admito.

— Nossa vida é feita de um monte de momentos esquecíveis, entremeados por pouquíssimos inesquecíveis. Por que não darmos a nós mesmos o presente de tentar viver um inesquecível?

Ela estendeu a mão e disse:

— Muito prazer, Cristal.

Apertaram-se as mãos e ele olhou fundo nos olhos dela.

Caminharam até outro bar, na esquina seguinte, longe dos olhares curiosos de dona Rebeca. Sentaram-se e pediram dois chopes.

— Sabe, eu tenho uma curiosidade. — Cristal começou.

— Pode perguntar.

— Os óculos amarelos à noite são parte do charme de cineasta irreverente e excêntrico?

— Quem me dera... Na verdade, são parte da necessidade de aliviar um problema na visão.

— Nossa, me desculpa. — Ela ruborizou.

— Não precisa se desculpar. Não seria eu se não fosse assim. Degeneração da retina. Mais ou menos 70% de visão central é o que me restou. A periférica já foi embora faz tempo, e isso significa que eu não enxergo muito bem o que está acontecendo aqui dos lados. A lente amarela diminui o ofuscamento, principalmente à noite.

— E como você pegou?

— A gente não pega, a gente nasce. — Pedro riu. — Ou melhor, pode até ser uma mutação, mas quase sempre é hereditário. Meus pais são primos de primeiro grau.

— Sério? Mas... Você vai... — Cristal parecia não saber como falar.

— Se eu vou ficar cego? Não, não. Quer dizer, em tese eu deveria. Mas sou uma aberração positiva da natureza, uma raridade. Há pouco mais de seis anos minha degeneração parou. Segundo os especialistas, devo ficar assim para sempre.

— Uma luz em meio à escuridão.

— Uma luz fraca. Já me acostumei a ela. O que enxergo é suficiente para compreender o mundo.

— Compreender o mundo é tarefa complicada para qualquer pessoa, enxergue ela ou não. Então você não está melhor nem pior do que ninguém. E lembre-se: muita gente vê tudo, mas não enxerga nada.

— Talvez esse seja um consolo válido. Setenta por cento é melhor do que 60%, que é bem melhor do que 50% e infinitamente melhor do que nada.

— Um viva aos 70%!

— Viva! — Pedro levantou o copo. — E também tenho uma curiosidade. Este nome, Cristal...

— Ah, coisa da cabeça da minha mãe. A filha linda, preciosa e frágil, que todo mundo teria vontade de cuidar e blá-blá-blá...

— E ela acertou?

— Passou longe. Não sou quietinha, não fico encabulada fácil, não sou tímida. Ah, e não sou bailarina nem designer de interiores.

— É garçonne.

— Garçonne é só um bico para pagar um curso e uma viagem que pretendo fazer. Sou estudante de física.

Pedro arqueou as sobrancelhas. Tomou um gole. Ela completou:

— Nuclear.

Ele engasgou com o chope. Começou a tossir e a rir.

— Física nuclear?

— Por que o espanto? Já sei... Não precisa falar. Dois pontos, abre aspas: "Eu jamais imaginaria encontrar na vida uma física nuclear, garçonne, ruiva, de olhos verdes, em cima de uma *scooter*." Fecha aspas. Vocês são todos iguais.

— Não vou mentir. É exatamente o que eu diria. — Pedro pousou a mão sobre o peito e apertou os lábios. — Mas agora sou obrigado a confessar: você me dá medo.

— Medo? — Cristal riu e deu um gole no chope.

— Sei lá, você pode ser uma louca prestes a preparar uma bomba para explodir o quarteirão comigo dentro. Medo, muito medo!

— Por isso o mundo não vai pra frente. Por que todas as pessoas sempre têm de achar que só o que um físico nuclear faz é construir armas de destruição em massa?

— Talvez porque alguns físicos nucleares tenham feito isso?

— Os bons pagam pelos maus, sempre assim. Para sua informação, minha especialidade não tem nada a ver com bombas, ainda que algumas vezes eu tenha muita vontade de criar uma e colocar tudo pelos ares.

— Ok, desculpa minha ignorância. Mas qual especificamente é seu estudo?

— Estou direcionando minhas matérias para a área de arqueometria.

Pedro levantou os óculos e ficou olhando Cristal. Ela devolveu o olhar arregalado. O silêncio durou muito tempo. Ele levantou o indicador, ameaçou comentar alguma coisa, abriu a boca e fechou. Tomou um gole de cerveja, balançou a cabeça. Cristal começou a sorrir. Enfim, Pedro falou:

— Como é o negócio aí? Arqueo... o quê? — E soltou uma gargalhada.

— ...metria. Mas não vou entregar assim, de mão beijada. Vou deixar alguma coisa pra você descobrir. Essa você vai ter de pesquisar. — Cristal gargalhou também e emendou: — E você, o que faz, além de ensinar as pessoas a olhar os filmes por outros ângulos?

— Não faço muita coisa fora do universo do cinema. Sou formado em audiovisual, trabalho em uma locadora de filmes, meu *hobby* é ser curador de cineclube e estou produzindo um filme. Bem simples: cinema, cinema, cinema e... cinema.

— E seu filme é sobre o quê?

— Sinceramente? — Pedro deu um demorado gole no chope.

Cristal balançou a cabeça. Ele suspirou e soltou:

— Não faço a menor ideia...

Ele chegou em casa cansado, bem depois das duas da manhã, e ainda assim foi complicado dormir. Não conseguia parar de pensar em Cristal. Tirou do bolso o guardanapo em que ela anotara o e-mail e mirou sua escrita impecável de estudante. Todas as dezoito letras do endereço milimetricamente de mesma altura e largura, como se fossem palavras escolhidas de propósito para o arroba, em circunferência também perfeita, poder cair bem no centro.

— Física nuclear. Quem diria... — ele balbuciou e soltou um largo sorriso.

Ficou na dúvida sobre enviar ou não uma mensagem na madrugada. O velho dilema entre adotar o estilo difícil ou escancarar a porta. Desde que Nina o abandonara, ele não tinha mais experimentado a vontade de estar com alguém. Ligou o celular, abriu o Facebook e digitou "Cristal". Não foi difícil encontrá-la, mas como não eram amigos na rede social, era impossível ver qualquer publicação ou foto. Apenas a foto do perfil, de olhar verde, cabelos vermelhos descendo pelos ombros e sorriso desconfiado. Clicou para solicitar amizade e então abriu o e-mail e digitou: "Só queria perguntar se você já consegue imaginar se, na festa de fim de ano, assim como eu, vai se lembrar de cada detalhe da noite de hoje..."

E ficou olhando para a tela do celular, esperando a resposta, até seus olhos começarem a doer e o sono confundir seus pensamentos.

O primeiro fim de semana sem o pai estava mais vazio do que o habitual na enorme casa em que, por 25 anos, moraram apenas três pessoas. Ariadne não voltara ainda, tinha preferido passar alguns dias no colo da mãe. Restava a Pedro, ali, um silêncio que chegava a incomodar. Ao menos poderia dedicar esse silêncio à busca de sua criatividade, desaparecida quando o roteiro de seu filme perdeu a força para ser filmado ou, no mínimo, para ser compreendido. Pedro era o entusiasta do que um dia ele próprio definira como Cinema Felicidade. A quem perguntava sobre seu estilo cinematográfico, respondia que a vida já é cheia de males e de caminhos construídos à revelia das pessoas. Achava que o cinema não havia sido feito para retratar aspectos sombrios da vida. Na qualidade de cineasta, por mais que concedesse valor a todos os gêneros do cinema, não conseguia se imaginar filmando algo que não plantasse no espectador o senso da felicidade.

A história do casal de velhinhos que, na noite do aniversário de cinquenta anos de casados, descobria que a vida a dois estava apenas começando parecia interessante no início. Os diálogos lentos, cada personagem sentado em sua cadeira de balanço, à meia-luz, em um ambiente com todas as coisas que haviam feito sentido algum dia, pareceram interessantes no início. As surpresas e revelações chocantes e inesperadas pareceram interessantes no início. A decisão de começarem ali mesmo a experimentar coisas jamais experimentadas também parecia interessante no início. A descrição minuciosa do cenário e das cenas, as indicações de iluminação e movimento de câmera, os cortes e as reaberturas, tudo parecia interessante no início.

Apenas no início.

Mas ele havia se dado conta de que, ao contrário do que imaginara quando começou a escrever, aquela história negava todas

as suas convicções e era de uma tristeza tocante. E ainda que retomasse o fôlego, por mais que reescrevesse e aplicasse cada conhecimento adquirido em anos de estudo, no íntimo sabia que o caminho não era mais aquele. Luis e Vanda, os dois personagens, já não o encantavam como antes, mesmo que houvesse dedicado seu melhor à composição de cada um. A força estava nos diálogos, acreditava. Entretanto, ele não tinha muita margem de manobra, apertado pelo prazo até a entrada em disputa pelo prêmio. Sentia-se no meio de uma encruzilhada. Jogar tudo fora e começar nova ideia do zero? Subverter toda a trama e inserir um terceiro personagem? Mudar o cenário? Cortar? Esticar? Desistir? Como tornar aquilo algo feliz?

Imprimiu mais uma vez as vinte páginas do roteiro. Pegou a caneta, sentou-se à escrivaninha amarela, acendeu dois abajures e passou a reler. Primeiro na mente. Em seguida, em voz alta. Levantou-se com as folhas nas mãos, caminhou em círculos pelo escritório. Rabiscou, reescreveu, retorceu, retrocedeu, avançou. Por fim, posicionou uma poltrona em frente a outra e diminuiu a luz do ambiente, para expulsar os personagens do papel para a vida real. A cada linha de diálogo dita por Luis, ele se sentava na poltrona roxa, de Luis. E para dizer cada linha de Vanda, ele se levantava e se sentava na vermelha, de Vanda. Um pingue-pongue frenético, em que Pedro tentava até reproduzir a voz de cada um.

E foi então que, após encenar pela última vez o roteiro, ele se atirou no sofá multicolorido e tomou a decisão: começaria outro projeto do zero.

Antes disso, precisava se libertar do fantasma daquela história, exorcizá-la de sua vida. Tudo o que ele tinha estudado e ouvido de especialistas a respeito da grandeza dos maiores autores em se desapegar de suas criações seria colocado em teste ali. Ter a coragem de jogar fora o texto seria a prova de que possuía o DNA de um grande autor.

Sentou-se diante do computador e abriu a pasta com as inúmeras versões do roteiro, a evolução da história que o acompanhara durante meses. O coração disparou, a mão tremeu sobre o mouse. Clicou no ícone da pasta. O indicador correu até a

tecla Delete. Por um instante o dedo permaneceu encostado ali, na dúvida sobre se levava adiante ou não a decisão. Um simples toque, primeiro passo rumo à libertação. Enfim, ele clicou e confirmou. E, sem tempo para arrependimentos, foi até a Lixeira e a esvaziou.

Faltava, agora, jogar na lixeira real as versões impressas guardadas em uma caixa marrom sob a estante azul. Se Luis e Vanda quisessem experimentar todas as coisas não experimentadas em cinquenta anos de convivência, a morte pelas mãos de seu criador seria a principal delas. Enterro duplo, sem demora, velório, vela, reza ou cerimônia fúnebre. Pegou as folhas e caminhou até a cozinha, como se para uma execução. Apertou o pé no pedal, a lixeira escancarou a boca branca. Jogou tudo em um só lance. Abriu a geladeira, pegou o iogurte de morango e tomou metade num gole.

— Adeus, Luis e Vanda! — Ergueu o iogurte. — É vida que segue...

Ao sair do banho, decidido a começar o novo roteiro, o celular apitou e anunciou outra atividade. Cristal, a mais recente amizade no Facebook, havia deixado uma mensagem. Ele correu para o computador e jogou o perfil dela na enorme tela. O coração disparou com a resposta:

“Se vou me lembrar de ontem na noite do ano-novo? Provavelmente...”

Ela estava on-line. Pedro respondeu:

“Este seu ‘provavelmente’ deve ser encarado como algo animador? Não sei se você respondeu com um sorriso ou com a cara amarrada...”

O tempo até a nova resposta de Cristal foi suficiente para Pedro varrer boa parte do perfil dela. Fotos de viagens, familiares, marcadas pelos amigos ou em meio a aparelhos científicos e obras de arte. O dado mais importante da pesquisa: nenhuma foto com namorado.

“Eu estava sorrindo, sim.”

Ela mandou junto a figura do Snoopy pulando, feliz.

“Quem sabe a gente se encontra mais algumas vezes antes dessa noite de fim de ano e consigo convencê-la a trocar esse ‘provavelmente’ por um ‘certamente’?”

“Uma coisa não posso negar: você tem autoconfiança.”

“Isso é uma coisa boa, não?”

“Provavelmente...”

“Tudo para você começa no ‘provavelmente’ e termina onde?”

“Nas certezas da vida.”

“Certezas?”

“Sou física nuclear. Os físicos nucleares só acreditam no que realmente podem provar.”

“Se me der oportunidade, sou capaz de provar que vai alterar aquele ‘provavelmente’ para ‘certamente’.”

“E como vai fazer isso, senhor autoconfiante?”

“Sou cineasta. O trabalho de um cineasta é fazer as pessoas acreditarem naquilo quase impossível de ser provado.”

“E sair do cinema com a ilusão de que a vida é perfeita.”

“É o que chamo de Cinema Felicidade.”

“Aceito o desafio, mas não se esqueça: físicos nucleares só se contentam com provas irrefutáveis...”

Cristal.

C.r.i.s.t.a.l.

l*a*t*s*j*r*C

Cris Tall.

Christ All.

a-C-s-l-t-i-r

Combinações do nome enchiam a tela de 42 polegadas do computador de Pedro, cada uma com uma tonalidade de vermelho. Do quase rosa ao vinho, assim como o *dégradé* traçado pela luz fria do Cultural nos cabelos da garçonete física nuclear, as cores pintavam o início de uma nova história. E por mais que tentasse embarcar em alguma ideia para seu novo filme, sua mente era preenchida apenas pelas letras do nome daquela menina.

E ele ficou na cadeira giratória branca e verde, enquanto a tarde caía firme e a luz saltava da tela para bombardear seus óculos. Nenhuma frase, nenhum cenário, nem sequer um lampejo de incidente para começar a trama.

Abriu o Google e procurou por “arqueometria”. O fascinante mundo da aplicação da física nuclear ao estudo das peças artísticas e arqueológicas rapidamente desfez na cabeça de Pedro a visão de Cristal explodindo o quarteirão com uma fissão nuclear. A imagem dela como uma bela pesquisadora parecia muito mais atraente. Por mais de uma hora ele tentou entender o que significavam coisas como “difração de raios X”, “espectrometria com infravermelho”, “termoluminescência” ou “emissão induzida de radiação gama por partículas”. No final, o que ficou do estudo foi não ter entendido praticamente nada além do fato de que tudo aquilo servia, entre outras coisas, para determinar a idade de um fóssil ou de uma peça artística.

Copiou algumas fotos de obras de arte e montou um mosaico colorido na tela sob a palavra avermelhada CRISTAL. Imprimiu e colou na lateral do computador.

Sentiu vontade de correr para o Cultural, mas sabia que não era boa ideia forçar outra espécie de coincidência. Ele teria mesmo de voltar ali na terça seguinte para comandar o cineclube, e a tarefa agora era descobrir o filme a apresentar. Procurou na grande estante lotada de DVDs, localizada na parede ao fundo do escritório. Decidiu levar uma comédia, para fazer um contraponto com a tristeza pela separação dos pais. Não demorou muito a selecionar o filme. Testou o DVD, pesquisou detalhes da produção, leu resenhas em sites especializados, escreveu as próprias teses e falas. Montou um convite com o pôster do filme e o enviou para a mala-direta do cineclube, com quase setecentos nomes.

Olhou no relógio e se surpreendeu ao ver que já passava das dez da noite. Sentiu uma leve tontura na frente e a mesma dor e o mesmo desconforto ao redor dos olhos sentidos na madrugada anterior. Creditou à briga, ainda que notasse alguma estranheza nas lentes. Foi ao quarto, abriu a gaveta do criado-mudo e trocou os

óculos por outros mais finos. Não sentiu grande diferença e deu de ombros. Pediu uma pizza e se deitou no escuro.

Quando o entregador foi embora, Pedro já estava um pouco melhor. A fome desaparecera após o terceiro pedaço de pizza e o quase meio litro de guaraná, devorados durante *A corrente do bem*, um dos mais assíduos representantes de seu Cinema Felicidade. Daquela vez, entretanto, por causa do sono, ele não chegou nem à metade do filme. Acordou durante a subida dos créditos, desligou a TV e subiu as escadas. Ao cruzar o corredor, encostou-se na porta do quarto dos pais. Sentiu uma pontada de tristeza por não vê-los ali. Entrou e sentou-se na cama, ainda no escuro. Pegou o celular e digitou para Carlo uma mensagem no WhatsApp.

“Tá on-line?”

O pai respondeu de pronto:

“Estou, filho. Não consigo dormir.”

“Como foi o movimento hoje?”

“Um pouco melhor.”

“E você?”

“Triste.”

“Fica assim não. Por mim.”

“Vou ficar bem. Está em casa?”

“No seu quarto.”

“E sua mãe?”

“Na vó.”

“Queria estar aí com você.”

“Você está.”

Após um minuto de ausência, Carlo respondeu.

“Te amo, filho.”

“Também, pai.”

O coração de Pedro apertou ao imaginar Carlo deitado sozinho na pequena cama do subsolo do restaurante. Após desligarem, rezou algumas palavras para confortar de longe o pai. Por fim, levantou-se, seguiu para o quarto e, ao passar em frente ao guarda-roupa, lembrou-se de algo que martelara sua mente no dia em que Carlo deixara a casa: a falta de convicção na resposta à pergunta sobre o conteúdo da lata guardada ali. Acendeu a luz e abriu a

gaveta do meio. Procurou entre as roupas de Ariadne e encontrou a peça. Conferiu que permanecia trancada com o cadeado. Tentou combinações óbvias: o dia e o mês de aniversário da mãe, 1-7-8; do pai, 0-4-6; sua data, 1-2-9. Sem sucesso. Sacudiu a lata perto do ouvido e não escutou barulhos. Deu umas batidas, o estalo do metal não revelou nada. Sabia que tinha algo importante dentro, mas desistiu. Devolveu-a ao lugar, apagou as luzes e foi dormir.

— Que dia vou tirar minha folga? — Haroldo perguntou, esfregando as mãos tão logo Pedro entrou na locadora.

— Dia de folga? Como assim? Hoje é segunda-feira e você já está com preguiça?

— Nossa aposta, não se lembra?

— Aposta? Hum... Ah, a do camarada com a cueca de fora?

— O próprio.

— Você perguntou o que ele achou quando veio devolver o filme?

— Aí está a questão. Não perguntei porque ele simplesmente *não veio* devolver o filme.

— Como não? Tem quase uma semana já.

— Pois é. E o telefone que está no cadastro não atende. Portanto, além dos dois reais da locação e dos 35 da cópia, você vai ter de se explicar com a chefia. E, claro, o mais importante: MEU DIA DE FOLGA! — Haroldo gritou com os braços levantados.

— Isso que dá a gente querer ajudar a humanidade. Mas, ainda assim, continuo na fé. Ele volta a qualquer hora.

— Certo. Mas... E meu dia de folga?

— Calma, apressado! Vamos dar mais alguns dias.

O Cineclube SubCultural abria suas portas novamente naquela terça-feira. A expectativa de Pedro vinha um pouco mais forte, por causa de quatro ou cinco confirmações, em resposta ao e-mail enviado para os cadastrados na mala-direta. O olhar de dona Rebeca não foi dos mais agradáveis, mas Pedro não se intimidou.

— Qual o filme de hoje? — Mayla perguntou.

— *Dirigindo no escuro*, Woody Allen.

— Sobre?

— Um cineasta tem uma cegueira momentânea e precisa fingir que está tudo normal para fazer um filme. É uma comédia.

— E isso é possível? Dirigir um filme sem enxergar?

— Ah, isso não teria como acontecer na vida real. Por isso o cinema é maravilhoso: pode criar algo em que ninguém jamais pensou e, assim, fazer as pessoas se divertirem. De qualquer forma, já vou me contradizer e afirmar que o cinema está muito mais na alma do que nos olhos.

— Cinema Felicidade, eu lembro. — Ela piscou para ele. — E vai dar público hoje?

— Espero que pelo menos uma determinada pessoa venha... — Pedro revirou os olhos e deu um sorriso.

— Eu sei a quem você está se referindo.

E os dois falaram quase juntos, apontando um para o outro:

— O motivo de cabelos vermelhos e olhos verdes.

Ele sorriu e completou:

— Ela vem trabalhar hoje?

— Certamente. Mas é pra atuar como garçõete e não ficar de gracinha assistindo ao filme. Se minha tia descobrir que ela fica lá embaixo, não vai sobrar pedaço de Cristal pra contar história.

— Ok, então você será a responsável por mantê-la aqui em cima. Melhor evitar que eu desfaleça na frente dos presentes, por

conta de ataques-surpresa dos meus rompantes de empolgação relacional.

— Minha missão... — Mayla pousou a mão no peito.

Sete pessoas apareceram. O senhor que sempre ia e nunca falava nada, dois casais que já tinham ido algumas vezes e duas meninas que saíram da sala na metade da projeção. Cristal não desceu nenhuma vez.

Quando Pedro subiu, depois das considerações finais que também não geraram debate entre os presentes, dona Rebeca o chamou no canto e proferiu a sentença:

— Dom Pedro, preciso conversar com você. Eu... Resolvi desistir.

— Desistir?

— Do cineclube. Vou transformar em uma boate.

— Mas este aqui é o último cineclube da cidade. — O tom de voz desceu a melancólico. — Não faça isso, por favor!

— É melhor assim.

— A gente pode tentar mais um pouco, melhorar a divulgação, pensar em alternativas. O cinema de arte não pode ser tratado como um negócio frio. Mesmo não dando muito público, estamos fazendo a nossa parte.

— Negócios são negócios. Quem manda é o dinheiro que paga o condomínio, a água, a luz e os funcionários. Esta sua arte, falando sinceramente, não está colaborando com as contas. E não posso desperdiçar o espaço lá embaixo, infelizmente.

— Mas...

— Não dá mais, dom Pedro. Já tentamos muitas semanas e nunca aparece ninguém. Preciso faturar, e se o subsolo virar boate é certo que vem mais gente.

Pedro baixou a cabeça, resignado.

— A senhora é quem sabe.

Cristal não fora trabalhar naquela noite. Tinha ligado à tarde para avisar que estava gripada. Mayla preferiu só contar depois da notícia do fim do SubCultural.

— Você já sabia que a Cristal não vinha, né? — Pedro quis saber.

— Eu já sabia. E tive a notícia hoje à tarde de que esta seria a última tentativa com o cineclube. Desculpe não ter contado as duas coisas. Minha torcida era para que minha tia desistisse de fechar, mas não teve jeito.

Ele apertou os lábios. Por trás dos óculos tentou esconder a tristeza. Mayla continuou:

— Sabe, adoro seu entusiasmo pelo cinema. Você é um sonhador dos bons. Quem dera tivesse mais gente assim no mundo.

Pedro não comentou. Sua empolgação solitária acabava de sofrer uma terrível baixa.

As palavras de Mayla pareceram tentar animá-lo:

— Nunca vi você falar de alguém como fala da Cristal. Nem quando falava da Nina. Isso pode ser algo bacana que o cineclube vai deixar pra você, não?

Ele se sentou na cadeira alta do balcão, chegou perto dela e abaixou a voz:

— Concordo, tem algo bacana que o cineclube pode me dar. Posso pedir uma última coisa?

— Sempre.

Cochichou algo no ouvido dela. E quando dona Rebeca sumiu de vista, ele saiu do Cultural estampando um discreto sorriso e carregando duas cópias de chave no bolso da calça.

No dia seguinte à noite, o WhatsApp apitou a chegada de uma mensagem de Fit no celular de Pedro:

“Acabei de passar em frente ao Cultural. Tem uma placa anunciando uma boate no subsolo. É verdade?”

“Nossa, a dona Rebeca não deixou nem o defunto esfriar. Já tem até placa?”

“Raios, raios, raios duplos!”, o comentário veio acompanhado de um desenho do Dick Vigarista.

“Pois é, este cinema no qual a gente tanto acredita acaba de morrer um pouco mais hoje.”

“E agora?”

“Agora só resta lamentar. Vou cuidar do meu filme.”

“Conseguiu finalizar o roteiro?”

“Nem comecei.”

“Como assim? Não estava quase pronto?”

“Joguei tudo fora. Vou começar outro do zero.”

“Tá maluco? E o prazo do Cacau?”

“Continua o mesmo, cada vez mais perto. Por isso preciso correr.”

“Quer ajuda?”

“Vai ser difícil alguém me ajudar com o tema que pretendo filmar.”

“Qual tema?”

“Uma história vermelha de amor.”

“Vermelha?”

“E de olhos verdes...”

O resto do tempo livre da semana foi gasto debruçado sobre pedaços de papel e em frente ao monitor do computador. Folhas brancas em formato de bolas amassadas encontravam na lixeira seu

destino. Arquivos eram digitados e apagados. Cenas construídas desconstruíam-se em frações de segundo. Roteirizar algo sobre Cristal era um paradoxo. Alguém que ele mal conhecia e, ao mesmo tempo, havia mexido profundamente com seus sentimentos.

Ele suspeitava que a empolgação vinha do fato de ela ser diferente de todas as outras garotas que ele havia conhecido. O jeito rebelde da menina que dirige uma *scooter* e ganha a vida como garçanete de bar. A estudante comportada, de jaleco branco, ao redor de uma peça milenar de cerâmica bombardeada por raios. Personagem pronta, cheia de qualidades para iniciar uma história. Real ou fictícia. Tanto fazia.

Pedro só tinha certeza de duas coisas. Primeiro, seu curta seria todo montado em tonalidades vermelhas. Filmaria o máximo possível em locações naquela cor, utilizando a luz natural em pores do sol avermelhados. Para isso seria preciso fugir dos arranha-céus da cidade e buscar os ares do interior. E, em segundo lugar, esconderia de Cristal o que estava fazendo. Não queria ser tomado pelo doido que mal conhece uma pessoa e já sai incluindo-a em histórias. O fato concreto: Cristal não passava de uma ideia, um conceito inacabado de pessoa. Dois encontros fugazes eram mesmo insuficientes para revelar características capazes de moldar com credibilidade seu personagem.

Precisava, para isso, levar adiante o plano acertado com Mayla...

No domingo seguinte, Pedro saltou do ônibus logo depois das oito da manhã. A mochila cheia não pesava nas costas. Cruzou a frente do prédio de Fit e seguiu reto, como se atravessasse por entre os carros estacionados nas ruas e pelo meio dos poucos pedestres que caminhavam pelas calçadas. Em frente ao Cultural, olhou para um lado e para outro. Aguardou um casal de velhinhos passar e, em um golpe rápido, a chave alcançou a fechadura. Avançou no escuro e, como parte importante do plano, deixou a porta entreaberta.

Desceu até o subsolo, acendeu as luzes. Retirou da mochila o aparelho portátil de DVD e os dois filmes escolhidos a dedo. Posicionou a máquina sobre a mesinha no canto direito.

— A extensão, a extensão... — Pedro procurou os fios embaixo da mesa. — Cadê você, miserável? Ah, dona Rebeca, a senhora tinha de ser tão afoita no desmanche disso aqui?

Subiu as escadas correndo e retirou a extensão da tomada que mantinha ligado o expositor de cervejas no andar de cima.

— É por uma boa causa.

Pelo combinado com Mayla, o tempo era mínimo. Correu para baixo e ligou tudo. Plugou os cabos, apagou as luzes e testou um trecho do primeiro filme. Ok, tudo funcionando. Testou o segundo. Também ok. Subiu outra vez as escadas. Na mão, um cartaz trazido de casa. Colou no balcão, logo após a porta de entrada, a frase desenhada com uma flecha vermelha apontando para o subsolo: "Cineclube SubCultural — Última Sessão".

Voltou para baixo, apagou as luzes do teto e deixou acesa apenas a fileira em frente à tela. Por alguns instantes o tempo parou, como reverência ao lugar que, no último ano, abrigara alguns dos melhores momentos de sua vida. Relembrou-se dos filmes bons apresentados ali e do quanto aprendera e pretensamente ensinara a quem se dispusera a aparecer. *Curtindo a vida adoidado, Harry &*

Sally, De volta para o futuro, Quanto mais quente melhor, a maratona de Monty Python e tantos outros representantes de seu Cinema Felicidade. Cada pessoa que apareceu contribuiu, saiu no meio ou não se manifestou. Cada olhar de desprezo que dona Rebeca lançou, por conta da baixa presença de público na imensa maioria das vezes. As sessões memoráveis em que, quase por milagre, as poltronas ficaram praticamente lotadas. Todas as noites em que, antes de ir para casa, ele se sentou ao balcão, comeu pastel e bebeu chope. Os amigos que fez e perdeu. Cristal. O senhor que aparecera havia um ano, jamais faltara a uma sessão e nunca tecera qualquer comentário. Por um breve instante, Pedro se penitenciou por jamais ter trocado alguma ideia com seu único espectador 100%.

Uma porta de sua vida se fechara na última terça, outra ele tentaria abrir exatamente naquele domingo.

— Oi? Tem alguém aqui? Mayla?

Pedro escutou a doce voz no andar de cima e o coração foi de zero a cem. Posicionou-se na frente da tela e ficou à espreita. Tocou por uns três segundos o indicador e o polegar no olho turco. De repente, o som dos passos na escada veio forte e Cristal apareceu com o cartaz em uma das mãos e o capacete na outra. Pedro disse:

— O trabalho de um cineasta é fazer as pessoas acreditarem em coisas quase impossíveis de serem provadas.

Cristal arregalou os olhos e depois sorriu. Cruzou os braços, em pé na última fileira, e perguntou:

— E no que pretende me fazer acreditar?

— Que é possível um cara, que você mal conhece, aprontar uma loucura e, ainda assim, fazê-la não ter raiva por ter acordado tão cedo para vir ao trabalho num domingo.

— E a Mayla é a sua parceira de crime, pelo visto.

— Só pedi ajuda para te trazer aqui.

— E eu achando que precisava repor minha falta na terça e ajudar com as mudanças aqui embaixo...

— Nem sempre mentir é por uma causa ruim. Não fique brava com a Mayla. De toda forma, já me desculpo pela surpresa.

— Perdoo vocês dois pelo golpe baixo.

Pedro fez uma reverência em agradecimento, curvando as costas para a frente. Cristal continuou:

— E o que vai fazer desta uma manhã inesquecível?

— Vamos vivenciar juntos um momento histórico. Este aqui é o último cineclube de uma cidade de 11 milhões de habitantes, e esta será a última sessão. Hoje o cinema morre um pouco, mas eu queria celebrar com alguém.

— Não é uma contradição celebrar um pedaço de morte de algo do qual se gosta tanto?

— Muitas culturas celebram a morte, isso não seria problema. E acredito que sempre que morre uma coisa cheia de valor essa coisa vai para um lugar especial. Pode ser um bom motivo para comemorar.

— Esse lugar especial é tipo o céu dos cinemas? — Cristal riu.

— Sim, o lugar onde estão todos os grandes filmes do mundo — ele devolveu o sorriso.

— E quem seria o deus desse paraíso?

— Não sei exatamente. Deixe-me pensar... Hum, talvez *O poderoso chefão*.

— O deus dos cinemas é um mafioso?

— Tem razão, não pegou bem. Que tal *O mágico de Oz*?

— Bem mais apresentável para essa coisa abstrata chamada "céu"!

— Pois, sob a proteção divina do Mágico de Oz, vamos começar a sessão. A madame vai ficar aí no fundo? Não quer se sentar mais no centro da sala?

Cristal veio até o meio, deixou o capacete no chão e sentou-se. Ele colocou o primeiro filme.

— Este será um curta de abertura. O nome é *Incrível!*, e espero que seja do seu agrado. Enquanto isso, já volto com uma coisa fundamental para o momento.

O curta começou e ele subiu a escada. Em cinco minutos retornou com uma bandeja com dois sacos quentinhos de pipoca de micro-ondas e duas latas de Coca-Cola geladas. Cristal estava boquiaberta.

— O que foi isso a que eu assisti?

— Um curta chamado *Incrível!*.

— Eu sei que o nome é esse.

— Que tal?

— Pode parecer meio óbvio, mas achei... Incrível! Também adorei a música do final.

— É uma incidental da “How deep is your love”, dos Bee Gees. A maior canção de amor de todos os tempos.

— Você é muito bom nisso, menino! — Cristal aplaudiu, sem esconder o encantamento.

O coração de Pedro bateu mais forte. E ele seguiu:

— Agora, o filme principal. Aqui estão pipoca e Coca-Cola.

Foi até o aparelho e trocou o filme. Sentou-se na primeira fileira, apagou todas as luzes. Cristal deu um tapinha no ombro dele e disse:

— Ei, isto aqui não é um cineclube? Cadê aquelas considerações do especialista antes de começar o filme?

— Este fala por si só. Foi o primeiro filme que apresentei aqui, e hoje o ciclo se fecha. Como falei muito na primeira vez, quero fazer diferente. Vou assistir como um espectador normal.

— Então senta aqui ao lado da outra espectadora normal.

— Posso?

— Autorização concedida. Preciso mandar um ofício com firma reconhecida em cartório?

Ele pulou duas fileiras e foi para a do meio.

Os créditos de abertura surgiram na tela...

E até o fim dos créditos de encerramento, com a trilha sonora soando pelos alto-falantes do agora recém-falecido SubCultural, Cristal e Pedro não disseram qualquer palavra. Ele olhou de lado para ela e murmurou:

— Que tal?

— Espetacular!

— Isto é cinema... — Ele apontou para a tela.

São Paulo, última sessão do último cineclube, Fellini se despedindo ao som da canção do italiano Nino Rota, escuridão, menina dos cabelos vermelhos. E a vontade de dizer um monte de coisas. E o desejo de beijá-la. E a respiração apostando corrida com

as batidas do coração. E passos imaginários flutuando sobre um chão imaginário, pavimentado pela vontade real de o mundo se resumir àquele subsolo e o tempo se deter até ele ser tomado pela coragem de pegar a mão dela.

Antes, porém, de Pedro descobrir o significado daquele instante também para Cristal, um barulho de porta se abrindo e um grito vieram do andar de cima.

— Tem alguém aqui?

— Meu Deus! É a dona Rebeca — ele cochichou. — A Mayla me garantiu que não vinha ninguém aqui aos domingos.

Cristal deu um pulo. Pedro também, a tempo de pegar o controle remoto e desligar a projeção. Os dois correram para trás de um balcão perto da parede do fundo e se agacharam. Ela começou a rir baixinho, ele também. Taparam a boca com uma das mãos. Ele pegou a outra mão dela e pousou em seu coração, que batia muito forte. Cristal praticamente não conseguia segurar o riso, que saía feito ar do nariz, ombros balançando e olhos apertados. Ela sussurrou, dando risada:

— Vou ser demitida.

— Por Deus, para de rir — Pedro devolveu no ouvido dela.

Os passos de dona Rebeca pela escada soaram firmes e os dois se encolheram ainda mais. Cristal segurou a respiração e o riso.

— Tem alguém aqui? Mayla?

Silêncio e escuridão.

O som dos passos foi para cima outra vez. Cristal falou:

— E agora?

— Agora é esperar ela ir embora...

Encostaram-se no balcão, sentados no chão e virados para a parede escura. Ficaram alguns minutos ali, quietos, ouvindo os ruídos no andar de cima. Cristal voltou a murmurar:

— Num subsolo escuro, embaixo de um balcão preto, em frente a uma parede pintada de preto, sobre um tapete preto... Me dê aqui a sua mão.

Pedro sentiu Cristal segurar sua mão e levá-la até tocar a pele de seu rosto frio.

— Descreva meu rosto — ela pediu. — No momento, somos dois completos cegos na escuridão absoluta da parte de baixo do mundo. Não é assim que os cegos conhecem as pessoas?

Ele passou a roçar os dedos nos contornos do rosto dela e começou a descrever cada pedacinho no instante do toque:

— Rosto anguloso, queixo com um furinho... Lábios finos cor-de-rosa, puxando para o vermelho suave... Que mais? Hum... Pele branca, algumas sardas marrons pintando as bochechas. Olhos cheios de verde, fios de cabelos vermelhos emoldurando o rosto e um belo e afilado nariz. Cada curva e reta como uma estrada em direção a um lugar misterioso e fascinante... Que não sei ainda onde fica, mas parece irresistível conhecer.

Cristal respirava fundo.

— Por fim, uma conclusão: se sua mãe escolheu o nome Cristal para a filha linda, preciosa e frágil, que todo mundo teria vontade de cuidar, afirmo, com todas as letras: ela acertou em cheio — ele disse, completando: — Você é linda!

Desencostou do rosto, levando as costas da mão para o caminho que percorreu pescoço, ombros e braços. Segurou as mãos de Cristal.

Ali, na escuridão, era impossível para Pedro desvendar a reação dela à descrição que ele havia acabado de fazer. Não sabia se devia perguntar alguma coisa ou apenas ficar de longe, como um espectador a presenciar o diálogo mudo de duas respirações.

Mas lá de cima veio o barulho da porta do Cultural sendo trancada, seguido pelo silêncio.

— Ela foi embora — Cristal sussurrou.

— E agora? — A pergunta foi jogada no ar, com a vontade infinita de que a resposta fosse uma só.

— Agora... É nossa chance. — Cristal se levantou e saiu de trás do balcão.

Ele veio junto com a decepção e tateou pela parede até encontrar o interruptor. A luz do centro foi direto em seus olhos e o incomodou muito mais do que o normal, ainda que estivesse de óculos. Achou estranho, colocou as mãos no rosto.

— O que foi? — ela perguntou.

— Não sei. A luz veio forte, senti um choque estranho nos olhos.

— Está tudo bem?

— Acho que sim. — Pedro respondeu sem muita convicção. — É melhor a gente ir logo.

Ela pegou o capacete; ele, a mochila. Desligaram tudo e subiram as escadas. Religaram o expositor de cervejas, pegaram duas latinhas frias e Pedro deixou cinco reais no caixa. Abriu a porta bem devagar, conferiu se não havia ninguém. Saíram pela rua.

— Obrigada pela manhã especial — Cristal disse, em frente à *scooter*.

— Posso supor que consegui atingir meu objetivo?

— Surpreendeu, sim. Tivemos momentos de emoção e de muita tensão. — Ela sorriu. — Caso não tenha nada melhor a fazer, posso tentar retribuir?

— Mesmo que eu tivesse compromisso, pagaria pra ver. Qual a sugestão?

— Calma! Vamos comer alguma coisa antes, estou morta de fome.

— Recomendo virarmos estas cervejas antes de esquentarem de vez.

Abriram as latas, bateram uma na outra e Cristal disse:

— Que o cinema descanse em paz.

— Amém.

Viraram as latas em dois ou três goles.

— Monta aí na garupa, garoto.

— Mas não tenho capacete, menina.

Cristal fez um bico e colocou as mãos fechadas na cintura.

— A gente precisa correr certos riscos na vida. E lembre-se de que ela é feita de um monte de momentos esquecíveis, alternados por pouquíssimos inesquecíveis.

— Conheço essa tese...

— Pois é. Se tiver medo de sair comigo nesta moto, o que vai dizer lá na festa de fim de ano?

Ele balançou a cabeça, sorriu e se sentou na garupa. Ela pôs o capacete, acelerou e gritou:

— Segura aí!

Como de costume, o parque Ibirapuera fervia naquele domingo. Atletas de fim de semana cumpriam o sagrado ritual de oferecer ao corpo a lembrança de que a vida não é só feita de estresse, compromissos, trânsito e trabalho — as leis maiores de uma cidade daquele tamanho e que tinha no ganhar dinheiro seu objetivo diário. Crianças pedalando, velhos caminhando, jovens tentando se equilibrar sobre patins e corredores profissionais ultrapassando todos com ar de tédio. Famílias inteiras sentadas sob árvores, ao redor de cestas de madeira sobre panos coloridos, improvisando o almoço em piqueniques para celebrar muitas vezes nada além do fato de estarem todos respirando.

Cristal estacionou a moto e os dois caminharam até um *food truck* de pastel. Cada um pediu um de queijo e um de banana com canela e açúcar. Dividiram uma garrafa de suco de laranja. A alguns metros para dentro do gramado, sentaram-se sob um cajueiro enorme, cujo tronco principal já se confundia com uma série de outros ao redor.

— Minha árvore favorita na cidade — Cristal comentou, ao sentar-se na grama, encostada num dos troncos. — Sempre venho aqui.

— É bonito saber que há pessoas que têm árvores favoritas em uma cidade de concreto como São Paulo.

— Pessoas têm cada mania! Ter uma árvore favorita em São Paulo, acredite, é a menor delas. Você, por exemplo, gosta de cinema de arte. Para muitos, isso é coisa de gente maluca.

— Tem razão. É quase impossível convencer alguém nos dias de hoje de que *Oito e meio* é sublime e o último do Homem-Aranha, fútil.

— Pois até hoje de manhã eu achava o *Homem-Aranha* imbatível.

— Mudei sua opinião?

— Ainda amo o filme, mas uma janela se abriu. Fellini me desconcertou, admito. Imagens lindas, filme perturbador. Você já teve bloqueio criativo, assim como o personagem principal?

— O tempo todo. Quando sento para escrever um roteiro é sempre uma luta.

— Mas se o trabalho de um cineasta é fazer as pessoas acreditarem nas coisas quase impossíveis de serem provadas, taí um desafio fascinante, não?

— Tento fazer a minha parte, falo sobre aquilo em que acredito.

— E no que você acredita exatamente?

— Acho que o cinema, a música boa e a literatura são instrumentos da Santíssima Trindade para salvar o ser humano da derrota como espécie.

— Como assim?

— O Pai é a música. O Filho, a literatura. E o Espírito Santo tem uma câmera na mão e uma ideia na cabeça.

— Você se considera instrumento do Espírito Santo, então...

— Não sou tão pretensioso. — Ele sorriu. — Mas, em certa medida, cada pessoa deve ser instrumento de alguma coisa, de alguma missão, não acha? De que adianta estarmos na Terra se não for para o benefício de algo maior além dela?

— E esse algo maior não pode estar aqui na Terra mesmo? — Ela mordeu o pastel. — Por que essa necessidade do ser humano de acreditar em alguém que fica lá em cima?

— Acho que seria muito estranho se não houvesse alguém. E eu ficaria deprimido se imaginasse que quando acaba aqui, acaba tudo. Você não acredita que há algo além?

— Para uma física nuclear, pode ser um pouco complicado responder.

— Cientistas...

— Não subestime os cientistas! Vamos achar explicação para muitas coisas que ainda não têm explicação. — Ela deu um gole no suco e completou: — Você pesquisou sobre arqueometria?

— Sim, já sei que você não vai explodir o quartirão.

— Ótimo. E é melhor se comportar sempre, senão bombardeio seu peito com um raio.

— Se me bombardeasse descobriria quantos anos eu tenho?

— Só se você fosse uma obra de arte.

— Você *não* me acha uma obra de arte? — Pedro brincou. — Nem com toda esta beleza grega?

— É uma peça rara, autoconfiante e convencida, isso sim.

— Vou entender como um elogio...

— Você se considera tão incrível quanto seu filme?

— De novo, não sou assim pretensioso. Mas a vida acabou imitando a arte. Trabalho em uma locadora e, como no meu curta, tento melhorar a vida das pessoas indicando bons filmes.

— Cinema Felicidade na prática.

— Boa! Sabe, acho que sou um caçador de sentimentos felizes. Um Indiana Jones, com meu chapéu e meu chicote. Porque a vida me deu um tremendo susto e depois ela se redimiou. Provavelmente percebeu que eu não merecia ficar cego. E minha retribuição é falar sempre sobre coisas boas, sobre felicidade, sobre como olhar pelo ângulo bom desta vida.

— E nunca fica triste?

— Fico, mas tento não deixar a tristeza comandar. Quando acontece, procuro me lembrar de que nasci numa família legal, fui bem criado, tive oportunidades. Logo passa.

— E a tristeza vem por causa do... Você sabe... — ela apontou para os próprios olhos.

— Às vezes sim. Mas meus pais são primos, se apaixonaram e cá estou. Um roteiro simples. Eu poderia nem ter nascido e, pior, nem estar aqui agora, neste parque, com uma perita em explodir quarteirões.

— Bom, então, antes de eu resolver colocar tudo pelos ares, vamos seguir para a próxima parada?

— E onde é?

— Se o cinema é seu melhor lugar do mundo, quero que conheça o *meu* melhor lugar do mundo.

A fila para o Museu de Arte de São Paulo avançava até o meio de um vão livre de mais de setenta metros.

— As idades de algumas peças aqui foram determinadas pelo pessoal da faculdade. — O olhar de Cristal brilhava enquanto falava. — Vim muitas vezes estudar as obras, fotografar, entender um pouco mais o trabalho que pretendo desenvolver.

— E onde pretende chegar com sua arqueometria?

— Onde todos os amantes da arte sonham: Itália.

— Sua Itália é minha Hollywood.

— Então um filme de Hollywood rodado na Itália seria a representação perfeita de nós dois.

— *Very perfetto!* — disse ele.

— *Molto perfect!* — ela devolveu.

Deram risadas das próprias bobagens e entraram no museu. Desceram ao primeiro subsolo. O enorme vão se abriu, pé-direito alto e espaço ocupado por dezenas de esculturas, das formas mais abstratas às figuras humanas com impressionante riqueza de detalhes. Luzes projetadas para dar ao espectador a sensação de profundidade nas sombras, desconforto que os curadores imaginavam presente na cabeça dos artistas em momento de criação. O primor das formas de alguns guerreiros chineses capturou a atenção de Pedro, que leu na plaqueta:

— Dinastia Tang. Entre os séculos VII e IX.

— Tá vendo a finalidade do meu estudo? Pra humanidade saber que um camarada chinês, há mais de mil anos, pegou um bloco de pedra gigante e saiu talhando até chegar neste guerreiro.

— Não sei, não, mas aposto que dentro desta escultura tem um chinês de verdade dormindo. O camarada escultor jogou um material quente por cima e o pobre coitado do guerreiro ficou petrificado. Se bombardearmos com raios gama, sai um chinês daí

de dentro, em tamanho natural, novinho em folha e dando espadada em tudo quanto é gente aqui.

Cristal soltou uma gargalhada que ecoou pelo espaço, sob os olhares de reprovação dos outros visitantes.

E ficaram mais uma hora admirando as esculturas por diversos ângulos. Pedro tirava os óculos, apertava os olhos, a língua ia para a lateral da boca. De longe admirava Cristal, curvas finas e frágeis, em contraste com as peças das gordas senhoras de mármore, deitadas nuas em posições que representavam os padrões de sensualidade e beleza da época em que foram esculpidas.

Um pouco antes do horário de fechamento do museu, no fim da tarde, quando os dois estavam em frente ao busto de um imperador do século V, Cristal disse:

— Já deu, né? Você deve estar cansado de tanta escultura.

— Por mim ainda ficaria mais.

— Mas temos a terceira etapa do passeio. Acha que ainda me aguenta?

— Vai ser difícil aguentar você. — Pedro fingiu cara de sofrimento e em seguida sorriu. — Mas eu pago pra ver.

— Ótimo, porque você vai ser apresentado a um evento familiar totalmente surreal: o PPPPPP.

— O quê?

— Pingue-Pongue-Pinga-Pôquer-Pizza-Party.

Ele abriu a boca, tirou os óculos de forma muito lenta, arregalou os olhos e perguntou:

— Como é que é? Não consigo nem repetir.

— Ainda dá tempo de desistir...

— Sou um artista curioso e, como tal, não poderia jamais perder isso. Do que se trata?

— É tradição familiar. No último domingo de cada mês, minha família se reúne no quintal do meu avô. É gente que não acaba mais. Filho, neto, sobrinho, tia, primo, agregado, amigo, cachorro e quem resolver aparecer. O pessoal joga pôquer e pingue-pongue, toma pinga e come pizzas loucas.

— E o que seria uma pizza louca?

— Tem um forno a lenha lá. Se a pessoa perde no jogo, é obrigada a comer uma fatia de pizza preparada pelo meu avô. Mas ele já está beirando os noventa e não se lembra do conceito de pizza tradicional. As pizzas dele são surreais.

— Tipo gorgonzola com alcaparra?

— Perto das coisas que ele prepara essa seria uma pizza deliciosa. Ele mistura goiabada e leite condensado no gorgonzola. Daí pra pior.

— E ninguém reclama?

— Já é tradição, não tem como reclamar. Vovô está nas últimas, todo mundo releva e deixa ele se divertir. O engraçado é justamente ver a turma tomando pinga e comendo aquelas atrocidades que ele chama de pizza.

— Surreal, você tem razão!

— Topa?

— Eu *necessito* presenciar este momento.

— Depois não diga que não avisei...

A placa de madeira pendurada no portão do sobrado trazia entalhados os dizeres Hospício do Velho Chico, que já prenunciavam a maravilha que devia ser aquela família. Decerto, a placa havia sido doada por algum genro mais abusado e, por representar exatamente o que parecia ser o lugar, nunca foi questionada pelo resto dos parentes.

— Prepare-se... — Cristal recomendou, ainda de capacete, ao estacionar a *scooter* no gramado em frente da casa.

Antes mesmo de os dois descerem, uma velhinha gritou da janela:

— Vai estragar a roseira, menina!

— Mas, vó, a roseira é lá no fundo do quintal! — Cristal olhou para Pedro e disse: — Não falei que isto aqui é casa de doido?

— A placa na entrada é bem apropriada.

— Você não viu nada. O pessoal é meio... expansivo.

— Expansivo? Agora, sim, fiquei com medo. Tenho tempo de reconsiderar e desistir?

— É tarde demais.

Os dois entraram e Cristal apresentou Pedro para a avó com um grito no ouvido:

— Vó, este aqui é o Pedro.

— Seu namorado? Bonito ele, não? Vocês dois já...? — a velha perguntou, levantando e baixando a sobancelha.

Pedro abriu a boca, incrédulo com o comentário.

— Já o quê, vovó? Mas a senhora não toma jeito, hein? Ele não é meu namorado. É só um amigo.

— No meu tempo não tinha esse negócio de namorado vir em casa de família.

— Mas ele não é meu namorado, vovó — Cristal disse, soltando uma risada.

— Bonito seu namorado, não? — Ela recomeçou do zero.

Cristal cutucou Pedro e sussurrou:

— Melhor a gente seguir em frente, porque agora ela achou que somos namorados e não há a menor possibilidade de convencê-la do contrário.

— Quer ser minha namorada hoje aqui? Faço o sacrifício para salvar sua pele.

— Engraçadinho! Vamos lá pro fundo.

O quintal era tomado por árvores altas e de copa cheia. Três longos fios, com diversas lâmpadas penduradas, formavam um triângulo sob o qual estavam quatro mesas cobertas por toalhas verdes. Uma multidão de parentes, gritaria de crianças correndo, o pôquer e o pingue-pongue animados. O forno a lenha, no canto à direita, exalava o cheiro indecifrável das pizzas loucas. No canto esquerdo, algumas pessoas se serviam da pinga em um tonel de carvalho sobre um cavalete de madeira. Um sanfoneiro expulso de um filme mexicano da década de 1950 mandava baladas alegres. Dois casais de velhos dançavam de rosto colado. Aquela, sim, era a perfeita cena de um filme de Fellini. Inexplicável para quem não estivesse exatamente no meio dela, sentindo seus cheiros e sons.

— Seus pais estão por aqui? — Pedro perguntou, apreensivo.

— Não, não. Eles moram no Sul. Moro com minha tia-avó. Culpa da arqueometria, que não tem faculdade em qualquer esquina.

Um homem sentado a uma das mesas gritou para Cristal:

— Finalmente chegou nossa supercampeã de pôquer! E quem é o *popstar* dos óculos bacanas? É o coitado que você trouxe para perder na mesa hoje?

Cristal levantou os braços e todo mundo da festa aplaudiu.

— Tio, este aqui é o Pedro, meu amigo. E é, sim, um *popstar* do cinema. Agora, se ele vai perder no jogo já não me cabe dizer.

— Genaro, vá dar o beijo de boas-vindas no amigo da Cristal — o tio gritou.

Genaro, o outro tio, baixinho, gordo, careca, e que parecia não ter nenhum dente, chegou com um abraço em Pedro e um beijo em sua bochecha. Todo mundo riu da cena e da cara de espanto de Pedro, que acenou, sem graça, dizendo:

— Muito prazer, família do velho Chico.

— É seu namorado? E cadê aquele do mês passado? — gritou uma senhora com um pedaço de pizza na boca.

— Tiaaaa! Aquele está morto e enterrado a sete palmos do chão da minha vida. — Virou-se para Pedro, rindo, e sussurrou: — É minha tia-avó. Meio sem noção, liga não.

Os dois caminharam na direção do forno a lenha, e Cristal teve de parar inúmeras vezes para cumprimentar os parentes e corrigir a informação de que Pedro era namorado. O velho Chico estava de costas, vestia avental e chapéu de cozinheiro. Recheava uma pizza com misturas inacreditáveis e não parava de rir, como o prazer de um cientista maluco em frente à bancada de materiais químicos.

— He... He... He... He... — ele soltava, rouco, enquanto atirava feijão-verde, ricota, páprica e mel na massa.

— Nossa, deve estar horrível essa — Pedro falou ao ouvido de Cristal.

Ela concordou e cutucou o avô com o ombro.

— Oi, vovô! Esta aí deve estar deliciosa.

— He... He... He... Quer provar um pedaço? — A voz saiu fraca.

— Só se eu perder no pôquer ou no pingue-pongue. É a regra.

— Mas você nunca perde. He... He...

— Eu me esforço muito para não perder, vovô. Ah, e este aqui é meu amigo, o Pedro.

O velho Chico olhou-o de cima a baixo, apertou os olhos e fechou a cara.

— Falta de educação. Não tirar os óculos para falar com os mais velhos... He... He... He...

Pedro foi rápido e os tirou em meio a um sorriso sem graça.

— Desculpe, seu Chico. Eu não enxergo direito e a luz me incomoda. — Pedro cumprimentou o velho, que estava com a mão cheia de mel.

— Eu também já estou quase cego. He... He...

Cristal preferiu mudar de assunto:

— Vovô, não quer dar um pedaço de uma de suas maravilhosas criações para o Pedro experimentar?

— Claro. He... Pode ser aquela ali. — Ele apontou para uma ainda intacta.

Pedro fuzilou Cristal com os olhos e ela devolveu o olhar com uma gargalhada.

A pizza de sardinha, banana, abóbora e pimenta-do-reino estava como prometia no visual, e Pedro fez um esforço descomunal para comer todo o pedaço.

— Quer provar? — Ele ofereceu a Cristal.

— Não contei? Eu ganho todas no jogo. Nunca como as pizzas loucas, isso é para perdedores.

— Supercampeã... você ainda me paga por essa — ele respondeu e Cristal sorriu, mostrando a língua para ele.

Ao chegarem à frente da casa de Pedro, já passava das onze da noite. Ele sabia bem o motivo da apreensão que arrebatava seu peito e tentaria controlar a ansiedade.

— Obrigado pelo dia memorável.

— Se você não tivesse armado a cilada para eu ir até o Cultural hoje de manhã, certamente seria um daqueles dias lá de fim de ano do qual eu não me lembraria.

— Sua família é ótima e eu me diverti como poucas vezes na vida.

— Está convidado a voltar quando quiser. Meus tios adoraram derrotá-lo.

— Pôquer nunca foi meu forte. Muito menos pingue-pongue. Mas o grande problema foi a pizza de cenoura, beterraba, caqui e creme de leite. O que foi aquilo, meu Deus?

— Essa, sim, foi memorável.

— Pode apostar e... eu... será que... — Pedro começou a dizer, jogando o dedão por cima do ombro. — Não quer entrar para um café?

— Obrigada pelo convite, mas já está tarde. Tenho aula amanhã cedo.

— O café vai te ajudar a ficar acordada no trânsito. Posso coar um bem forte.

Cristal ficou olhando para ele um tempo, levantou uma sobrancelha e disse:

— Será?

— Prometo rapidez.

— Então aceito.

Entraram e Pedro acendeu as luzes da sala de pé-direito duplo.

— Você mora sozinho nesta casona?

— Até outro dia éramos três. Mas meus pais se separaram. Ele foi morar no restaurante dele e ela foi para a casa da minha avó. Sobrei eu nesta casa gigante, fria e sem vida.

— Não sei se você é sortudo ou azarado.

— Depois de ver uma família como a sua, realmente fico deprimido com o que está acontecendo com a minha.

— Toda família tem coisas boas e ruins.

— E o que é ruim na sua?

— São todos malucos. — Ela riu.

Foram até a cozinha e Pedro colocou água para ferver.

— Na casa do seu avô tive a sensação de como é ser personagem de um filme. Se algum dia eu filmasse uma PPPPPP, meus espectadores diriam que aquilo jamais aconteceria na vida real.

— E onde fica o desafio de fazer as pessoas acreditarem no impossível de ser provado? Imagino que você seria hábil para mostrar a seus espectadores que festas como as da minha família podem existir.

— Ela tem resposta para tudo, impressionante!

— Físicos nucleares, lembre-se... — Cristal piscou para ele. — E me diz uma coisa: qual o motivo desse olho turco sempre no pescoço?

— Você conhece olhos turcos? — Ele jogou três colheres de pó de café no filtro de papel.

— Já bombardeamos uma escultura de metal que era a representação de um olho turco. Do século XVI, a propósito. E onde conseguiu o seu?

— Ganhei da minha avó aos doze anos, quando foi diagnosticada a degeneração dos meus olhos. — Pedro segurou a peça e mostrou. — Este é original, veio diretamente da Turquia.

— Muito bonito.

— Engraçado, porque há coisas na vida que a gente nunca esquece, mesmo que sejam ditas há muito tempo, né? Ainda me lembro como se fosse hoje das coisas que ela me disse treze anos atrás e do jeito como falou...

— E o que foi?

— Ela disse para eu jamais tirar do pescoço, porque enquanto eu estivesse com ele nada de mau me aconteceria. E falou assim: “Esse amuleto é para você nunca se esquecer de que tenho um segredo para contar. Uma coisa muito, muito importante mesmo. Um dia, quando você for mais velho, vai saber a hora. E daí é só vir até aqui na fazenda e eu falo.”

— Nossa! E já sabe o que é?

— Ainda não.

— Eu morreria de curiosidade.

— De repente ela nem se lembra mais de ter dito aquilo, pode ser alguma bobagem. Gosto de manter esse mistério de existir uma revelação... — A voz ficou sombria, ele esfregou uma mão na outra. — Um segredo, uma informação capaz de abalar as estruturas da minha humanidade privada...

— Então você nunca tirou do pescoço?

— Minha avó é meio bruxa. É um amuleto que me traz muita sorte. Melhor não arriscar.

— E você sabe o significado?

— Serve para proteger a pessoa da inveja e do mau-olhado. Também simboliza o olhar de Deus e... — Ele suspendeu a explicação. — Ah, para uma física nuclear isso tudo deve ser bobagem.

— Desse jeito vou ser pintada como uma insensível e sem coração — respondeu Cristal com um olhar de desaprovação.

— Fique tranquila. Se há uma coisa que posso afirmar é que você tem coração.

— Obrigada. De outra forma, eu estaria morta.

Pedro riu do comentário dela.

— Sua avó ainda está viva?

— Viva e atuante. É fazendeira em Pirenópolis, Goiás.

— Já ouvi dizer que é uma cidadezinha linda.

— Sim. Um lugar mágico, cheio de cachoeiras. A natureza foi generosa lá.

— E por que não vai até lá saber qual é o tal segredo?

— Como ela bem disse, eu vou saber a hora.

— E se ela morrer antes?

— Credo! Eu nunca tinha pensado nisso. — Pedro bateu na madeira da mesa três vezes. — Vamos mudar de assunto, para não atrair. Quer ver uma coisa fantástica enquanto o café não fica pronto?

Cristal concordou com a cabeça. Ele a conduziu pelo corredor, abriu a porta do escritório e acendeu todas as luzes.

— Seja bem-vinda ao meu mundo particular.

Ela ficou estática diante da profusão de cores do ambiente.

— Nossa, este é o lugar mais colorido que já vi! Como tem coragem de dizer que sua casa não tem vida?

— Quando a pessoa tem degeneração ocular, uma das consequências é a perda da habilidade de enxergar as cores. Como eu ficaria cego algum dia, não queria esquecer como pode ser colorido o mundo.

— Mas você não ficou cego...

— Por sorte não deu tempo de afetar minha capacidade de ver as cores, mesmo assim decidi colocar aqui dentro objetos de todas as cores imagináveis no mundo inteiro.

— E já conseguiu?

— Quase. Tenho cores aqui dificílimas de achar. Água-marinha-média naquele pote ali. Azul-ardósia-claro naquele quadro. Ferrugem no tapete. Borgonha é a cor do móbile sobre a mesa. Apenas aquela parede ali é branca.

— Branco é a soma de todas as cores. Se o escritório fosse branco, ele teria todas as cores, não?

— Em tese, sim. Mas ficaria sem graça, coitado! Ali na estante tem uma lata de tinta spray vermelha, e ela me chama todos os dias para preencher a parede com alguma coisa. Mas acabo de ser convencido de que deve permanecer branca.

De repente, Cristal fingiu apontar uma arma imaginária em direção a ele.

— Sou inocente! — Pedro levantou os dois braços.

— Fica quieto aí porque vou bombardeá-lo com um raio. — Ela simulou o tiro.

— Vai me analisar, doutora física nuclear?

— Shhh! Silêncio! — Um papel imaginário surgiu nas mãos de Cristal. Ela coçou o queixo, fingiu analisar gráficos. — Hum... Isso é 25% fascinante e 75% estranho.

— Devo considerar isso um elogio?

— No mundo de hoje, 25% de fascinante pode ser considerado uma pontuação alta no mercado.

— Prometo me esforçar para aumentar esse índice. — Pedro colocou a mão no peito. — Sabe, decidi achar mais três objetos e então finalizar minha busca pelas cores. Carmesim, chartreuse e azure. Meus três santos graais.

— Chartreuse?

— Tipo um verde-limão.

— E azure?

— Na metade do caminho entre o ciano e o azul.

— Acabo de retificar os números: o índice "estranho" subiu para 80%. Por que especificamente essas três?

— Gosto dos nomes e nunca encontrei objetos com essas cores. Um dia eu encontro.

— Não seria mais fácil procurar a cor na internet, imprimir uma folha e colar num objeto?

— Vocês, físicos nucleares, são práticos demais! E qual a graça de fazer assim? O bom da vida está justamente nas buscas que a gente empreende ao longo dela. Afinal de contas, a própria vida é uma busca.

— Uma busca pelo quê?

— A minha? Hum, acho que pela identidade como artista. Cinema Felicidade, sempre.

— Ser feliz é o que todo mundo deseja. Portanto, sua busca não é diferente da busca de ninguém. Eu também quero ser feliz.

— Não acha que já tenha alcançado?

— Sou a pessoa mais feliz do mundo!

— E como pode garantir que essa felicidade é a maior que poderia sentir na vida? — Pedro levantou o indicador. — Nunca devemos nos contentar com o que temos, mulher!

— Mas essa busca pela felicidade suprema, sempre achando que sua vida pode ser ainda mais feliz do que já é, pode ter o efeito

contrário e se tornar um caminho rumo à infelicidade e à frustração. Já pensou nisso? Porque no dia anterior à sua morte você certamente vai ter a sensação de que ainda não foi feliz o suficiente. Só que daí... — Cristal socou uma mão na outra. — Puf, você morreu.

— Meu Deus! Se eu ficar mais um minuto ouvindo suas teorias, a depressão vai se abater sobre mim.

— Obrigada pela consideração com minhas teorias. — Ela deu a língua. — E você, considera-se feliz?

— Claro! Tenho tudo que preciso. Casa, comida, trabalho, sanidade mental, amigos, pais, braços, pernas, ouvidos, olhos, que não são lá essa maravilha, mas me deixam ver as belas cores do mundo...

— Falta uma variável nessa sua equação.

— Qual?

— A variável que muda tudo, que te faz voar, que joga você no abismo e te faz querer nunca chegar até o chão.

Ele levantou uma sobrancelha, ela suspirou e continuou:

— A coisa mais importante do mundo, menino! Um grande, um enorme, um excepcional, maravilhoso e inesquecível amor. De todo o resto a gente pode abrir mão, mas de um grande amor, não.

— Eu tive um grande amor, só que ela foi embora e me deixou assim, jogado às traças na rua da amargura. Engordei 120 quilos, comecei a beber e a me drogar, pensei em me prostituir e pular de uma ponte.

— Sério?

— Não. — Ele riu. — Era só para dar mais dramaticidade ao seu “excepcional, maravilhoso e inesquecível amor”. Gostei disso! Inesperado ouvir da boca de uma física nuclear.

— Eu sou romântica, acredite!

— Tem certeza?

— Como dois e dois são cinco. — Ela riu.

— Posso testar seu nível de romantismo?

— E como seria isso?

— Vou aplicar a pergunta infalível. Responda sem pensar: qual a maior canção de amor de todos os tempos?

— Fácil. É... Deixa eu ver... A maior canção de amor... — Cristal franziu a testa. — De todos os tempos? Eu... Não faço ideia. Deve ser alguma dos Beatles, ou do Elvis, sei lá.

— Ahaaa! Eu falei.

— Hum... E qual seria?

Ele estendeu a mão, baixou as costas e perguntou:

— Aceita o prazer de uma última dança?

— A gente já dançou alguma vez, por acaso?

— Não, mas eu sempre quis dizer isso a alguém.

— Saiba que o índice "fascinante" acaba de subir para 30%.

Pedro ligou o aparelho de som e a música entrou. Os dois começaram a dançar, como se "Can't take my eyes off you" fosse uma valsa. O escritório colorido se transformou no cenário de um filme psicodélico, as cores passando de um lado para outro e ele perdendo a noção de espaço e tempo.

— Agora, canta comigo o maior refrão da história. Vai...

E então ele gritou, na entrada do refrão:

— *I love you baby...*

Aos rodopios, chegaram perto do computador e ele, de repente, se lembrou do mosaico colorido com as obras de arte e o nome dela colado na lateral do computador. Desviou, puxou-a pelo braço e gritou:

— Meu Deus! O café!

— O CAFÉ! — Cristal repetiu.

Os dois saíram correndo até a cozinha, e o que restava de água na panela não dava para meia xícara. Cristal olhou de lado e constatou:

— Com esta quantidade de água e as três colheres de pó, ousou garantir que é o café mais forte da história.

— Viu como cumpro minhas promessas?

— Pode ficar tranquilo. Já estou bem acordada. E amanhã cedo tenho de bombardear a escultura de um homem nu.

— Cuidado para não bombardear a parte mais importante do corpo do sujeito. Sabe como é, né? Esculturas impotentes perdem valor no mercado. — Pedro gargalhou.

— Céus! Como pode falar tanta bobagem? — Cristal devolveu a risada.

Na saída, eles se abraçaram e ela lhe deu um beijo leve na bochecha. Colocou o capacete e saiu com seu projeto de moto pela avenida larga.

E meio sem entender exatamente como ela havia aparecido de forma tão destruidoramente doce nem como havia plantado nele o desejo de viver mais milhares de domingos como aquele, Pedro ficou estático e seus olhos brilharam com as luzes que vinham dos postes, como um colírio mágico capaz de tornar seu mundo totalmente claro.

— Nina, adeus. — Foram as palavras que ele jamais imaginara dizer, em meio ao sorriso que teimava em não ir embora.

“Fit, eu estou completamente louco por aquela ruiva do Cultural, fora de mim, sem chão e sem teto. E quero fazer um filme sobre esse sentimento. Aquele filme vermelho. Venha aqui amanhã à noite. Preciso da ajuda do melhor *storyboard artist* da cidade.”

A mensagem havia sido enviada às duas da madrugada, e a notificação da resposta acordou Pedro pela manhã: “Oh, céus! Oh, vida! Oh, azar! Isso não vai dar certo!”, frases seguidas de um desenho de Hardy, a hiena, e seu olhar de desânimo.

Pedro gargalhou, ainda deitado na cama. Sabia bem o significado daquelas palavras de Fit: estavam enroscados, mas encarariam, outra vez, o desafio de produzir algo especial. Nos trabalhos à época da faculdade, Fit sempre a cargo dos *storyboards* das ideias mirabolantes de Pedro, haviam dedicado horas e mais horas de discussões sobre detalhes dos roteiros, composição de personagens, design de objetos de cena, figurinos, perfil de atores, locações, trilhas sonoras e orçamento. A amizade sobrevivera às mais duras batalhas e Pedro sabia que, mesmo com os já costumeiros conflitos, os dois sairiam do processo ainda mais amigos.

Fit chegou à casa de Pedro às nove da noite. Mochila nas costas e um travesseiro na mão.

— Travesseiro? — Pedro bateu no ombro do amigo.

— Só saio daqui com esse roteiro muito bem iniciado. Afinal de contas, você ainda quer inscrever o filme?

— É o que mais quero.

— Pois se a gente não começar já, pode esquecer. Faltam quantos meses para a inscrição?

— Pouco mais de cinco.

— Corrido. — Fit colocou a mão no queixo. — Pensando rápido aqui e sendo otimista: um mês para o roteiro, desde que trabalhemos como dois alucinados. Vou já rabiscando as ideias de planos e esboços dos cenários, para ganhar tempo, e prometo trabalhar neles durante as horas de folga. Mais um mês de pré-produção, análise técnica, montagem do cronograma, planejamentos gerais e escolha do elenco. Quinze ou vinte dias para a captação, depois montagem e... É, o tempo não é muito. Mas com a equipe técnica correta a gente consegue. Podemos pegar a turma lá na faculdade, só profissionais de primeira.

— Isso, vamos selecionar os melhores. Quero a Jana para preparação de elenco, o Fininho como diretor de fotografia. A trilha sonora deixa comigo. E, claro, o melhor montador que já vi: um tal de Fit.

— Obrigado pela deferência do exagero.

— Você bem sabe que é opinião unânime entre os professores, mas não fica se gabando. Gênio, aqui, só o diretor.

Fit deu risada e concordou.

— Você é o chefe, o homem da grana. A propósito, qual o orçamento?

— O suficiente. Mas vou tentar retomar aquelas eternas promessas de patrocínio. Dessa vez quero pagar todo mundo. Nada de arranjar gente para trabalhar de graça, porque assim não posso fazer o papel de cineasta-produtor-excêntrico-que-dá-chilique.

— Vai ser difícil te aguentar. Mas vou buscar pra você aquele Cacaú de Ouro, custe o que custar. Ou meu nome não é... — ele impostou a voz — ...Fernando Ibarra Tomasini.

— Gostei de ver a animação... Fernando. Aliás, nome estranho esse. Eu, hein!

Fit deu risada.

— Vamos fazer um filme sobre a ruiva, certo?

— O nome dela é Cristal.

— Cristal, nome de personagem. Então vamos logo para aquela aquarela brasileira que você chama de escritório.

As cores da aquarela se transformaram em parte da escala de cinza, quando Pedro desligou todas as luzes da casa e colocou

apenas dois abajures com focos direcionados para cada uma das duas poltronas dispostas no centro do ambiente. Como rezava a tradição, abriram uma garrafa de uísque barato e encheram seus copos. Eles se entreolharam e disseram juntos:

— Um, dois, três... já!

Viraram os copos, contorceram-se como se possuídos pelo espírito feroz dos deuses da criatividade. Em seguida, Pedro colocou o CD das *Quatro estações*, de Vivaldi, no *player* marrom, em formato de gramofone com uma enorme corneta dourada. A altura do som era de uma insanidade suficiente para fazer tremer as grandes janelas de vidro ao fundo.

Pedro sentou-se na poltrona roxa que pertencera ao finado Luis. Fit, na vermelha, da saudosa Vanda. Um de frente para o outro, cada um segurando uma prancheta com folhas, lápis e borracha. Celulares desligados.

Durante toda a “Primavera”, nenhuma palavra. Nenhuma linha de texto nas folhas de Pedro, nem sequer um desenho nas de Fit. O primeiro entrou na espécie de transe que o acometia quando embarcava em um novo trabalho. O segundo fechou os olhos em respeito. O primeiro, com as mangas da camisa dobradas na altura do antebraço, regia os violinos e mordida a língua. O segundo apenas sentia as vibrações do ambiente.

A “Primavera” terminou e chegou o “Verão”. Durante o *allegro non molto*, o coração de Pedro começou a bater mais forte e ele sentiu que vinha algo. No *adagio*, teve a certeza de que achara o caminho entre as brechas de sua mente. Pois, aos primeiros acordes do terceiro movimento, o *presto*, saiu do transe e gritou com os braços levantados:

— Porra, eu amo esta música!

Abriu os olhos e começou a gritar o roteiro, numa tempestade de ideias sem precedente em suas criações. O som de sua voz se submetia ao desejo dinâmico dos violinos, ganhando vida durante os *pianissimos*, *mezzo-pianos* e pausas, e sumindo sob os *fortissimos*. Gritava e gesticulava. Fit seguia no mesmo passo, desenhava no tempo do concerto, rabiscava frases e esboços das ideias possíveis de captar. Cenários vermelhos, os personagens Cristal e Pedro, um

bosque, um garçom de bigode *à la Dalí*, uma festa com duração de 48 horas, crianças vestindo branco e amarelo, cortes dissonantes ora sem sentido, ora combinados em frases que saíam como se Vivaldi estivesse ao vivo, dialogando com Pedro. O raio gama que acertava o peito da escultura de um homem com o torso nu. A chuva de pétalas vermelhas. Violinos, muitos violinos. Violoncelos, tímpanos, tempestade, um guerreiro sobre um cavalo crioulo marrom e de patas brancas.

Fit desenhava quadros na velocidade frenética das imagens cuspidas pela boca de Pedro. Os dois cruzaram o “Outono” e o “Inverno” como andarilhos que atravessam uma floresta densa, capturando galhos para moldar a base, folhas para rechear os cantos, flores para enfeitar as cenas e os frutos atirados dentro de buracos imaginários, que estavam ali para abrigar as criações mais surreais da mente humana, transformadas em árvores gigantes. Segundos, minutos, silêncio. Horas. Novas quatro estações. Uísque. Madrugada. “Primavera”, “Verão”, “Outono”, “Inverno”. Uísque. Páginas de desenhos e frases...

Cansaço.

Após o fim da última execução da terceira parte do “Inverno”, o silêncio tomou conta. Fit, estirado em sua poltrona, olheiras fundas e braços caídos sobre as pernas, soltou a frase que representava aquele momento sublime de criação:

— Esta é a coisa mais louca que já vi. Não é um roteiro, é um sonho, uma epifania insana de alguém que está apaixonado. Minha opinião: isso é impossível de ser filmado.

Pedro, também jogado na poltrona, ficou olhando para Fit durante quase um minuto. E a voz saiu mole:

— Não é Cinema Felicidade.

— Não é cinema.

Os dois se entreolharam. Silêncio. E começaram a gargalhar. Puxaram as folhas das pranchetas, com dezenas de ideias anotadas, e passaram a fazer grandes bolas de papel e a atirar um no outro.

— Seu incompetente! — gritou Pedro.

— Cineasta fajuto! — Fit devolveu.

— Ponha-se fora da minha casa, Fernando Ibarra não-sei-o-quê!

— De jeito nenhum. Eu trouxe meu travesseiro e não saio nem se me pagar 1 milhão.

Pedro soltou uma gargalhada demorada e em seguida se levantou e saiu cambaleando para o quarto. Do pé da escada, falou alto:

— Encosta aí no sofá que de manhã te acordo.

Fit não respondeu. Já estava deitado, em meio a bolas de papel, abraçado ao travesseiro e roncando.

A cabeça de Pedro rodava, às nove da manhã, como um vinil de 78 rotações. Ainda no escuro do quarto, massageou as têmporas. Seus olhos doíam como poucas vezes antes, e ele não sabia se por culpa do uísque barato, se por ter forçado demais a visão durante a tentativa malsucedida de escrever um novo roteiro na noite anterior, ou se ainda por alguma sequela da briga no Carlo's. O fato era que alguma coisa não estava certa com seus olhos. E ficou murmurando as duas opções do dia — trabalhar ou pedir folga e visitar o oftalmologista:

— VIP ou doutor Renato? VIP ou doutor Renato?

Após alguns instantes de indecisão, tocou por uns três segundos o indicador e o dedão no olho turco e disse:

— Vamos trabalhar, preguiçoso. Nada que um café forte não resolva.

Por via das dúvidas, telefonou para seu médico e marcou hora para o fim da tarde do dia seguinte. Pelo visto já era hora de reavaliar os óculos, que não andavam lá muito confortáveis. Desceu para comer e Fit seguia na mesma posição da noite anterior. Pedro puxou o travesseiro do meio das pernas do amigo e passou a espancá-lo nas costas.

— Acorda, folgado.

Fit deu um salto do sofá, parecendo não entender onde estava. Já acordou soltando a frase preferida do Tutubarão, seu personagem favorito:

— Ei! Que falta de respeito!

— Vamos tomar café. Depois do vexame de ontem à noite, é o que nos resta.

— Nossa, tive um sonho horrível. Você era de mármore, tinha o peito nu e estava sobre o chafariz de uma praça. Saía água de suas orelhas. Daí chegou uma mulher de cabelos vermelhos e mandou

um raio no meio da sua cara. Você explodiu e de dentro saíram pétalas de flores que...

— Só uma mente podre que nem a sua poderia conceber uma imagem tão estranha.

— Minha mente, né? Seu sem noção... — Fit deu risada.

Os dois se sentaram para comer.

— Sabe, Fit, ontem eu acabei demorando a pegar no sono. Decidi fazer um filme que fale sobre segundas chances.

— Segundas chances de quê?

— Acho que todo mundo na vida deve ter uma segunda chance. De amar, de perdoar, de crescer, de aprender. Sei lá. Preciso refletir com mais calma sobre isso.

— É algum tipo de ressaca tardia da história com a Nina?

— Poderia até ser. Mas não tem absolutamente nada a ver com ela. Nossa história é passado.

— E o seu tempo presente, a Cristal? Nada mais de filme sobre ela?

— Pensei bem, melhor não. Eu mal conheço a garota e ela já vira personagem de roteiro? Não tenho nem certeza se ela tem namorado, e se tiver, isso pode dar problema.

— Eu não queria contradizê-lo, afinal de contas o filme é seu. Mas eu também achei que a coisa não seria muito bem interpretada por ela. E como não precisei me expressar, vamos ao que interessa: qual seria a história com as tais chances?

— Não sei exatamente. Pensei em algo simples, colocar uma mesa ali no meio do meu escritório, preparar sombras e luzes sobre os coloridos e...

— Verdade. — Fit apontou para Pedro. — Seu escritório é um cenário pronto. HD ou 35mm?

— Trinta e cinco, claro! O set não é grande, mas podemos aproveitar as janelas e mexer com a luz natural do fim da tarde. Trabalhar a profundidade e os ângulos obtusos. Sabe *Doze homens e uma sentença*? Locação única? Diálogos fortes? Apenas uma questão a resolver?

— Claro.

— Podemos usar uma família que está passando por algum problema grave. Algo que precisa ser decidido em conjunto. Seis ou sete personagens num almoço de domingo. E cada um deles representaria um sentimento feliz. Amor, compaixão, serenidade...

— Pode ficar bom.

— Vou pensar em algo.

Pedro empurrou para o canto da geladeira os ímãs de letras e puxou para o meio algumas. Montou a palavra CHANCE. Os dois ficaram olhando-a, calados, enquanto terminavam o café.

Pouco depois das onze e meia, Pedro arrastava os pés VIP adentro. Após anos entrando ali de forma automática, sentiu um desconforto estranho, um cheiro diferente, cores que não percebera antes. Talvez a disposição das prateleiras houvesse mudado e as televisões em que passavam os trailers fossem menores do que imaginava. Os espelhos convexos alongavam os corredores mais do que o habitual? Ou essa era apenas mais uma impressão decorrente da noite maldormida? Algo parecia realmente diferente.

A chuva fina e o céu escuro lá fora prenunciavam uma tarde chata e sem novidades, especialmente por segunda-feira costumar ser dia apenas de devoluções dos filmes alugados no fim de semana. A ideia era rascunhar algumas linhas do novo roteiro, à medida que a tranquilidade da tarde abrisse brechas, e depois seguir para casa e dormir cedo.

De repente um grito:

— Quero meu dia de folga! — era Haroldo, por trás de uma prateleira.

— Credo, você parece um fantasma! — Pedro precisou de tempo para se recompor. — O sujeito da cueca ainda não devolveu o filme, pelo visto.

— Nem um pedaço dele.

— Ok. Para quando esta maldita folga? — Pedro estava mais chateado por sua semente plantada não ter frutificado do que pela perda da aposta em si.

— Hoje. Aproveita o movimento fraco. A Silvana ajuda no caixa.

Pedro baixou o rosto, puxou os óculos até a ponta do nariz e olhou por cima da armação, coçou o queixo, apertou os lábios. À sua frente, Haroldo juntava as duas mãos como numa reza. Pedro apontou para a porta:

— Ok. Caia fora daqui antes que eu me arrependa.

— Seu pedido é uma ordem, chefe. Fui!

Haroldo saiu assobiando e dando tchau de costas.

Aquela tarde transcorreu como previsto, sem grandes emoções. Próximo da hora de encerrar o expediente, Pedro resolveu dispensar a funcionária.

— Por hoje está bom, Silvana. Eu fecho o caixa e a loja.

— Tem certeza de que não precisa de ajuda?

— Pode ir já. Pelo visto não vai acontecer mais nada de interessante.

Silvana pegou a bolsa e disparou, parecendo desejar, por tudo no mundo, que o chefe não mudasse de ideia.

Às cinco para as oito, logo após fechar a contabilidade do dia, no instante em que se dirigia até a entrada para baixar e trancar a porta de ferro, Pedro suspeitou de que ainda teria uma segunda chance em relação ao resultado da aposta. A semente plantada possivelmente havia frutificado. Do meio da rua vinha correndo um rapaz em direção à VIP, e parecia ser aquele a quem havia emprestado *Sociedade dos poetas mortos*. O mesmo estilo de roupa, o mesmo gorro na cabeça e um embrulho na mão. Quando a luz da loja bateu em seu rosto, Pedro abriu um sorriso confirmando a suspeita. Aguardou para saber, de seu último e mais esperado cliente, quais as impressões sobre o filme.

Abriu os braços.

— Seja bem-vindo, meu amigo! *Carpe diem!*

O rapaz chegou direto com a mão espalmada no peito de Pedro e o empurrou de volta para a loja.

— CALA A BOCA E ENTRA! Abaixa a porta, rápido.

De dentro do embrulho saiu um revólver que foi para a cabeça de Pedro.

— Calma! — Foi a única palavra em direção ao rapaz, voz aterrorizada e respiração entrecortada.

— Calma o caralho! Já mandei calar a boca. Tranca logo esta porta.

Pedro abaixou a porta de ferro e o sujeito continuou gritando em seu ouvido:

— Onde é a caixa de força desta porra?

— Atrás daquela prateleira. — Ele apontou de forma tímida.

O marginal colocou o revólver na nuca de Pedro e ordenou:

— Vai lá e desliga a chave geral.

Enquanto ele corria para desligar a energia, ouvia o bandido quebrar as três câmeras de segurança com o cano da arma.

— Silêncio — o marginal murmurou. — Se der um pio, eu estouro a sua cara.

Loja às escuras, o rapaz mandou Pedro se agachar por trás de uma fileira de estantes de filmes. Por algum momento o silêncio se fez. A impressão inicial era a de que ninguém apareceria atrás do sujeito e em instantes tudo estaria resolvido. Mas dois carros da polícia chegaram, sirenes altas e giroflex vermelhos e azuis, transformando em praça de guerra o estacionamento do centro comercial.

O malandro puxou Pedro pela gola da camiseta.

— Merda! Vem aqui, filho da puta! Continua abaixado.

Caíram no chão, no meio de outras duas fileiras de estantes de filmes e latas de batata frita, nos fundos da loja. O coração de Pedro batia a mil por hora, o corpo todo tremia. Elevou o rosto em direção à parede em que sabia haver um pôster do filme *Deus não está morto*, posicionado por Haroldo sob o argumento de atrair boas energias à VIP. Abraçou as pernas e começou a rezar em pensamento. Ave-maria, pai-nosso, ave-maria, pai-nosso...

O delinquente aparentava estar sob o efeito de drogas, ofegava e dava tapas no próprio rosto. Engatinhava de um lado para outro e usava a estante como escudo, tentando ver pela vidraça a movimentação da polícia do lado de fora. As luzes dos veículos policiais apontadas para a loja atingiam o rosto de Pedro e turvavam ainda mais sua visão. As orações seguiam em ritmo frenético, uma emendada na outra.

Então o rapaz se sentou ao seu lado, repetindo:

— Merda! Merda! Merda!

Pedro perguntou, para tentar controlar a situação:

— Eu posso te ajudar a sair dessa. O que aconteceu? Você fez alguma coisa errada?

— O mundo me fez errado, eu não sou nada, minha vida não presta. O que fiz de errado foi nascer. Merda! — As palavras saíam atropeladas.

— Ronaldo, né?

— Cala a boca, porra! Meu nome não é esse. Merda! Merda!

Voltou a engatinhar, tentando apontar o revólver na direção de Pedro.

— Não sai daí, senão eu te mato.

Pedro não pensou nem sequer por um segundo em desafiar as ordens. Baixou a cabeça entre os joelhos.

— Eu precisava do dinheiro. Precisava. Deu tudo errado.

— Tem dinheiro ali no caixa.

— Agora não adianta. A polícia vai acabar comigo. Eu só queria... Eu precisava do dinheiro.

Ficaram um tempo em silêncio, escutando as sirenes da polícia do lado de fora, até Pedro começar a recitar versos do filme que emprestara ao assaltante:

— Aproveite o dia, torne sua vida extraordinária... Lute em grande desigualdade, enfrente inimigos sem temor... Seja um marinheiro do mundo, em viagem por todos os portos... Viva para ser governador da vida, não um escravo... Dance, bata palmas, exalte, grite, pule, rodopie, flutue...

— Cala a boca!

— Não! Você assistiu ao filme que te emprestei aquele dia?

— Claro que não. Joguei na lixeira assim que saí daqui. Essa sociedade é um lixo. Só filho da puta vivo e miserável morto. Merda!

— Nem tudo é assim. Deus está do seu lado e sempre existe uma segunda chance.

— Deus é um lixo. Ele não vale nada. Nunca me deu porra nenhuma, eu só me fodi na vida.

O barulho do lado de fora parecia indicar que o cerco à locadora já era total.

— Caralho, a gente vai sair daqui morto. Eu e você. A morte é a hora em que todo mundo é igual. Merda! Você, nem ninguém no mundo, é melhor do que eu na morte.

— Eu não sou melhor do que você em nada, juro. Pelo amor de Deus, não fala isso. A gente pode sair daqui e a vida seguir.

— Sua vida vai seguir feliz e eu vou voltar pro inferno da prisão, cara. Não quero voltar pra lá.

O tempo pareceu indistinto. Horas — muitas, poucas? A madrugada parecia avançar, ou a noite mal começava? Os gritos dos policiais, as ameaças de invasão, os argumentos gritados pelo negociador e as respostas sem nexos de Ronaldo, ou qual fosse seu nome verdadeiro. Só o que Pedro desejava era que tudo acabasse logo, para voltar aos braços dos seus, para reencontrar Cristal, fazer seu filme e fazer coisas que deveria ter feito e não fez a tempo. Então, após repetir mais dezenas de orações em silêncio, pela primeira vez na vida ele contrariou a recomendação de sua avó de não tirar do pescoço a corrente com o olho turco. Segurou-o nas mãos, colando-o ao coração, e fechou os olhos.

Gritos dos policiais. O cano da arma encostou em sua cabeça. Pedro abriu os olhos.

— Por favor, não me mata — gritou.

— CALA A BOCA, CARALHO!

O assaltante se levantou e num golpe veloz acertou um chute no queixo de Pedro. Nesse instante, os óculos e o olho turco voaram longe. Tonto pela violência do pontapé, sem medir consequências e sem enxergar quase nada, Pedro saiu engatinhando pelo chão em busca do amuleto.

— Meu olho, meu olho...

A mão foi para baixo de uma prateleira, ele tateava no desespero de quem busca a salvação.

O assaltante chegou ao lado, se agachou e gritou:

— EU MANDEI FICAR PARADO E CALAR A BOCA, DESGRAÇADO!

E desferiu uma coronhada no rosto de Pedro. O punho da arma atingiu em cheio seu olho esquerdo. O cano acertou o direito. A pancada veio com uma força tão brutal que sua cabeça foi jogada para trás e bateu na prateleira. Ele começou a desfalecer, ainda a tempo de escutar os vidros da frente sendo estourados.

E tudo ficou escuro.

II

“A vida é colorida, mas a realidade é em preto e branco.”

Wim Wenders

Escuridão, uma cama, sussurros de frases desconexas. Havia muito tempo Pedro não escutava as vozes de Carlo e Ariadne no mesmo ambiente. Sua mão esquerda foi para o rosto e ele tocou em um tecido sobre os olhos e o nariz.

— Pai? Mãe? O que aconteceu comigo? — Pedro gritou, em meio à dor física e por suspeitar do pior.

— Filho, é só uma atadura que o doutor Renato colocou em seu rosto. Você vai ficar bem. — A voz de Ariadne estava embargada.

— Onde eu estou?

— Estamos num quarto de hospital, meu amor — Carlo respondeu e segurou a mão do filho.

— Hospital? Pra que esta atadura, pai?

— É só precaução. O doutor disse que está tudo bem e que ela deve ficar nos seus olhos até o fim da tarde, quando ele vai voltar pra te examinar. Você precisa descansar.

— Eu não me lembro de quase nada. Só de estar lá na VIP com um assaltante e...

— Foi isso mesmo, Pedro. Era um assalto, você estava no lugar errado, na hora errada — Ariadne falou de forma ríspida.

— O que aconteceu?

— A polícia estourou a frente, entrou na loja, controlou a situação, você se salvou.

— E o assaltante?

— Está morto, graças a Deus. — Pedro sentiu a mãe tocar-lhe as mãos.

— Graças a Deus? — Pedro puxou as mãos e as levou à cabeça. — Puta que o pariu, mãe! Graças a Deus coisa nenhuma!

— Você queria o quê? O bandido era perigoso.

— Bandido? Como a senhora sabe que era bandido? Ele estava desesperado.

— Desesperado a ponto de se entupir de drogas, estourar um caixa eletrônico e depois colocar em risco a vida das pessoas? Isso pra mim não é desespero, é bandidagem. E você está feliz agora aí, deitado, sem saber se...? — Ela desistiu de continuar.

— Sem saber se o quê? — Pedro retrucou.

— Nada. Sem saber se... se...

— O doutor Renato falou alguma coisa mais séria, mãe? Não esconda nada de mim.

— Não! — Carlo gritou. — Ele só falou que vem mais tarde conversar com a gente e receitou repouso absoluto.

— Eu cansei de falar que lá não é ambiente para o Pedro! — Ariadne interrompeu e, em seguida, dirigiu-se diretamente ao filho: — Por que tinha de inventar de trabalhar naquele lugar de pobre? Você tem berço, filho, não tinha nada que se envolver com aquela gente.

— Porra, mãe! Como a senhora tem coragem de falar esse tipo de coisa?

— VOCÊ NÃO PERTENCE ÀQUELE LUGAR! — Ariadne berrou e começou a chorar.

— Agora não é hora para voltar a discutir esse assunto. — Carlo tentou acalmar os ânimos.

— Aí vem o Carlo sempre querendo posar de conciliador. — A voz de Ariadne saiu histérica. — Você sabe, mais do que ninguém, que aquele lugar não pertence ao nosso filho nem ele pertence àquele lugar.

Carlo ficou em silêncio.

Pedro gritou:

— Saiam daqui vocês dois! Eu quero ficar sozinho!

Assim que escutou a porta do quarto se fechar, Pedro sentou-se no leito. O curativo pressionava os olhos e o rosto latejava, gigante e deformado. Apoiou-se na cabeceira, sentiu que havia uma agulha no antebraço, provavelmente de soro. Tirou-a, colocou os pés no chão e foi tateando pela parede à procura da porta do banheiro. Ao sentir o frio do azulejo na parede, correu os dedos até encontrar o interruptor. Levou as mãos à frente e se encostou na pia, procurando com o tato um espelho sobre ela. Contrariando a

recomendação médica, mas querendo tirar a dúvida, puxou o esparadrapo sobre a atadura e veio desenrolando-a, preocupado com o que ia ver. Ou pior: aterrorizado com a possibilidade de não ver nada. O coração batia acelerado.

A situação começou a se acalmar quando, à medida que soltava a gaze, as imagens reapareciam na claridade. Ao passar a última volta e retirar toda a atadura, sentiu uma tontura tão forte pela luz sobre os olhos que teve de se agarrar à pia. Baixou a cabeça até recompor o equilíbrio. Então levantou o rosto em direção ao espelho e o pouco que viu não era nada bom. De fato, suas feições estavam enormes. O curativo de esparadrapos sobre o nariz o deixava ainda mais deformado e o inchaço nos olhos praticamente os mantinha fechados. Naquele instante, seus 70% não deviam passar de 20%.

Apagou a luz, voltou para a cama e o nó na garganta não o deixou dormir. Nó atado por ódio do assaltante, por raiva de si mesmo. Por pena, desprezo, dor, e por sentir na alma o duríssimo nocaute levado por seu ideal de plantador de sementes.

No fim da tarde, o doutor Renato apareceu. Depois da bronca em Pedro por ter tirado a atadura, sentou-se na beira do leito e passou o diagnóstico, sob os olhares de Carlo e Ariadne.

— Sendo bem direto, Pedro, a pancada realmente foi muito violenta. Por sorte você estava sem óculos, e isso, em certa medida, diminuiu o estrago. A força da batida quebrou o osso nasal, o lacrimal, o zigomático. Mas fica tranquilo porque o cirurgião colocou tudo no lugar e provavelmente seu nariz vai ficar inteiro.

— Ótimo. E quais as consequências para minha visão?

— Não sabemos ainda, porque nenhum exame foi feito. Precisamos esperar esses dois olhos de peixe-japonês voltarem ao normal para fazermos exames mais precisos que os de rotina. O que você não está enxergando deve ser por conta do inchaço mesmo, e imagino que saia ileso dessa, já que nada do que acontece com você tem precedência na literatura médica.

Pedro enfim sorriu, o rosto inteiro doeu e ele soltou:

— Sou uma aberração positiva da natureza, lembre-se.

Doutor Renato concordou. Entretanto, não sorriu de volta.

Ao acordar no dia seguinte, ainda no hospital, Pedro viu um saquinho de pano em cima do criado-mudo. Dentro, a corrente com o olho turco, com alguns riscos. Apertou-a nas mãos por uns três segundos e a recolocou no pescoço. Carlo comentou:

— Seu amigo Haroldo deixou lá embaixo, na recepção, hoje cedo. Disse que achou jogado embaixo de uma prateleira. Ah, e seu celular também tocou algumas vezes. A turma está preocupada.

— Quem ligou?

— O Fit, uma tal de Mayla e outra... Hum... Não lembro muito bem. É um nome diferente.

— Cristal?

— Isso.

— Se ela ligar de novo, diga que não posso atender. Faça mistério, diga que estou mal e que, com muita fé e esperança, vou sair dessa.

— É para dar pena na moça?

— Não precisa chegar a tanto. Mas vamos dificultar um pouco.

— E por que o tratamento diferenciado?

— Digamos que gerar um pouco de curiosidade seja boa estratégia, quando você se encanta por alguém que ainda não faz a menor ideia de que você está completamente arriado. Isso se chama “plantar uma semente”.

— Opa! — Carlo levantou as mãos para o céu. — Sinto que, finalmente, vou ouvir outro nome sair dessa boca que não seja Nina, Nina e... Nina. Depois vou querer saber mais.

Os dois sorriram.

Ainda pela manhã, Pedro teve alta. E as recomendações não eram poucas: repouso, anti-inflamatórios, compressa gelada, antibiótico em gotas nos olhos, não forçar a visão, nada de ler livros nem de escrever roteiros. Digitar em celular ou computador nem

pensar. Melhor não receber visitas. Privilegiar a penumbra e fugir da luz do sol. A extensa lista seria cumprida à risca, sob a supervisão de Carlo, que deu o resto da semana de folga aos funcionários e ficou na companhia do filho.

Ariadne finalmente voltou para casa.

O pessoal da VIP foi avisado por Carlo sobre a situação e as perspectivas de melhora. Por mais que os amigos desejassem fazer visitas, ele pediu que esperassem. Tudo terminaria bem e em breve teriam de volta o bom e velho semeador e seu Cinema Felicidade.

Carlo trocou as lâmpadas de cem velas da sala por outras de quarenta. Ajustou a qualidade da imagem na TV de setenta polegadas para um estilo opaco, também com o mínimo de emissão de luzes fortes. Durante as tardes, no horário em que Ariadne saía para o trabalho, pai e filho sentavam-se no sofá, posicionado um metro para trás, e assistiam a uma seleção de clássicos. Filmes que já tinham visto, mas nunca juntos nem com a assessoria luxuosa dos comentários do ex-coordenador do último cineclube da cidade. *Casablanca, Taxi driver, Apocalypse now, Os suspeitos, Os caçadores da arca perdida*. Todos dublados, heresia para um aficionado como Pedro, todavia fundamental para diminuir a necessidade de forçar a visão.

Pão de queijo, pipoca, ovo com bacon, cereal com leite, barras de chocolate, refrigerante, suco de caju. Carlo e Pedro pareciam duas crianças, e tudo que o pai queria era ficar ao lado do filho, sem precisar ir para a cozinha preparar alguma de suas tantas especialidades culinárias. Naqueles dias, Pedro e o pai se aproximaram mais, enquanto Ariadne mantinha seu jeito distante, ainda mexida pela separação. Voltava do escritório à noite, arrumava o jantar, perguntava uma ou outra coisa sobre os olhos do filho e subia para o quarto.

Aos poucos a visão voltaria ao normal. O rosto desinchou bastante, os olhos de peixe praticamente sumiram, o nariz sobrou um pouco torto. E após a visita do doutor Renato, que considerou a recuperação satisfatória, a bateria de exames no hospital foi agendada para o dia seguinte pela manhã.

Daí a ideia de celebrar o fim da reclusão em alto estilo...

Um pedido especial, de filho para pai, reservou o Carlo's inteiro para apenas quatro clientes. Às sete e meia da noite, Ariadne deixou Pedro na frente do restaurante. De fora, já se ouvia um solo rasgado de Johnny Winter, o escolhido para as honras musicais da noite. Luzes quase todas apagadas; uma plaqueta pendurada na maçaneta da porta trazia a palavra "Fechado". Pedro usou sua chave para entrar. O cheiro suave de vitela prenunciava que o chef acertara na escolha do cardápio. Apenas uma mesa redonda de quatro lugares fora arrumada, no canto esquerdo. Toalha creme, luminária pendente de luz direcionada para o centro, quatro pratos de borda dourada, talheres de prata dispostos em simetria e, diante de cada prato, uma taça de cristal para o vinho e um copo redondo de vidro.

— O cheiro está espetacular — disse Pedro ao entrar na cozinha.

Carlo, de avental branco e chapéu de cozinheiro, debruçava-se sobre uma tábua quadrada de cerâmica e separava folhas de alguma verdura. Levantou o rosto e sorriu.

— Quer provar se o molho ficou do seu agrado?

— Não precisa. Como dizem por aí: surpreenda-nos!

— Estou dando meu melhor. A que horas mesmo o pessoal chega?

— Oito. Ainda dá tempo de ajudar aqui.

— Hoje você não trabalha.

— Então prometo retribuir como garçom quando faltar alguém.

— Aceito a oferta. Desde que a gente não saia na porrada com os clientes.

Quando os convidados chegaram, meia hora após o combinado, Carlo os recebeu à porta, ainda de avental e chapéu. Pedro aguardou sentado à mesa, em frente a um tinto argentino.

— Eu já estava achando que vocês não iam aparecer. — Ele se levantou e foi em direção aos três.

— E eu ia perder uma boca-livre desta? — Fit respondeu e os dois bateram as mãos.

— Muito obrigada pelo convite, Pedro. — Mayla deu um beijo no rosto dele.

— Sumido... — Cristal fechou a cara e cruzou os braços.

— Sentiu minha falta?

— Claro que não! — Ela piorou a cara brava em direção a ele. — Eu só liguei dezoito vezes para seu celular, porque não tinha nada melhor para fazer na vida. Seu pai não deve aguentar mais ouvir minha voz.

Ele a puxou, deu um abraço apertado e um longo beijo em sua bochecha. Cristal mantinha os braços cruzados.

— Me perdoa por quase ter morrido?

— Só vou perdoar porque sobreviveu. Se estivesse morto, eu ia até o cemitério e você ia ouvir poucas e boas. — Enfim, retribuiu o abraço e os quatro se sentaram.

Pedro começou a encher as taças com o vinho. Mayla colocou a mão sobre a sua taça.

— Bebo não.

— Não? — Pedro fez uma cara de espanto.

— Apesar de trabalhar num boteco... Não.

— Essa geração saúde é fogo! Então, desce um suco pra criança! — Pedro comentou e Mayla mostrou a língua para ele.

Aguardaram Carlo servir o suco de uva e Fit levantou sua taça:

— Ao Pedro, que tem o dom de atrair confusão e deixar os outros preocupados.

— Ao Pedro, que se mete em confusão, mas está demonstrando que é um gentleman. — Mayla olhou de soslaio para Fit.

— Ao Pedro, mistura insana de confusão e cinema — Cristal emendou.

Os três aguardaram Pedro completar a rodada:

— Às chances que a vida proporciona de vivermos momentos como este.

Quando eles iam beber, Fit recomeçou:

— Ao cheiro magnífico deste jantar.

Os outros três recuaram as taças e as levantaram outra vez.

— A esta música ótima que está tocando. — Mayla tamborilou os dedos na mesa.

— Ao sabor deste vinho, que ainda não consegui provar porque só estamos brindando. — Cristal riu.

Antes de, enfim, beberem o primeiro gole, Fit atacou:

— Ao...

— Vamos começar logo este jantar ou não? — Pedro interrompeu.

Os quatro caíram na gargalhada.

Pedro contou em detalhes o episódio na VIP, com todos os lances de tensão e incerteza. O semblante dos outros três revelava um misto de indignação e medo.

— E que lição tirou do episódio, se é que há alguma? — Cristal quis saber.

— Pensei muito sobre isso durante a semana. O rapaz não teve chances na vida. Sabe, quando ele falou que se considerava um lixo da sociedade isso me deu pena.

— Pena? A imensa maioria das pessoas, ricas ou pobres, não assalta bancos nem encosta arma na cabeça de trabalhadores honestos.

— Ainda assim, pra quem nasceu em berço de ouro, como nós quatro, essas chances na vida são bem maiores.

— E quanto você está enxergando agora?

— O suficiente. Mas o doutor espera que tudo volte ao meu normal quando o inchaço acabar.

— Notícia boa!

— Bom, só não quero passar a noite falando sobre isso. O importante é estar vivo, ao lado dos amigos, comendo uma vitela preparada pelo melhor chef do mundo, o meu pai, e bebendo um ótimo vinho.

— Falou tudo! — Mayla aplaudiu. — Ah, e eu estava pra te contar. Adivinha quem apareceu lá no Cultural na terça seguinte ao fechamento do cineclube?

— Não faço ideia.

— Aquele senhorzinho que nunca faltava.

— SÉRIO?

— Verdade. Ele ficou em uma mesa no fundo, durante uma hora, só olhando de longe. Tomou um guaraná. Precisava ver a cara de tristeza. Me deu vontade de esganar a gananciosa da minha tia. Tive pena dele, tadinho.

Pedro sentiu um aperto no coração, ainda mais por nunca ter convidado o velho para um chope regado a conversas sobre os filmes.

— Pra vocês verem como o cinema pode fazer falta na vida de uma pessoa...

— Pois é, e espero que continue importante na sua também. — Fit interveio. — Não se esqueça de que você ainda tem um filme pra fazer.

— Confesso que não faço muita ideia de como vai terminar essa história do meu filme. Mas agora estou mil vezes mais empolgado para trabalhar nele. A propósito, Fit, espero você amanhã à tarde lá em casa. Vamos avançar logo com esse clássico ou não?

— Combinado. Quatro horas chego lá.

— E que venha aquele famigerado Cacau, de uma vez por todas! — Cristal gritou.

— Cacau desgraçado! — Fit se empolgou.

Pedro olhou de lado e em seguida começou a rir do rompante do amigo. Carlo chegou, pegou uma taça de vinho e disse:

— Quero celebrar o segundo renascimento do meu filho.

— Não seria "segundo nascimento"? — Pedro corrigiu.

Carlo olhou para o filho e balançou a cabeça afirmativamente. Murmurou:

— Isso.

Todos levantaram suas taças e daquela vez deixaram apenas Carlo comandar o brinde.

Conforme agendado com a equipe médica, Carlo deixou Pedro no Hospital de Olhos de São Paulo no dia seguinte bem cedo. A sequência de exames prometia ser extensa, e de nada adiantaria o pai esperar. Mapeamento de retina, acuidade visual, eletrorretinograma, ultrassonografia do globo ocular, retinografia fluorescente e outros procedimentos com nomes estranhos, capazes de avaliar possíveis danos causados pela coronhada e, ao mesmo tempo, completar a rotina semestral de confirmação da estabilidade da visão. Doutor Renato se encarregou de dar prioridade ao seu caso mais famoso e responsável por tantos convites para palestras em congressos.

A tranquilidade de Pedro não diferia em nada das inúmeras vezes em que já estivera no hospital para testes. No fim da manhã tudo estaria resolvido.

À uma e meia, ele despontou no saguão do hospital. Segurava o envelope branco com gráficos, imagens e diagnósticos. Carlo o esperava.

— Demorou mais do que das outras vezes, filho. Como foram os exames?

— Tudo bem. — A resposta veio lacônica.

— E os resultados?

— Ótimos.

— Muito bom! Vamos comemorar, estou morrendo de fome.

— Não! Me deixa em casa.

— Está tudo bem?

— Só estou cansado.

Pedro bateu a porta de casa e se manteve estático por longo tempo, sozinho, em pé, olhar perdido em direção aos móveis tocados de leve pela luz fraca que atravessava as frestas das

persianas. A cabeça rodava, num estranho balé protagonizado por apenas um dançarino parado no meio do salão. Um gigantesco bolo na garganta, calafrios por todo o corpo. E a sensação de que nada mais seria como antes. Ele veio se ajoelhando e de repente o choro brotou, silencioso. Jogou os óculos longe, as mãos foram para o rosto. As costas se arquearam e a testa encostou no chão. Choro de uma dor que não era para doer fisicamente, apenas na alma. Mas que extrapolava os limites do intocável e entrava afiada no meio do peito.

Levantou-se e subiu correndo pelas escadas, esbarrando no que não conseguia enxergar no ambiente mal-iluminado. A mão derrubou o vaso de cristal, que se espatifou em um som agudo de mil pedaços. Entrou no quarto, caiu na cama e o choro se transformou em grito. Um grito insuficiente para abalar o que parecia agora irreversível e completamente fora do alcance de suas vontades, desejos, orações ou pedidos sinceros.

As palavras do doutor Renato se repetiam em sua mente, como uma roleta que só ofereceria uma opção de lugar para a bolinha parar. "Trinta por cento." Complicação. "Voltou muito mais veloz." Desespero. "Com você é tudo diferente." Preocupação. "Precisamos reavaliar." Escuridão.

Uma pedra de mil toneladas pousada sobre seus ombros desde o fim da manhã...

"Pedro, você já vinha sentindo alguma coisa diferente na visão?"

"De que tipo, doutor?"

"Algum desconforto ou dificuldade?"

"Teve uma briga no restaurante do meu pai, há algumas semanas. Apanhei também na região dos olhos, fiquei com o rosto inchado. Depois comecei a sentir que meus óculos não estavam bons e os olhos vinham doendo um pouco mais do que o normal. Mas não dei muita importância."

"Hum... Olha, é prematuro ainda, precisamos reavaliar, mas... Alguma coisa não está boa."

"Como assim?"

Doutor Renato espalhou as folhas sobre a mesa e apontou.

“Os exames indicaram perda, desde a última avaliação, há quatro meses, de 30% da visão central que restava. Nos casos ditos normais, em que não há a interrupção, a perda é de 6% a 7% ao ano. Não sei até que ponto essa briga e a violência da coronhada têm relação com isso e...”

“Trinta?”

“Sobrou pouco menos de 50% da central em cada olho.”

Lágrimas passaram a rolar pela face de Pedro, o coração acelerado.

“E quando os olhos desincharem não tem chance de tudo voltar ao que era?”

“Calma, Pedro. Vamos fazer novos testes semana que vem. Pelas imagens aqui, é possível ver o...”

“O que você está me escondendo? Por quanto tempo ainda vou enxergar?”

“Não sei, com você tudo é diferente de...”

“QUANTO TEMPO?”, o grito veio acompanhado de um soco na mesa.

“A tendência, ao que parece, é a degeneração acelerar muito rápido. Se isso se confirmar, teremos menos de dois meses. Eu nunca vi nada igual.”

A vida perdeu a graça em menos de um dia.

Sonhar para quê? Desejar, amar, pensar no futuro? Viajar pelo mundo, conhecer pessoas, expressar sentimentos? Estudar, conhecer, roteirizar? Para quê? Sua percepção do mundo passaria a ser outra, diferente da costumeira com 30% a menos de sua beleza. O Cinema Felicidade parecia, agora, um conceito deslocado da realidade. Muito mais do que seu cinema, a arte de viver em paz havia morrido naquela manhã.

Durante tantos anos ele coletara dezenas e mais dezenas de objetos coloridos, mas fizera isso com a satisfação de saber que jamais precisaria se esforçar para se lembrar da cor de cada um deles. A coleção se tornara apenas o hobby estranho de uma aberração positiva da natureza. A fé em que a degeneração se transformaria em regeneração sempre fora total, apenas questão de tempo. Agora, cada detalhe do escritório voltava a fazer todo o sentido.

Pedro nem almoçou. Abriu uma garrafa de uísque barato, estirou-se no sofá multicolorido, deu um demorado gole diretamente no gargalo e ficou olhando para o nada. Lembrou-se da palavra que o vinha perseguindo e disse para si mesmo:

— Chance...

Outro gole longo. Apertou os olhos, contorceu o rosto.

— ...de fazer o quê? Sua vida acabou, Pedro. Esquece. Você não é Woody Allen, não vai dirigir um filme no escuro. Nem Al Pacino, não vai dançar a merda de um tango guiado pelo perfume de uma mulher. Muito menos a porra da florista cega de Chaplin. Foda-se a beleza interior dos vagabundos!

Correu até a despensa e voltou com uma lata grande de biscoitos, uma garrafa de álcool pela metade e uma caixa de fósforos. Despejou os biscoitos na lixeira amarela. Retirou os exames

de dentro do envelope branco, olhou mais uma vez cada um dos números, graus e gráficos. Jogou-os dentro da lata. Boa parte do álcool restante encharcou as folhas e em seguida a lata foi para o chão. Dois passos para trás, acendeu o fósforo e o atirou. De cara, um estouro. Em poucos segundos, as chamas começaram a subir. Impassível, ele viu seu segredo ser queimado.

Deu um salto e sentou-se diante do computador. Entrou no Google, selecionou a aba de imagens e digitou Rita Hayworth. Pegou a melhor foto da atriz em seu melhor filme e imprimiu. Em seguida, digitou Marilyn Monroe. Imprimiu. Raquel Welch. Imprimiu. Ficou olhando para as três favoritas e deu um demorado gole no uísque. O escritório se transformou num carrossel lento. Brigitte Bardot, Sophia Loren, Grace Kelly. As folhas saíam da impressora e algumas caíam no chão, com o tranco do aparelho. Ava Gardner, Ingrid Bergman, Elizabeth Taylor, Claudia Cardinale. Todas em seu auge. Cada uma se transformou em um cavalinho do carrossel, tudo rodava e era como se elas subissem e descessem ao som de uma canção imaginária do brinquedo. Michelle Pfeiffer, Nicole Kidman, Sharon Stone, Ana Paula Arósio.

O cheiro de queimado tomava conta do cômodo. Ele puxou todas as fotos e jogou-as no chão. Acendeu o máximo de luzes e começou a montar um mosaico. Natalie Portman, Demi Moore, Kim Basinger, Jennifer Lopez, Keira Knightley, Liv Tyler, Megan Fox, Angelina Jolie. O mosaico foi ganhando forma, ele afastou as cadeiras, o sofá, a lata quente cheia de cinzas e a mesinha lateral. O chão de seu escritório começou a se transformar num *storyboard* daquilo que ele não queria esquecer.

O toner colorido da impressora chegou ao fim. Ele abriu a gaveta, puxou um novo. Trocou e voltou a imprimir.

— Agora os livros! — gritou, como se fosse um bruxo preparando uma poção.

Deu um gole curto no uísque.

O Google passou a localizar as capas de alguns de seus livros favoritos. Um gole demorado. *As viagens de Gulliver, O lobo da estepe, Pé na estrada, O Senhor dos Anéis, Dom Casmurro, O apanhador no campo de centeio, Alta fidelidade.* Foi até a estante e

puxou com violência uma sequência de títulos; havia anos ele só encarava suas lombadas. A fileira de revistas em quadrinhos, com suas capas coloridas, também foi toda para o chão. *Watchmen*, *Superman*, *Sandman*, *Marvels*, *Cebolinha* e *Recruta Zero*.

A impressora continuava trabalhando a todo o vapor.

— Os filmes! — O grito saiu macabro.

Os pôsteres de *Pulp fiction*, *ET*, *Casablanca*, *Meia-noite em Paris*, *Cidade de Deus*, *Um sonho de liberdade*, *Forrest Gump*, todos os *Guerra nas estrelas*, *A última sessão de cinema*, *O pagador de promessas*, *Rocky*, *Cinema Paradiso*, *Blade Runner*...

Por fim, ele balbuciou palavras já quase inteiramente roubadas pelo álcool:

— Discos.

Sgt. Pepper's, *Nevermind*, *Dangerous*, *Powerslave*, *Are you experienced*, *Dookie*, *As quatro estações* (de Vivaldi e do Legião)... Quando a impressora cuspiu a capa de *The dark side of the moon*, ele parou. Talvez ela representasse seu destino e não fosse necessário imprimir mais nada. O desenho do prisma, na capa, foi posicionado de ponta-cabeça. E as cores entravam no triângulo transformando-se em um único feixe, com fundo preto, em direção à borda da capa. As cores que nunca mais veria. A luz que se apagaria em pouco tempo. Luz que atravessava as janelas e fazia brilhar o mosaico no chão, formado pelas coisas que ele não desejava esquecer. Imagem que talvez tornasse aquele o lugar mais lindo de todo o mundo naquela tarde.

Cambaleou na direção da estante, pegou a tinta spray vermelha e, enfim, preencheu a parede branca. Primeiro escreveu, na vertical, a palavra CHANCE. Em seguida, usou cada uma das seis letras para indicar os sentimentos que, somados, representariam o que ele passaria a chamar de Cinema Tristeza:

Crueldade
Humilhação
Angústia
Negação
Covardia

Egoísmo

Caiu sobre o emaranhado de figuras e encolheu-se entre as pernas, nocauteado pelo uísque e pela tristeza.

Ao som de batidas na porta, acompanhadas de gritos chamando seu nome, Pedro despertou. O celular vibrava em seu bolso. Ainda deitado no chão, sentiu que o corpo inteiro doía e a cabeça rodava. O relógio na parede marcava quatro e quinze da tarde. Puxou o celular e conseguiu atender, mas não disse sequer uma palavra. A baba escorria de sua boca e molhava a face de Natalie Portman.

— Bicho, tá em casa? Tô aqui fora, como a gente combinou ontem. Abre pra mim, maluco!

Pedro se levantou, escorou no que foi possível, arrastou o corpo até a porta e, ao girar a chave, as pernas bambearam. Fit ainda conseguiu segurá-lo pelos braços antes que ele desabasse no chão.

— O que aconteceu, Pedro? Bebeu? Que cheiro de queimado é este?

Foram as palavras de que Pedro se lembrou depois. O resto foram flashes de Fit deitando-o no sofá do escritório e de um pano molhado sendo colocado em sua testa. Em seguida, um balde no chão e o vômito escorrendo de sua boca. A última cena presente na memória trazia Fit em pé, em frente à parede outrora branca, com o envelope vazio do hospital na mão e dizendo ao celular:

— A gente precisa conversar...

A mesa de seis lugares parecia agora maior do que nunca, no jantar silencioso de apenas duas pessoas. Pedro quase não tocou na omelete.

— Como foi hoje de manhã no hospital?

— Estou ótimo, mãe. Nada mudou.

Ariadne balançou a cabeça e esboçou um sorriso. Entre um gole e outro de suco, Pedro anunciou de forma quase inaudível:

— Decidi largar a VIP.

— Finalmente, filho! — Ariadne levantou as mãos com o garfo e a faca. — Eu sempre disse que ali não...

Ele se levantou e saiu para o quarto. Bateu a porta e a trancou. Pelo que conhecia da mãe, ela não iria atrás para tentar saber o que estava acontecendo. Certamente, naquele instante ela estaria no andar de baixo saboreando a omelete da vitória com um sorriso no rosto.

“Cara, me atende! Há dias estou ligando e você não responde.”

“O que está acontecendo, Pedro?”

“Liguei lá pra VIP e disseram que você pediu demissão.”

“Tá todo mundo preocupado.”

“A Cristal perguntou várias vezes sobre você, não foi uma nem duas.”

“Respondeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeee!!!!!!”

Pedro lia a sequência de mensagens de Fit e não tinha a menor vontade de respondê-las. Tampouco as de quaisquer outras pessoas. Havia decidido não contar a ninguém as consequências de seu projeto de fazer o bem às pessoas. Por muitos momentos, chegou a considerar o que a mãe dizia: e se ele jamais tivesse ido trabalhar na periferia? Teria de admitir que ela sempre estivera certa? Lá não era lugar para ele, uma pessoa estudada e de nível? Ele realmente não

pertencia àquele lugar, da mesma forma que aquele lugar jamais pertencera a ele?

Não ligou o computador para conferir as redes sociais, não assistiu a nenhum filme, nem sequer cogitou desenvolver qualquer coisa relacionada a roteiros ou Cacaos de Ouro. Não estava a fim de sair de casa. Para os pais, inventou que daria um tempo para descansar e que em breve procuraria outro emprego. Ordenou à mãe que não deixasse ninguém visitá-lo. Para ela, bastava o fato de Pedro não mais frequentar "aquele antro de marginais". Carlo tentou arrancá-lo alguns dias de casa, convidou-o para jantares especiais no restaurante, propôs uma viagem a dois, e nada.

Ele decidira esperar a escuridão definitiva assim, na angustiante solidão de seus pensamentos.

Toc... Toc... Toc...

Pedro deu um salto da cama, o coração disparou. O celular marcava meia-noite e quinze.

— Que merda de barulh...

TOC... TOC...

Duas pedras atingiram em sequência o vidro da janela de seu quarto. Ele encostou-se à parede. Espreitou até o momento em que outra pedra atingiu o vidro, então, enfim, deu um passo e abriu a janela. Do alto, viu Fit com o braço acima da cabeça, prestes a atirar outra.

— Tá maluco? — Pedro sussurrou, a tempo de Fit recuar e desistir do lançamento.

— Vai me atender ou devo jogar mais uma? Tem milhares de pedras no chão. Não tenho nada pra fazer e vou ficar aqui embaixo até você abrir.

Pedro conhecia a teimosia do amigo. Suspirou e fez sinal para ele rodear a casa e entrar pelos fundos. Calçou os chinelos, desceu em passos leves para não acordar a mãe, abriu a porta e ficou encostado ao batente. A cara de Fit não era das melhores.

— Tá bêbado, só pode — Pedro sussurrou.

— Bebi no Cultural e não me envergonho disso. Depois, podia ter dado só dez passos, entrado em casa e agora estaria deitado na minha cama quente. Mas eu precisava vir aqui. Nem que ficasse plantado ali na frente até definhar. Tem duas semanas que o senhor desapareceu e estou puto e cansado de digitar mensagens, de telefonar e dar com a cara na porta porque sua mãe não me deixa entrar. Quero saber o que aconteceu. Aliás, eu, a Cristal e a Mayla queremos saber.

— Elas estavam lá hoje?

— Elas *trabalham* lá, se você não se lembra. E o assunto da noite foi o tanto que você é um escroto por ter abandonado as pessoas que se preocupam com você. A sensação generalizada é a de que o jantar no restaurante do seu pai foi uma farsa.

Pedro olhou para o chão. Fez sinal para Fit ficar em silêncio e os dois foram para o escritório. A porta foi trancada e Pedro se jogou no sofá. Fit sentou-se na poltrona, cruzou os braços e não disse uma só palavra, parecendo aguardar o amigo tomar a iniciativa das explicações.

— Não aconteceu nada, Fit. — Os braços também foram cruzados. — Só descobri que a vida é uma merda, que você pode tentar ser o cara mais legal do planeta, mas, ainda assim, nada vai garantir que o mundo não vai te dar uma rasteira na hora mais inesperada.

— Que bonito! — Fit aplaudiu lentamente três vezes e apertou os lábios. — Essa é uma porcaria de uma teoria sem sentido, principalmente para alguém que sempre acreditou na importância da felicidade. E o que vai fazer a respeito?

— A respeito do quê?

— A respeito do seu filme, do seu trabalho, dos seus amigos. Vai entregar os pontos, é isso? Só porque teve a iluminação de que a vida é uma bosta? A vida é uma bosta pra muita gente, meu caro. E nem todo mundo resolve se trancar em casa por conta disso. Aliás, a maioria das pessoas tenta reverter a coisa e tornar sua existência um pouco mais digna.

— É fácil dizer isso quando você não ficou a um segundo de ser assassinado por alguém de quem tentou melhorar a vida.

— E por que acha que sua missão na Terra é a de melhorar a vida dessas pessoas? — Fit cruzou os braços. — Sua missão não pode ser simplesmente atravessar o caminho de forma correta e agradecer por estar vivo? Não pode contar suas histórias e deixar as pessoas melhorarem sozinhas? Só porque você não conseguiu ser, na real, o personagem de seu filme? A vida não é cinema. Infelizmente, ela não é sempre... *Feliz! e Incrível!*

— Eu sei disso, e só queria retribuir ao destino por ter interrompido a degeneração da minha visão. Mas no que o destino

achou por bem me ajudar, um ser humano deu conta de foder de vez. Porra, estava tudo indo tão bem... — Pedro colocou as duas mãos no rosto.

— Por que diz que *estava* indo tão bem? *Está* indo tudo bem, não? Pelo que consta, a única diferença é esse seu nariz torto.

A decisão de Pedro de não revelar o problema a ninguém incluía, também, seu melhor amigo. Por isso manteve o silêncio.

Fit colocou a mão no ombro de Pedro e não aliviou na rispidez das palavras:

— Você apenas foi apresentado da forma mais dura possível à realidade cruel da vida: com uma porrada no meio da cara. Ainda assim, acha que merece desistir desta sua... — fez o sinal de aspas com os dedos — "...tarefa particular de melhorar o mundo"? Não sabia que era tão covarde...

— Eu só quero entender por que as coisas são desse jeito comigo.

— Perfeito, já temos algo aqui! Mas acha que trancado dentro de um quarto escuro vai conseguir entender? A vida é complexa demais para ser esperada assim, como uma iluminação divina que vai bater à porta e entregar de bandeja todas as respostas. Pois, para seu governo, afirmo com todas as letras que essa encomenda nunca vai ser entregue embalada para presente. Você precisa ir até ela. E, se não for, o que vai sobrar? Vai virar um fantasma? Onde está aquela sua garra de fazer a diferença? Cadê a alma de artista que mora no seu peito?

— Ela está morta.

— Está coisa nenhuma! — Fit apontou o dedo na cara de Pedro e as palavras vieram embaladas no cuspe de um bêbado exaltado.

— E, mesmo que estivesse morta, a gente ia dar um jeito de ressuscitar, custasse o que custasse.

— Não acredito mais em milagres.

— Pois eu acredito e você vai realizar o seu filme.

— Nem sonhando!

— Você quer filmar, eu sei disso. E vou ajudar. Sozinho a gente chega mais rápido e juntos chegamos muito mais longe. O seu tema é Chance, certo? E pelo visto já descobriu o significado... — Fit se

levantou, caminhou até a frente da parede e apontou para as seis palavras escritas. — Nem que seja esta chance escrita aqui com estas palavras, a gente vai filmar.

Pedro revirou os olhos para a parede. Fit continuou:

— Você acha mesmo que o significado de não ter chance na vida é a soma dessas palavras?

— Hoje eu acho, sim, que a ausência de chances de ter uma vida digna, o que a imensa maioria das pessoas do mundo jamais terá, vem de toda a... — Pedro apontou uma a uma as palavras. — Crueldade, Humilhação, Angústia, Negação, Covardia e Egoísmo que a gente vê a toda hora por aí.

— E os sentimentos bons? O amor, a verdade, a solidariedade?

Pedro deu de ombros.

— Este não é o Pedro que fez aqueles filmes.

— O Pedro que fez aqueles... roteiros filmados com dificuldade, e não menos mestria, por um de nossos estudantes iniciantes... morreu.

— E o Cinema Felicidade, onde foi parar?

— Morreu junto.

Fit levantou, bateu duas palmas e disse:

— Pois esta é a sua chance!

— De quê?

— A chance! — Ele indicou mais uma vez as seis palavras. — É isso o que a gente vai filmar e foda-se o resto. Quero ver se o talentoso ganhador do Tatu de Madeira é mesmo um cineasta de verdade ou é um produtorzinho de vídeos de merda. Que você coloque toda a sua criatividade a serviço dessas palavras, mas não fique mais em casa. Nem que a partir de agora você se transforme no porta-voz do Cinema Tristeza, não fique mais em casa. Nem que o resultado vá ser um lixo de um filme *trash*, você... — ele cerrou os dentes e apontou para Pedro — ...não... vai... ficar... mais... em casa.

Pedro respirou fundo, jogou o corpo para trás no sofá e balbuciou:

— Eu não quero mais saber de filmar e...

— Domingo de manhã o senhor esteja preparado, porque vamos sair para filmar. O senhor tem toda esta semana para roteirizar o que quiser. Estarei à sua disposição. Não faça mais nada, pense apenas no que deseja filmar porque, mesmo que o senhor não queira, eu vou inscrever seu filme para a porra daquela bosta daquela merda daquele Cacau de Ouro, senhor!

— Não sei se eu quero me dar essa chance.

— Pois se essa for sua decisão, trate de reforçar aquele vidro lá em cima. Porque até você resolver sair um dia comigo pra filmar, as pedras vão rolar na sua janela. E nas próximas vezes vou jogar com força.

Pedro pensou muito na proposta do amigo. As duras palavras se transformaram em um martelo indo contra a sua cabeça, impedindo-o de dormir direito naquela e nas três noites seguintes: “Você merece desistir desta sua tarefa de melhorar o mundo? Não sabia que era tão covarde...”

Finalmente, na sexta-feira ele decidiu executar seu mais ambicioso e íntimo projeto. Passou a tarde pesquisando sobre a cidade de Pirenópolis e suas incontáveis cachoeiras. E, antes de dormir, apanhou o celular e ligou:

— Alô... Vó...

Em seguida, pegou algumas folhas de papel e escreveu uma carta. Por fim, digitou no aparelho, na incerteza se Fit seria maluco a ponto de topar a proposta:

“Domingo. 7h30 em ponto. Esquina da minha rua. Uma semana filmando direto. Vamos pegar a estrada. Eu sou o diretor e você filma tudo o que eu pedir, sem perguntar, sem querer entender.”

Quando acordou, o celular trazia a resposta curta:

“Eu já sabia.”

III

“Lembre-se de que nenhum homem é um fracasso se tiver amigos.”

Frank Capra

Pedro quase não conseguira dormir entre sábado e domingo. Pouco antes das seis horas ele se levantou e arrumou as coisas. Atravessou o corredor e entrou no quarto da mãe. Parou ao lado da cama e ficou observando-a dormir. Aos 61, ela ainda conservava a beleza das fotos de juventude, estampada nos porta-retratos sobre o criado-mudo. Em uma das imagens, Carlo, Ariadne e ele próprio, com dez ou onze anos, e a Torre Eiffel ao fundo. Os olhos azuis e os cabelos loiros da mãe saltavam para fora das fotografias; também se destacava a pele clara de Carlo, diferente do tom moreno de Pedro. Ele sempre fora mais próximo do pai, e por mais que o tempo tivesse roubado a leveza da mãe, amava-a incondicionalmente. Sabia que ela estava infeliz — culpa das decepções que a rotina havia plantado na vida de casada. Haveria chance de voltarem a ser uma família? Ele já não sabia. Fez um movimento em direção a ela para acordá-la e dizer um monte de coisas antes de partir... Desistiu quando estava prestes a tocar-lhe o rosto. Apenas correu a mão sobre o lençol que cobria seus pés e saiu de mansinho.

De repente, voltou até o armário. Puxou a gaveta com muito cuidado para não fazer barulho, procurou entre as roupas da mãe, mas não encontrou a lata. Tirou o celular do bolso, ligou a luz auxiliar e vasculhou o quanto pôde. Estranhou a ausência e resolveu desistir. O tempo corria e logo começaria a viagem que ele não sabia exatamente como terminaria.

O bilhete escrito com caneta vermelha e pregado na geladeira, sob os ímãs que formavam a palavra CHANCE, deu o tom da despedida: "Mãe, parti numa viagem. Preciso me perder no mundo para tentar encontrar coisas que venho perdendo dentro de mim. Onde eu estiver, estarei em boas mãos. Te amo demais, hoje e para sempre."

Não sabia se aquele era um bilhete de até breve ou de adeus. Não sabia nem se aquelas eram as melhores palavras para dizer à mãe. Digitou a mesma mensagem para o pai. Assim que enviou, abriu a parte de trás do celular e tirou o chip. Quebrou-o ao meio, jogou-o na lixeira e largou o aparelho sobre a mesa da cozinha. Por fim, deixou sob a chave do carro da mãe a carta de cinco páginas escrita na noite anterior. Palavras que ele jamais havia dito a ela sobre o que pensava a respeito do fim do relacionamento entre os pais. A visão imparcial de quem enxergava tudo de fora, sobre erros e acertos de cada parte. Também um mea-culpa sobre o próprio silêncio. E um pedido: “Dê uma chance ao pai. Saiam pra conversar. Ele te ama mais do que tudo nesta vida.”

Antes de sair, foi ao escritório e olhou calmamente cada um dos tantos objetos coloridos e todas as fotos de atrizes, discos, capas de filmes e de livros ainda espalhadas pelo chão. O medo excruciante de perder tudo aquilo contrastava com a certeza de que, independentemente do que viesse a acontecer, ele não podia mais ficar em casa. Precisava descobrir o que o mundo ainda tinha a oferecer, antes que a escuridão se instalasse para sempre. Ainda na parede, o acróstico em vermelho: Crueldade, Humilhação, Angústia, Negação, Covardia e Egoísmo. Precisava garantir a si mesmo a chance de descobrir seus reais significados, antes que fosse tarde demais. Queria a plenitude da realidade da vida, diferente daquela preenchida só pelos sentimentos felizes de que sempre tentara se cercar.

Dentro da grande mochila nas costas, poucas peças de roupa, dois óculos de reserva, uma pequena câmera digital, o iPod, duas passagens de ônibus para Pirenópolis, a pequena imagem de uma santa de madeira e um gordo maço com notas de cem, todo o dinheiro acumulado nos últimos anos.

Fechou a porta e saiu para a rua. A luz do sol batia direto em seu rosto. Não precisava mais se preocupar com qualquer coisa capaz de afetar sua visão. Ao chegar à esquina, sentou-se no meio-fio, abraçou as pernas e observou ao redor: a cerca de ferro branca, em frente à casa cinzenta do velho rabugento que nunca devolveu as bolas de futebol que caíram em seu quintal; as palmeiras-

imperiais da residência da mulher por quem foi secretamente apaixonado na infância e que hoje, perto dos cinquenta, ainda se mantinha incrível; as linhas brancas pintadas no asfalto cheio de pedrinhas; o formato da placa de PARE no entroncamento das duas ruas; os desenhos das rodas dos carros estacionados; a grama japonesa; os fios embarrigados ligando um poste a outro. Tantas coisas que ele não mais teria o prazer de enxergar. Elementos que na quase totalidade das vezes passaram despercebidos. Detalhes insignificantes que, atualmente, faziam toda a diferença. Cercas bem mais cercas, palmeiras muito mais palmeiras, linhas brancas retas como nunca antes. Placas, rodas, gramados, fios e postes tão belos que não compreendia por que jamais havia prestado atenção neles. Agora era tarde. A tristeza o consumia um pouquinho mais cada vez que ele pensava em tudo aquilo.

Então, um grave ronco de motor embolado e engasgado surgiu no início da rua, emitido pelo veículo amarelo berrante que se aproximou e estacionou quase em cima de suas pernas. Pedro reconheceu o motorista pelo bordão da Família Buscapé, gritado com o corpo quase todo para fora da janela:

— Vamos lá, Zé! Vamos, homem, acorde!

— Quer me matar de susto? — Pedro se levantou, bateu a mão na calça. — E que velharia é essa?

— Velharia? — Fit desceu do veículo e simulou um tapa com luva de pelica no rosto do amigo. — Retratar-se, biltre! Este aqui é o clássico dos clássicos. E tem nome: Diabo Loiro.

— E de qual museu veio esta... este clássico?

— É do meu tio. Peguei emprestado.

— Nós vamos fazer o que com o Diabo Loiro?

— Nós vamos nele, ué!

— Ah, mas nem pagando mil. Na primeira esquina a gente fica na mão.

— Meu camarada, presta atenção: isso aqui é um Opalão Diplomata Seis Caneco, ano 1992. — Ele apontou para as rodas, com o semblante orgulhoso. — Aro dezoito, pneu 235! Quatro portas, luz de cortesia, banco de couro, GPS, caixas de som de qualidade superior, adaptação para iPod e chave canivete suíço. Um

exemplar com integridade moral e digno representante dos melhores momentos do automobilismo mundial. Se estas listras pretas ao longo do capô, do teto e do porta-malas não o convencem de que estamos diante de um clássico envenenado até a alma, sinto lhe informar: você não é deste mundo.

— Pois saiba que a produção do filme já tinha comprado passagem de ônibus para nós dois. E ele parte em duas horas.

— Nós dois?

— Sim, eu e você.

— E o resto da equipe, como fica?

— Que resto da equipe?

— Já vi que estamos diante de um produtorzinho de vídeo de merda mesmo... — Fit deu risada. — Meu amigo, eu não participo de filmes que não tenham equipe.

— Mas o filme vai ser *à la* Glauber, “uma ideia na cabeça e uma câmera na mão”.

— Trouxe sua câmera?

— Claro!

— Ótimo. Vamos colocar junto do resto do material técnico?

— Não, a câmera vai comigo e... Ei, como assim? Material técnico?

Fit rodeou o Opala, abriu o porta-malas, fez um movimento com os braços, apontando para baixo, e olhou para cima com olhar estático e emocionado. Pedro abriu a boca e arregalou os olhos com o que viu. Uma câmera *ultra high definition* 4K, outra subaquática, dois rebatedores de isopor, um gerador pequeno, dois tripés com dois spots de iluminação e um estabilizador de câmera. Duas barracas do tipo iglu amarradas por cordas, um lampião e uma pequena caixa térmica.

— Onde arranjou tudo isso?

— Digamos que, afora as barracas, o lampião e a caixa térmica, o resto eu... — Fit trincou os dentes e olhou de soslaio — ...peguei emprestado na faculdade ontem à noite. Ninguém imagina o poder de cinquenta reais, uma garrafa de cachaça e a última *Playboy* nas mãos de um segurança que passa sozinho as noites de sábado.

— Deus do céu! Você vai ser expulso da faculdade. — Pedro colocou as mãos na cabeça e sentou-se de volta no meio-fio.

— Eu vou devolver, calma. Mas se eu for expulso será por uma boa causa e... Ah! Olha lá. — Fit apontou para o início da rua. — Finalmente o resto da equipe apareceu.

Pedro forçou a visão para enxergar. Uma *scooter* branca serpenteava pela rua e sobre ela se equilibravam duas pessoas.

— Não acredito nisso! — Ele começou a sorrir e seu coração disparou.

— Pois se vamos fazer um filme, que seja em alto estilo e com as melhores pessoas.

Cristal encostou, desligou a moto e tirou o capacete cor-de-rosa. Mayla desceu da garupa e também tirou o capacete.

— Demoramos? — Cristal sorriu.

— Equipe técnica... — Pedro levantou uma sobrancelha.

— A melhor do mundo. — Mayla cruzou os braços. — Vou realizar meu sonho de participar de um filme. E eu sempre falei que se você precisasse de umas ideias...

— ...eu devia perguntar para a menina mais criativa da região — ele completou.

— A própria. Às suas ordens, senhor diretor. Obrigada pela oportunidade de colocar em prática minhas ideias. — Ela baixou a cabeça e dobrou os joelhos, simulando segurar as pontas de um vestido invisível.

— E você, dona Cristal? — Pedro perguntou.

— Depois das centenas de mensagens sem resposta que deixei no seu Facebook, não estou acreditando que ainda topei vir. Mas não sou rancorosa e minha missão será encontrar as três cores para completar sua coleção. Quais eram mesmo?

Pedro deu um sorriso triste.

— Chartreuse, carmesim e azure.

Ela fechou os olhos e fingiu anotar as três palavras em uma folha imaginária.

— O que estamos esperando para partir? — Fit indagou. — Diabo Loiro tinindo, tanque cheio, barracas no porta-malas. Todo mundo aqui sabe quais seis palavras vamos filmar, cada um trouxe

sua câmera. Sem lenço e sem documento, vamos para o lado que o nariz apontar. Aliás, pra onde aponta seu nariz torto?

— Pirenópolis. — Pedro respondeu. — Preciso ver minha avó.

— Perfeito! — Cristal e Mayla gritaram juntas e bateram as mãos.

— Programei uma semana de viagem, pessoal. Como vocês vão fazer com seus compromissos?

— Não existe compromisso maior do que a amizade, Pedro — Cristal retrucou. — Fica tranquilo porque a dona Rebeca liberou as funcionárias mediante um pouco de choro, outro tanto de promessas difíceis de cumprir na volta e um libertador e silencioso “estou pouco me lixando se ela me mandar embora”. Quanto à faculdade, alguns dias de férias não vão matar ninguém. Recupero na volta.

— Se na volta o pessoal da faculdade reclamar, é simples: monta uma bomba e explode todo o departamento.

— Ótima ideia! — Ela arregalou os enormes olhos verdes.

Pedro empurrou a *scooter* até a garagem de casa, estacionou-a e deixou os dois capacetes pendurados no guidão. Emendou no bilhete pregado na geladeira da cozinha: “Não estranhe a moto. Um dia alguém vem pegar.”

Voltou correndo pela rua. O Diabo Loiro já roncava envenenado, com os três passageiros dentro. Fit ao volante, Mayla no banco do carona e Cristal atrás, com uma câmera ligada e captando as palavras de Pedro ao entrar no Opala:

— Nunca, jamais, em tempo algum, persigam a grande viagem da vida sem uma trilha sonora cheia de clichês escolhidos a dedo!

— Clichês musicais para embalar clichês cinematográficos! — Fit emendou.

— Que teoria é essa? — Cristal perguntou.

— Quer coisa mais maravilhosa e perfeita do que um clichê do cinema, mulher? — Pedro rebateu. — A vida devia ser feita só deles. Quatro malucos sem destino, com câmeras nas mãos? Isso, sim, é que é cinema! Cinema Clichê! Fit, conecta meu iPod aí. Lista CHANCE, com letra maiúscula.

— Você manda, chefe.

Metais, uma batida gostosa e a voz de Billy Paul atacou “Only the strong survive”. A informação de Fit acabava de ser atestada: as caixas de som eram, de fato, de qualidade superior. Pedro fechou os olhos, a cabeça seguiu lentamente de um lado para outro, na marcação ritmada, também acompanhada pelas palmas das duas meninas. Fit ajeitou o destino no GPS. Mayla soltou um grito de alegria. Duas passagens de ônibus para Pirenópolis foram picadas e lançadas pela janela. Pedro ligou sua câmera e começou a filmar. Cristal puxou-o pelo braço, colou o nariz na lente e falou alto:

— Aqui começa o maior filme de todos os tempos sobre as chances que o mundo coloca na vida das pessoas. Que as lições sejam aprendidas e voltemos milhões de vezes melhores do que quando partimos. Apenas os fortes sobrevivem, porque, mesmo a estrada sendo longa, já dizia o velho poeta: “Quem tem um porquê, enfrenta qualquer como.”

— Falou e disse! — Mayla completou.

Fit engatou a primeira e acelerou.

Pedro começava a pressentir que aquelas três pessoas se tornariam fundamentais em sua vida. Por isso uma questão já o atormentava na saída: quão sacana estava sendo ao sonegar a eles a informação mais importante de todas? De quão egoísta e duro seria tachado quando os três descobrissem? Era justo fingir que nada havia acontecido com seus olhos e que a viagem se tratava apenas de cinema e não da busca por algo muito além de imagens numa tela? O fato de os três terem embarcado sem rumo num carro velho, para acompanhá-lo em sua empreitada cinematográfica, significava muito: eles mereciam saber. Mas tudo o que Pedro não queria era que sentissem pena, então decidiu não revelar a cegueira iminente. Ainda assim, precisava deixar algumas coisas claras. Pediu a Fit que abaixasse o som e disse:

— É o seguinte, equipe: eu quero, preciso, tenho necessidade de filmar um monte de coisas que estão entaladas na minha garganta, entupindo minhas veias e muito além dos meus olhos. Não me perguntem o porquê, não tentem entender minha visão sobre as seis palavras. Só peço isto: venham comigo, filmem, me ajudem no que eu pedir. Mas não façam perguntas sobre o filme. Combinado?

— Combinado, mas a gente pode ter informações técnicas sobre a viagem? — Fit olhava pelo espelho retrovisor para ver Pedro atrás dele. — Ou você vai assumir aquele papel de cineasta-produtor-excêntrico-que-dá-chilique?

— Ainda que eu não esteja encontrando aqui as duzentas toalhas brancas, o champanhe francês, as massagistas tailandesas e as macadâmias holandesas que exigi no contrato, prometo não dar chiliques.

— Imagina só quando ele ficar famoso... — Mayla comentou por cima do ombro, olhando para Cristal.

— Vai ficar insuportável! — Cristal retrucou e deu socos no braço de Pedro, em meio a risadas.

— Por isso é melhor fazerem as perguntas enquanto há tempo, antes de eu me isolar em uma fazenda e nunca mais dar entrevistas à imprensa.

Cristal foi a primeira:

— Tudo bem usarmos nossas câmeras para o *making of*?

— Quantos quilômetros até Pirenópolis? — Mayla continuou.

— Vamos direto ou planejo algum lugar para dormirmos na estrada? — Fit completou a sabatina.

— Calma! Vamos por partes. *Making of* liberado. Daqui a Pirenópolis dá pouco mais de mil quilômetros. Podemos fazer a viagem em quantos dias o filme pedir. Quem vai mandar é o destino. Se vamos chegar hoje, amanhã ou só daqui a quatro dias, pra mim pouco importa.

— Tenho mais uma pergunta. — Cristal levantou o indicador. — Podemos parar e comer agora?

— Mas já? — Fit olhou novamente pelo retrovisor.

— Eu não consigo fazer nada de barriga vazia. Acelera o Diabo Loiro até uma padaria, motorista. Preciso de um pão de queijo urgentemente! — Cristal ordenou e bateu no ombro de Fit.

O Opala roncou cidade adentro e assim partia, rumo ao interior do Brasil, a equipe de cineastas mais improvável da história. Na bagagem, nada além de um pequeno equipamento, algumas ideias na cabeça e a vontade de cada um dos três amigos de registrar a viagem de sua vida. Pedro não sabia se as respostas para o que o destino havia lhe aprontado cruzariam seu caminho, mas tinha certeza de que precisava seguir em frente. Crueldade, Humilhação, Angústia, Negação, Covardia, Egoísmo — matérias-primas de um mundo pródigo em negar chances a boa parcela da humanidade. Nada mais que dois meses de presença no mesmo mundo dos outros. Em seguida, estaria para sempre num mundo particular de sons, cheiros e toques. Registrar aquelas seis palavras em imagens talvez pudesse revelar medos, incertezas e decepções e, quem sabe, trazer de volta à superfície os sentimentos que ele não sabia mais

em qual parte de si mesmo se escondiam. Só a estrada ditaria o fim da história.

Talvez o melhor amigo, uma nova e querida amiga e uma enorme paixão de cabelos vermelhos fossem os instrumentos da Providência divina para tentar ressuscitar o cinema e a alma de Pedro. Ele, porém, andava descrente de divinas Providências e não era assim que enxergava o papel dos três. Muito menos com os 50% de visão central que lhe sobravam.

Seu cinema começava a renascer naquele dia. Mas renascia com o aspecto de uma criança de semblante triste e apagado.

Sentados à mesa da primeira padaria de esquina que encontraram, em frente a uma cesta com pães de queijo e copos de suco de laranja, Pedro pediu uma caneta à garçonete, puxou um guardanapo e assumiu os papéis de produtor e diretor.

— Minha ideia é uma *roadie trip* que capte o que vier pelo caminho. Não sei quais situações, momentos ou personagens.

— Improvisações *à la* Cassavetes? — Fit perguntou.

— Isso, definição perfeita!

Cristal virou-se para Mayla e desdenhou, com olhar de peixe morto:

— Papo de cineasta...

— Ok, desculpa. — Fit disse. — John Cassavetes filmava muito no improvisado. Cinema independente, esse tipo de coisa.

Cristal agradeceu com o olhar. Pedro riscou uma estrada no guardanapo e colocou em cada ponta o nome das cidades de partida e chegada.

— Estou pouco me importando com a montagem do material depois. Tenho aqui ao lado o maior montador que conheço. — Bateu no ombro de Fit. — Também a menina mais criativa da região. — Sorriu em direção a Mayla. — Por fim, a menina dos cabelos vermelhos e olhos verdes, que vai me ajudar a encontrar as cores ausentes da minha vida e...

Ele pausou a fala, tentou segurar a boca, que ameaçou tremer, e então passou com delicadeza as costas da mão sobre os olhos ainda meio inchados pela coronhada. Os três não conseguiram disfarçar que perceberam sua expressão e seu gesto, e aqueles poucos segundos de silêncio ficariam gravados como um pacto de amizade que dispensava maiores explicações. Cada um deles tomava parte, a partir dali, da difícil tarefa de ajudá-lo a superar uma tristeza impossível de esconder.

Mayla pousou a mão sobre a de Pedro. Cristal levantou seu suco e, inspirando-se no brinde feito por Pedro no jantar no Carlo's, declarou:

— Às chances que a vida oferece de vivermos momentos como os que certamente virão nos próximos dias.

Cada um ergueu seu copo em silêncio e tomou. Até Pedro dar um tapa na mesa e se levantar.

— Vamos embora, porque o sol lá fora já está alto e eu preciso muito do cheiro da estrada entrando pelo meu nariz.

— É isso aí, porraaaaa! — Fit cerrou os punhos. — A estrada!

Os três saíram correndo para fora da padaria. Pedro, entretanto, parou em frente ao caixa para resolver algo importante. Quando chegou ao carro, pediu a Fit que abrisse o porta-malas e colocou dentro da caixa térmica um pouco de gelo, algumas latas de refrigerante, cerveja e água. Sentou-se no banco traseiro e jogou perto do colo de Cristal um saco grande.

— O que é isso? — ela perguntou.

— Drogas. Todo grande diretor se droga para dirigir um filme. E eu preciso de um carregamento para a viagem toda, porque a abstinência pode prejudicar o andamento das filmagens. Comprei todo o carregamento do fornecedor.

Cristal abriu o saco e colocou a cara lá dentro.

— M&M's?

— Isso. — Ele arregalou os olhos como os de um viciado. — Verdes e azuis vão proporcionar uma viagem suave. Se quiser perder a lucidez, vá de laranja e vermelhos. Agora, se a intenção é ficar completamente perturbado, ataque os marrons.

— Besta! — Ela deu uma gargalhada.

O motor roncou forte e Pedro gritou:

— E, para celebrar a partida, a maior canção de amor de todos os tempos... — Puxou o cabo e pegou o iPod. Escolheu a música e pediu: — Fit, escancara o volume nestas painelas aqui atrás. Vamos testar mais uma vez se elas têm mesmo dignidade.

Marvin Gaye brindou ao cenário com "I heard it through the grapevine". Cristal segurou a mão de Pedro, mordeu o lábio em meio a um sorriso doce e ali começou oficialmente a viagem.

Depois de pouco mais de duzentos quilômetros de sol escaldante pela Rodovia dos Bandeirantes, ao som de uma trilha de arrear preparada pela produção, com o Diabo Loiro deslizando macio e cumprindo a função que lhe cabia, uma imagem chamou a atenção de Pedro: ao lado do primeiro de uma sequência de quatro quebra-molas que anunciavam a existência, a alguns quilômetros, de mais uma pequena cidade, um menino negro, sujo e descalço, segurava um saco de mexericas e o oferecia aos passageiros dos carros que passavam. Pedro ordenou a Fit que encostasse e desceu com a câmera ligada na mão. Os três amigos ficaram no carro. O moleque veio correndo, levantando a poeira do acostamento. As imagens foram para dentro da câmera.

— Garoto, quanto é o saco da mexerica?

A resposta veio em uma voz fininha, quase inaudível:

— Cinco.

— Só cinco?

O pequeno balançou a cabeça.

— Você está sempre aqui?

— Todo dia.

— O dia inteiro?

— Sim, senhor. Meu pai vem de cavalo me deixar aqui quando o sol sai e me pega de noite.

— Você não estuda?

— Meu pai disse que estudar é besteira.

— Desgraçado — Pedro murmurou para si e em seguida levantou a voz: — Que horas ele costuma vir?

— Sei não, senhor. Tem dia que ele esquece.

— Esquece? — Pedro olhou para cima. — Como assim? Ele esquece?

— Tem dia que ele bebe, sim, senhor, e não vem.

— E você fica onde quando ele não vem?

— Ali no mato tem um espaço e umas *táubas*.

— Puta que o pariu! — ele balbuciou. — Qual sua idade?

— Dez.

— E seu nome?

— Jonas.

O menino levantou o saco em direção a ele, como se implorasse pelo término das perguntas, em troca dos cinco reais que pagariam as mexericas. O semblante cansado, de um ser que mal havia nascido e de quem o destino já havia sonogado a chance de crescer com dignidade, foi captado pelos olhos da lente de vidro.

— Quantos sacos você vendeu hoje?

— Nenhum não, senhor.

— Você tem irmãos?

— Só uma pequena.

— Seu pai trabalha?

— Trabalha não.

— E onde arranjam essas mexericas?

— Minha mãe cata na fazenda do seu moço, lá perto do nosso barraco.

Os três amigos observavam a cena do interrogatório. Pedro firmou o olhar em Jonas, sob o sol que plantava gotas de suor na cabeça suja e rapada do menino, que levantou novamente o saco de mexericas, olhar de súplica. Fit chamou:

— Vamos comprar todos os sacos agora e seguir viagem, porque...

Ao que Pedro interrompeu e disse:

— Não! Eu vou vender por ele.

— Tá maluco? Aqui, na beira da estrada?

— Isso, até o pai dele chegar. Se um bêbado desocupado é filho da puta a ponto de deixar o filho pequeno todos os dias na beira de uma estrada para trabalhar, ele merece escutar umas verdades.

E sem dar tempo de alguém contestar a decisão, Pedro tomou o saco das mãos do menino e foi para a beira da estrada. Gritou:

— Cristal, abre aí a porta de trás pro Jonas deitar no banco. Dá um refrigerante e meu saco de M&M's pra ele.

Assim Cristal fez e o menino entrou, parecendo assustado e, ao mesmo tempo, feliz. "I still haven't found what I'm looking for", do U2, batia forte nas caixas de som. Conforme acordado no início da viagem, os três saíram do carro e não questionaram a decisão de

Pedro. Mayla sentou-se sobre o capô e ficou observando a atuação do amigo na venda das frutas. Cristal entrou no mato para fazer xixi. Fit buscou a câmera 4K e o tripé no porta-malas. Caminhou mais de cem metros, para o outro lado da estrada. Posicionou em direção ao campo aberto e passou a captar a cena do amigo fazendo o trabalho de Jonas.

À tarde, Pedro já havia conseguido vender boa parte do carregamento. A cada cinco reais, balançava a nota em direção a Jonas e gritava de felicidade. Cristal tentou entregar-lhe um chapéu e bebida em duas ou três oportunidades, mas a resposta foi sempre a mesma:

— O Jonas tem chapéu e bebida todos os dias aqui, por acaso?

O menino permaneceu deitado boa parte do tempo, certamente desacostumado com o conforto de um carro. Mayla e Fit conversaram sobre diversos assuntos enquanto filmavam o trabalho do amigo, cada vez de um ângulo e de uma distância diferentes. Cristal apenas admirava aquilo que Pedro fazia pelo menino.

Logo depois das seis da tarde o último saco de frutas foi vendido.

— Agora podemos ir, não? — Fit perguntou, guardando a câmera no porta-malas após registrar o pôr do sol.

— Tô morta de fome e preciso de um banho — Mayla completou.

— Não é hora ainda de irmos embora... — Pedro entregou o dinheiro a Jonas.

Quando a noite já havia caído e o frio começava a apresentar suas mais altas cartas, sobreveio o som das patas de um cavalo batendo no asfalto. O pai do garoto se aproximou pela frente do Opala e ordenou:

— Menino? Vambora!

Jonas saiu do carro, parecendo tomado pelo medo, e foi em direção ao pai. Pedro saiu logo atrás, Fit também deixou o carro, com cara de quem pressentia o problema e agia por instinto de proteção. O farol do Opala iluminava a cena. Mayla ligou sua câmera e apontou.

O cheiro de álcool traduzia o estado do pai. Pedro enxergava pouco além de um vulto sobre o cavalo. Assim mesmo, falou com voz dura e firme:

— Veio buscar o dinheiro, seu desgraçado? Saiba que amanhã vou ao Ministério entrar com uma denúncia de exploração infantil. Pela Lei no 9.862, você é o responsável direto por esse abuso. Eu trabalho na Justiça e já sei seu endereço, seu filho da puta. Se puser o Jonas aqui de novo, vai preso. Se maltratar o menino, vai preso. Eu mesmo vou voltar aqui amanhã pra conferir.

O pai estava acuado, parecendo acreditar nas ameaças de Pedro.

— Desculpa, doutor. É que tá difícil arranjar emprego.

— Tá difícil arranjar emprego? — Pedro perguntou. — Tá difícil, é? Então venha você aqui vender as porcarias das mexericas, seu bêbado, e manda o seu filho pra escola.

E, virando-se para o garoto, Pedro perguntou:

— Jonas, você decorou meu telefone, né?

— Eu... É... Sim.

— Muito bem, Jonas.

Pedro abraçou-o e o colocou na garupa do cavalo, encarando novamente o homem:

— Vá embora daqui, antes que eu ligue pra polícia vir te prender agora mesmo. Criança tem que estudar e brincar. Trabalhar é pra marmanjos que nem você.

O pai deu meia-volta no cavalo e saiu pedindo desculpas ao "doutor".

Quando Pedro voltou e entrou no carro, deu um soco no banco, colocou as duas mãos no rosto.

— Foda!

Ninguém comentou nada. Fit engatou a primeira e saiu levantando a mesma poeira na qual os quatro torciam para Jonas nunca mais pisar.

O primeiro hotel de beira de estrada que apareceu foi a opção inquestionável para o pouso aquela noite. Mulheres num quarto,

homens no outro. Combinaram de se encontrar no café da manhã.

No instante em que Pedro trancou a porta, Fit, sentado na cama, perguntou:

— Tem alguma coisa que você queira me contar e que eu precise saber?

— Ahn?

— Esta viagem se trata do quê, especificamente?

Pedro se calou, deitou-se na cama e se encolheu entre as pernas, tomado de assalto pela tontura de uma tarde inteira com o sol na cabeça. Fit seguiu:

— Beleza. Não quer responder, vou continuar tratando a viagem como a produção de um filme. Se quiser me revelar alguma coisa, sabe que pode contar comigo.

— Valeu.

— Posso perguntar algo que me deixou curioso?

— Sempre.

— Lei nove mil e não sei quanto? Seu número de telefone pro menino? Funcionário da Justiça? — Ele começou a rir.

Pedro sorriu de volta.

— Nada que palavras ditas com convicção não resolvam.

— E acha que o pai do Jonas vai temer a ameaça?

— O recado foi dado. Se o pai vai se emendar é uma incógnita.

No mínimo, o menino entendeu o que fizemos e tenho certeza de que não vai repetir esse comportamento no futuro com os filhos.

— O que nós fizemos, não. O que *você* fez, semeador.

Pedro não respondeu. Apenas apertou a boca e concordou com a cabeça.

Os quatro se encontraram no pequeno restaurante do hotel já perto do fim do horário do café da manhã. As duas, cabelos molhados e cheiro de creme pós-banho, trouxeram sorrisos descansados e no peito, baterias recarregadas por uma longa noite de sono. O coração de Pedro acelerou com a presença de Cristal, exatamente como em todas as outras vezes. Mas, à medida que aumentava a vontade por ela, aumentava a incerteza de como as coisas seguiriam e se algum dia teria colado em seus braços o abraço e em sua boca o beijo daquela menina.

O café simples foi saboreado pela equipe como o de um cinco-estrelas parisiense. Depois de um dia inteiro parados à beira da estrada, o desejo de acelerar pairava no ar.

— Fit, posso pedir uma coisa?

— Qualquer uma, diretor.

— Me ensina a dirigir?

— Quem me dera ter gabarito para ensinar. Você é o mestre aqui e eu só tenho a aprender os segredos do cinema.

— Não estou me referindo a dirigir filmes, mas a dirigir carros.

Fit entortou a boca e uma ruga marcou sua testa.

— Nunca dirigiu?

— Nunca. O mais perto que chegava disso era quando meu pai me deixava mudar as marchas, enquanto manobrava na garagem do prédio. Não teria mesmo como eu tirar carteira com uma visão tão ruim. E sempre quis sentir o prazer de comandar a máquina.

— É pra agora! Meninas, vamos lá fora porque vocês vão presenciar um momento único.

Pedro, Mayla e Fit saíram correndo para o pátio do hotel. Cristal correu pelas escadas até o quarto, gritando:

— Precisamos gravar isso.

Fit posicionou o Diabo Loiro no meio do pátio e passou as instruções:

— Você deve saber a teoria. A dificuldade está em controlar a embreagem. Conforme for soltando o pedal da esquerda, vá acelerando o da direita. São duas ações ao mesmo tempo. Solta um, aperta outro. Qualquer problema, o freio é o do meio. Vai na fé que eu controlo o freio de mão.

— Mete a trilha. — Pedro pediu e ficou olhando para a frente, com as duas mãos ao volante. — “Back in black”, AC/DC.

— Deixa comigo.

Cristal berrou do alto do segundo andar do hotel, pela janela do quarto, câmera em punho apontada para o carro:

— Acelera porque esta cena eu não perco nem a pau!

Mayla abaixou o vidro de trás, sentou-se na janela do carro e gritou de volta:

— Uhuuuu!

A maior introdução de guitarra da história do rock fez as caixas tremerem e Pedro deu a partida. Apertou a embreagem, engatou a primeira e soltou de uma vez. O carro saltou e por pouco não derrubou Mayla no chão do pátio. O motor apagou e ela começou a gargalhar.

— Segura direito aí, Mayla. — Fit olhou pelo espelho retrovisor lateral.

— Deixa comigo — ela retrucou. — Vai ser mais difícil do que eu imaginava, mas confio em você, Pedrão! Vai de novo.

Pedro respirou fundo, ligou o carro outra vez, engatou a marcha e outra vez o carro morreu. Na terceira tentativa, de um jeito suave, enfim conseguiu arrancar o Diabo Loiro da inércia. Pedro dava risadas com o veículo em círculos.

— Mete a segunda, mete a segunda! — Fit berrou.

O Opala também berrou quando a segunda marcha entrou. Pedro pisava fundo, Mayla gritava e dava tapas na lataria do carro.

Depois de umas vinte voltas, suficientes para deixar os três tontos e para o aluno passar na prova, ele freou e se deu por satisfeito.

Desceu do carro e ficou dando pulos com os braços levantados em direção a Cristal.

— Agora já posso dizer que sou um homem de verdade!

A sugestão de Pedro — avançarem trezentos quilômetros até um camping escolhido pela internet — foi aceita por unanimidade pela equipe. E o Diabo Loiro partiu sob uma sequência de sambas-enredo de carnavais antigos.

Pouco antes de chegarem ao destino, passaram em um posto de gasolina e levaram o necessário para o jantar de logo mais: biscoitos, cervejas, sucos, uma trança de queijo muçarela e um tijolo de goiabada.

O camping clube, localizado logo após a cidade de Barretos, parecia muito melhor ao vivo do que pelas fotos na internet, e isso foi um alívio para as meninas. Segundo as exigências da ala feminina da equipe de cineastas, instalações ao ar livre poderiam ser de qualquer nível, desde que quatro condições básicas sempre fossem atendidas: banheiros limpos e inexistência de cobras gordas, sapos nojentos e aranhas cabeludas. O gramado extenso e aparado, com uma fileira de árvores dispostas a uma distância razoável umas das outras, parecia perfeito. Armaram as duas barracas, cada uma embaixo de uma árvore de copa larga.

De noite, os quatro se reuniram com cobertas ao redor do lampião aceso, em frente à barraca dos homens. Caixa térmica cheia e, sobre um guardanapo jogado por cima de folhas de mangueira, o jantar preparado pela produção: goiabada com queijo.

Mayla impostou a voz como a de uma madame:

— Hum, este canapé de goiaba está especialmente *fantastique*. O *arroma* silvestre da *iguarria*, misturado ao sabor *unique* deste *Grrana Padano*, está divino.

— Grana Padano? Isso é o que chamo de otimismo. — Cristal deu risada. — E como nós nunca bebemos sem brindar, vamos agradecer aos deuses do cinema, que nos juntaram aqui.

Mayla abriu sua lata de suco e os outros três, de cerveja. Levantaram-nas.

Cristal começou:

— Ao *Mágico de Oz*, deus supremo da sétima arte.

— Ao *Senhor dos Anéis*, ao *Iluminado* e aos *Bons companheiros*

— Fit emendou.

Os outros três se entreolharam.

— Ih, qual é? — Fit recuou o copo e fez um bico. — Cada um brinda a quem achar importante.

— Gostei disso... — Pedro ergueu sua lata mais acima. — Um viva ao *Cidadão Kane*, ao *Poderoso chefão* e ao *Grande Gatsby*.

Mayla mal esperou a fala de Pedro terminar e gritou:

— Ao *Exorcista*, ao *Bebê de Rosemary* e a *Carrie, a estranha!*

Gargalhadas histéricas. Cristal recomeçou o brinde, na mesma ordem anterior:

— Aos *300*, ao *Coração valente* e ao *Rei Leão*.

— Ao *Forrest Gump*, ao *Taxi driver* e ao *Blade Runner*.

— Aos *Infiltrados*, aos *Intocáveis* e aos *Imperdoáveis*.

Os três viraram para Mayla e esperaram a pérola. Ela coçou a cabeça, olhou de soslaio e disparou:

— Aos sete anões, aos três porquinhos e... Ah, eu sou ruim demais pra lembrar nome de filme. — Ela riu.

Aplausos efusivos e assobios ecoaram pelo camping. Cada um deu seu gole na bebida. Pedro limpou a boca com as costas da mão, apertou os lábios e murmurou:

— Se não fossem vocês, certamente eu estaria enfurnado na minha casa hoje à noite, pensando na vida e escutando uma música triste.

— Segundas-feiras sempre me deprimem, isso não seria privilégio seu — Fit retrucou.

— E nós duas aqui estaríamos no Cultural ouvindo broncas da dona Rebeca. — Cristal se virou para Mayla e completou: — Não me leve a mal, amiga, mas sua tia é chata demais!

— E eu não sei? Ela é insuperável.

— Mas devemos dar crédito a ela por ter suportado por tanto tempo minha insistência em manter o cineclube. — Pedro fez uma reverência: — O cinema agradece.

— Taí. Falou tudo! — Fit apontou para Pedro e em seguida levantou novamente sua lata. — Um brinde aos injustiçados. À dona Rebeca, a última das moicanas.

— A poderosa chefona — Cristal emendou.

— A exterminadora do futuro — Pedro soltou e riu.

O movimento dos três em direção a Mayla foi automático. No que ela não decepcionou:

— A diaba que veste Prada.

Os três caíram com as costas no gramado, de tanto rir do comentário.

O jantar e as conversas seguiram, divertidas, e isso fez Pedro esquecer, ao menos momentaneamente, que sua jornada ali era bem diferente da jornada dos outros três.

Perto da meia-noite, Fit se levantou, bateu as mãos na calça e se espreguiçou.

— O papo está ótimo, mas, como dizia o mestre Leão da Montanha: “Saída... pela direita.”

De forma automática, o lampião foi apagado e as latas recolhidas. Despediram-se e cada dupla foi para seu iglu.

Ao fecharem os zíperes das barracas, o silêncio se fez no camping; o pé de Fit foi quase na cara de Pedro, e vice-versa. Fit cutucou o amigo e sussurrou:

— Ei, Pedro.

— Oi...

— Quero contar uma coisa.

— Fala.

— Eu acho a Mayla uma coisinha fofa.

— Coisinha fofa... — Pedro abriu um sorriso. — Eu me pergunto: como um cidadão, neste mundo de hoje, em pleno século XXI, tem coragem de chamar de coisinha um mulherão lindo daqueles?

— Já foi até modelo.

— Percebi o tanto que vocês dois têm conversado...

— Ela é divertida mesmo. Joga futebol, adora lasanha e odeia banana. Disse que um dia vai se tornar a jornalista mais criativa da região.

— Opa! Essas, sim, são informações fundamentais... — Pedro riu e deu um tapa na perna de Fit. — E por que não revela logo a ela esse negócio de coisinha fofa?

— Eu... É que... Vou confessar, mas não ria. Eu nunca namorei ninguém e pela primeira vez tô cheio de vontade de experimentar algo mais... profundo.

Pedro levantou as costas, olhou para o amigo, abriu a boca e voltou a se deitar.

— Sério?

— Seríssimo.

— Nem uma única vez? E aquela menina da internet? Aquela quente, linda e cheia de atributos físicos?

— Era... Tudo mentira.

— Sério?

— Seríssimo.

— Talvez tenha chegado a hora. Eu acho que a Mayla gosta de você.

— Sério?

— Seríssimo — Pedro tentou passar confiança ao amigo. — Temos a estrada pela frente, e qualquer hora a coisinha fofa vai saber que você gosta dela.

— Será que ela me acha uma coisinha fofa também?

Pedro começou a rir.

— Sei lá. Deve achar.

— O que será que elas estão conversando agora?

— Elas devem estar dormindo, que é o que nós dois deveríamos fazer também.

— Beleza. Boa noite — disse Fit.

— Boa noite, coisinha fofa.

Pedro não conseguia pregar o olho. Pensamentos sobre o inevitável gritavam em seus ouvidos. Escuridão, trevas, mistério, abismo, solidão. Contagem regressiva. Deitado numa barraca no meio do nada, a tristeza desceu com intensidade suficiente para empurrá-lo ao fundo da terra.

Após um tempo interminável de luta contra o barulho na mente, ele se levantou. Passou por cima de Fit e saiu da barraca com uma coberta nas costas. Caminhou até o fim do gramado, que abria a vista para um pequeno vale. Sentou-se embaixo de uma árvore, escorou as costas no tronco e passou a admirar as luzes da cidade distante, braços ao redor das pernas e olhar perdido. A visão piorava a cada dia. Por quanto tempo ele ainda enxergaria longe? Um mês, menos, mais? E depois? Apenas objetos cada vez mais próximos? Em que momento as cores sumiriam? Quantas novas coisas ele teria oportunidade de conhecer antes de chegar o inescapável “nunca mais”?

— Sem sono também?

Pedro tomou um susto. Olhou para o lado; Cristal, de pé, também se enrolava em uma coberta.

— Desculpa, não te vi chegar.

— Posso sentar aqui?

Ele se afastou um pouco e ela se encostou na árvore.

— Bonito ver a cidade daqui de cima. — Ela apontou para as luzes. — Se a gente ficasse de ponta-cabeça, poderia dizer que as estrelas são a cidade e a cidade as estrelas.

— Verdade. O homem criou suas próprias estrelas.

— O homem é um imitador da natureza, isso sim. Quando a noite cai, as estrelas dos homens também se acendem. E quando clareia, também se apagam.

— Mas as estrelas do céu nunca se apagam. — Pedro constatou. — A gente só não vê porque o sol não deixa.

— Algumas já se apagaram, mas estavam tão longe que a gente ainda vê a luz.

— Muito louco isso, né?

— Pelo menos é a explicação que nós, cientistas, encontramos para o fenômeno. Talvez sua explicação seja para o lado de Deus, anjos, santos.

— Acho que as coisas se completam. Não foi Einstein quem disse que sem Deus o universo não tem como ser explicado direito?

— Se até o mestre falou, por que eu, mera bombardeadora de obras de arte, discordaria?

Pedro balançou a cabeça, puxou-a para perto e seus ombros se encostaram.

— Do que se trata esta viagem, Pedro?

Ele deu um sorriso triste, olhou para o vale e comentou, evasivo:

— Vocês combinaram de fazer essa pergunta? Agora só falta a Mayla.

— Talvez a gente queira saber exatamente o que está se passando nessa sua cabeça de cineasta, de menino, de homem, de amigo.

— Nem eu sei direito.

— Seus olhos não desincharam totalmente...

— Mas vão desinchar — ele foi rápido e cortou a conversa.

— Quanto você mudou depois do incidente lá na VIP?

Pedro demorou a responder.

— Mudei muito. Não sou mais aquele Pedro. Agora, como nunca antes, preciso de respostas.

— E acha que é sua avó quem tem essas respostas? Que existe mesmo a tal revelação?

— Tenho certeza disso.

— Ela é meio bruxa...

— Ela tinha dito para eu nunca tirar o olho turco do pescoço, e eu cometi a besteira de tirar lá dentro da VIP. Fui atacado no exato instante em que tirei.

— Mas agora ele está de volta ao seu pescoço. Pode ter sido apenas falta de sorte momentânea. — Cristal abraçou as pernas.

— O azar não existe. Deus não joga dados.

— Einstein, de novo.

— E quem é você, mera demolidora de quarteirões, para discordar? — Pedro sorriu em direção a ela.

— Então vai dizer, aqui, que a gente deve se contentar com o que foi escrito e pronto e acabou?

— A vida real é como o jogo da velha, Cristal. Quando os jogadores aprendem seus segredos, o resultado sempre dá velha.

Cristal manteve silêncio por algum tempo, parecendo absorver a tese. Em seguida, refutou:

— Mas sempre haverá a chance de você conseguir uma jogada realmente surpreendente, aquela que ninguém jamais tentou. E não se esqueça de que, dependendo do momento, o adversário até pode querer ser surpreendido...

Pedro ficou apenas refletindo sobre o que ela disse, na certeza de que, independentemente da fase ruim, uma coisa ele não podia negar: Cristal era a melhor coisa que já tinha aparecido em sua vida.

Então o silêncio foi interrompido pela frase que ele jamais imaginaria que ela dissesse:

— Me fala da Nina, a garota por quem você engordou 120 quilos...

— Oi? — Ele engasgou. — Eu... é... como você sabe que o nome dela é Nina?

— A Mayla me contou alguma coisa.

— Você perguntou?

— Cientistas são curiosos...

— O que a Mayla falou?

— Gostaria de ouvir de você, se é que tem vontade de falar sobre isso.

— Não, sem problemas. Hum... Deixa ver... Namoramos por cinco anos, gostei muito, foi bom, acabou.

— Só isso? Pelas palavras da Mayla, a coisa foi muito mais forte. Pedro estava achando estranho conversar aquilo com Cristal.

— Ok, sendo bem sincero. Durante os cinco anos, e ainda por um bom tempo depois, ela foi a coisa que eu mais amei na vida. Ela era os 30% que faltavam da minha visão, a mulher mais linda que eu já tinha conhecido. Sonhou o meu sonho, torceu por mim, foi meu braço direito.

— E por que acabou?

— Ela me deixou na noite em que o *Incrível!* não ganhou o Cacau de Ouro. Duas decepções em uma tacada só. Foi duro! — Ele riu. — Disse que não aguentava mais minha obsessão com o prêmio, que eu só pensava naquilo. Talvez ela tivesse razão, sei lá. Eu disse que largava tudo, mas ela já estava decidida. Nossa, eu fiquei muito mal! Com o tempo a coisa esfriou em mim, virou uma lembrança boa, mais nada.

Cristal parou uns minutos, olhando para a cidade.

— Pois eu acho que ela perdeu um grande cara...

Ela deu um beijo no rosto de Pedro, se levantou e saiu andando em direção à barraca. Deu alguns passos, virou-se e chamou:

— Ei, Pedro. Na primeira vez que a gente saiu, você disse que eu não ia me esquecer daquela noite lá na festa de ano-novo, nem que fosse pela lembrança remota de um camarada chato que tentou me convencer a respeito de uma teoria maluca. Lembra?

— Lembro.

— Saiba que você é o camarada chato mais encantadoramente cheio de sentido que conheci.

— Valeu, Cris. — Ele apertou a boca.

Ela sorriu.

— Ninguém nunca tinha me chamado de Cris.

— E eu posso?

— Só se eu puder também te chamar de algo que só eu possa chamar.

— Fique à vontade.

— Vou pensar em algo único. — Ela piscou para ele, jogou um beijo e foi dormir.

Sol escaldante, barracas no porta-malas, corações batendo a mil, câmeras nas mãos, ronco do motor. The Boss atacou de “Thunder road” e o diretor do filme anunciou:

— Esta é a maior canção de amor de todos os tempos! Aumenta aí o volume, Fit!

— Foi mal perguntar, mas... Quantas canções são a maior canção de amor de todos os tempos? Ontem mesmo, que eu me lembre, era outra. — Mayla olhou desconfiada para Pedro, pelo vão, entre o seu banco e o encosto de cabeça.

— Pois eu também tenho a mesma dúvida. Cada hora é uma? — Cristal reforçou.

— Pode até ser, mas, neste exato instante, esta é a maior de todas.

Entraram no primeiro posto de gasolina, dez minutos após deixarem o camping, sob uma sequência matadora de anos 1970.

— Vão abastecendo aí porque vou ao banheiro. — Pedro pediu enquanto corria para dentro do posto.

Na volta, trazia quatro garrafas de água e outro carregamento de M&M’s em um saco plástico quando uma cena chamou sua atenção. Um rapaz alto e forte, aparentando pouco mais de vinte anos, ao lado de um Mercedes-Benz prateado conversível, falava em tom muito alto com o dedo em riste para um frentista velhinho. O rapaz segurava a mangueira de gasolina e o velhinho, uma bucha com sabão e água pingando.

— Seu velho incompetente! Presta atenção no que faz.

— Desculpa, senhor. — E a voz saiu frágil. — É só jogar uma água e...

— Se a porra da pintura estragar você tá morto! — ele berrou.

— Desculpa. Eu limpo aqui.

O velhinho começou a passar a bucha logo abaixo da boca do tanque de gasolina, sob o olhar de ódio do rapaz. A cena de um senhor de idade oprimido daquela forma por um moleque subiu instantaneamente à cabeça de Pedro. O resto da equipe de frentistas apenas olhava, sem reação. Pedro jogou as compras e os óculos no chão, cerrou os punhos e caminhou em direção ao Mercedes, sem pensar nas consequências do ato prestes a protagonizar. Então o menino fez o impensável: apertou o gatilho e encharcou de gasolina as calças e os sapatos do velho.

— Agora eu quero ver você aprender a nunca mais errar, seu idio...

Pedro surgiu por trás do velho e o soco mais bem dado em toda sua vida derrubou o menino dentro do Mercedes, antes que ele conseguisse completar a frase.

— Seu miserável! Ia fazer o quê? — Pedro voou para dentro do carro, enquanto batia e gritava. — Ia acender um fósforo e jogar? Filho da puta!

O rapaz tentava devolver a agressão com pontapés e socos, à medida que conseguia se equilibrar entre o banco traseiro e o chão do carro. Os frentistas rodearam o automóvel, presenciando a luta. Pedro mantinha o rosto virado para trás, para evitar ser acertado e piorar ainda mais as coisas. Tomava socos na cabeça, tinha o cabelo e a gola da camisa puxados. Socava o peito, os braços, a cara do rapaz, o banco, a lataria. Como se, além de dar o troco no moleque pela humilhação imposta ao velho, também desejasse acertar o tipo de objeto de consumo que faz uma pessoa se achar superior a outra.

Então ele sentiu alguém agarrando-o pelo pescoço e puxando-o para fora do carro, e, ato contínuo, o grito rouco de Fit ecoou sob a marquise do posto:

— Calma, Pedro!

O menino, com a boca ensanguentada e soltando veneno pelos olhos, pulou para fora do carro e partiu para cima de Pedro. Os outros frentistas finalmente o cercaram, a tempo de impedir a continuação da briga. Jogaram-no de volta no veículo e um deles gritou:

— Some daqui, moleque! E não volta mais.

O rapaz saiu derrapando e queimando pneu.

— E vocês também vão embora. — O atendente do posto completou. — Antes que ele volte e a confusão continue.

Pedro não deu ouvidos. Desvencilhou-se dos braços de Fit, ajeitou a gola e os cabelos. Puxou uma cadeira e a ofereceu ao velho, que se sentou tremendo e ofegando. Pedro se ajoelhou no chão de cimento batido, segurou a mão do frentista e olhou-o nos olhos.

— O senhor está bem?

— Estou, sim. Obrigado.

Pedro começou a desamarrar o cadarço dos sapatos dele, surrado e encharcado de gasolina.

— Não foi nada. Qual o seu nome?

— Damião. — A voz saiu trêmula.

Pedro puxou um pano, secou bem devagar os pés de Damião. No trajeto até o Opala, viu que Cristal captava a cena. Impassível, abriu sua mochila e pegou uma calça jeans limpa. Voltou e a entregou ao velho, sem dizer mais nada. Tudo sob o olhar complacente dos outros frentistas.

— Obrigado, senhor. — Damião sorriu.

Pedro deu dois tapas no ombro dele e saiu em direção ao Diabo Loiro. Pegou de volta as compras e os óculos ainda jogados no chão. E pelas três horas seguintes manteve o olhar morto na estrada, sem dizer uma única palavra, acompanhando somente o coração desacelerar aos poucos.

Com os ânimos arrefecidos, encostaram para almoçar em uma birosca, num recuo de cascalho na estrada. Antes de descerem do carro, Cristal interrompeu o longo silêncio e segurou a mão de Pedro.

— Está tudo bem?

Ele balançou afirmativamente a cabeça duas vezes bem devagar, sem demonstrar convicção.

Sentaram-se à mesa de madeira e cada um pediu um prato do dia. O almoço foi quieto. Fit tentou quebrar o gelo com uma ou outra frase incapaz de gerar comentários mais profundos. Impressão de o silêncio ser o mínimo a oferecer em respeito ao que Pedro sentia nos últimos tempos. A tal chance, tema da viagem/filme, não andava fazendo bem ao coração de Pedro, e a realidade apresentada pela estrada talvez parecesse bem menos fantástica do que a imaginada por cada um. Mas o próprio Pedro se encarregou de dissipar a calmaria:

— Fit, conseguimos chegar ainda hoje a Pirenópolis?

— Faltam quatrocentos e poucos quilômetros. Dá, sim.

Pedro passou o guardanapo na boca, bateu na mesa e ordenou:

— Vamos embora.

Por sugestão de Fit, a sequência instrumental “Trilogia dos dólares”, de Ennio Morricone, deu o tom da conversa sobre o tema preferido. Cristal, deitada com a cabeça no colo de Pedro, levantou a bola:

— Vocês sabem que não entendo nada de cinema, mas eu estava pensando aqui. Para vocês dois, especialistas espertinhos no assunto, qual o melhor filme de estrada de todos os tempos?

Fit respondeu de bate-pronto:

— *Easy rider* e *Nebraska*, sem dúvida.

— *Thelma e Louise* e *Central do Brasil* — Pedro emendou.

Mayla levantou o dedo e opinou:

— *Pequena Miss Sunshine* e... Não me lembro de mais nenhum.

— Pois acho que o melhor filme de estrada de todos os tempos é este que estamos fazendo — Cristal disse.

Ninguém comentou. Quem sabe todos concordassem ou, no mínimo, desejassem que fosse verdade. Pedro não sabia ainda se aquilo daria um roteiro coerente nem se poderia ser montado. Sons, cores, movimentos, curvas e histórias da estrada. Imagens aleatórias em quatro câmeras, até ali um amontoado de cenas desconjuntadas, sem roteiro, sem tratamento controlado de luz e som. O conceito de uma ideia na cabeça e uma câmera na mão podia não chegar a lugar algum, mas ele não queria refletir sobre isso no momento.

A tarde correu tranquila e os quatro ultrapassaram a cidade de Anápolis. Agora, pouco menos de setenta quilômetros os separavam de Pirenópolis. Pegaram uma sequência de curvas e retas em subida pela serra que daria no destino final e embarcaram em outras listas de melhores de todos os tempos. Melhor filme de terror, melhor desenho animado, melhor cena de dança, melhor atriz. Tudo sem grandes discussões, até Mayla sugerir o tema "ator mais bonito". Após mais de cinco minutos de moções de repúdio, a ala masculina da equipe acabou cedendo. Mayla, culpada pela ideia, foi condenada a começar.

— O ator mais lindo e perfeito do mundo é o Ian Somerhalder.

— Queeeeem? — Fit encarou Pedro pelo retrovisor. — Deus me livre, nunca ouvi falar.

— Nossa, nem eu! — Pedro devolveu fazendo uma cara de terror. — Deve ser horrível, nem queremos conhecer.

Fit e Pedro bateram os punhos. Cristal apoiou Mayla:

— Pois se nunca ouviram falar é simplesmente porque vocês são deste planeta e o Ian é de outro. Estão com inveja. Boa escolha, amiga. Tem meu voto também e...

Um estrondo interrompeu a conversa. Grave, cortante, rápido.

— O que foi isso? Furou o pneu? — Cristal gritou, tom de voz apavorado.

— Acho que não, mas está um cheiro estranho — disse Fit.

Uma fumaça branca surgiu por baixo do capô e foi parar dentro do Opala. Os quatro imediatamente começaram a tossir e a espanar. Pararam no acostamento e desceram.

— Só me faltava essa. Meu tio vai me matar.

Fit abriu o capô. A fumaça tomava conta do motor e o óleo escorria pelo asfalto. Ele se virou para os três e perguntou, com voz esperançosa:

— Alguém entende de mecânica?

Diante da negativa da equipe, Fit emendou, olhando para o veículo:

— Diabo Loiro, Diabo Loiro... Logo você ia aprontar uma dessas comigo? Logo eu, que só te dei carinho nesta vida, criatura dos infernos?

— Eu falei que esta velharia ia deixar a gente na estrada... — Pedro escorou a testa na lateral do carro, fechou os olhos e tamborilou os dedos sobre o teto. — E eu achando que a gente ia chegar ainda hoje. Alguém trouxe celular?

— Eu, mas aqui não tem rede. — Mayla esticou o braço com o aparelho acima da cabeça para tentar captar sinal.

— E agora? — Cristal perguntou.

— Vamos ver se passa alguém e ajuda. — Fit respondeu e atravessou com Mayla para o outro lado da estrada deserta.

Pedro e Cristal ficaram deitados sobre o capô.

Depois de dez minutos em que quatro ou cinco carros em alta velocidade por pouco não passaram por cima dos dois amigos que estavam no outro lado da estrada, Fit voltou correndo em direção a Pedro e Cristal, gritando que Mayla havia tido uma visão:

— Pedro, a menina mais criativa da região se superou! A estrada está nos dando um sinal e não estamos percebendo.

— Sinal de quê, homem?

— Sabe aquele sonho que a gente sempre teve de fazer uma cena grandiosa e nunca conseguiu?

— Sei... Por culpa da famigerada praga chamada "restrição orçamentária"...

— Pois é chegada a hora! Uhuuuu!

— Ahn?

Fit subiu no teto do Diabo Loiro e deu um giro lento de 360 graus, com as duas mãos sobre a testa, para fazer sombra nos olhos. Procurava alguma coisa.

— Ali. — Ele apontou.

— Ali o quê, mente confusa? — Cristal perguntou.

— Vai ser naquele precipício à direita da estrada. A queda para o vale está perfeita, a angulação do sol está boa. Conseguiremos boa luz ali.

— Você e a Mayla beberam? — Pedro perguntou.

— Diretor, nós vamos explodir o Diabo Loiro! — O grito de Mayla veio acompanhado de um olhar sinistro.

Fit explicou:

— Vamos jogar o carro no precipício. Nossa cena grandiosa do cinema!

— Piraram de vez! Seu tio vai te matar.

— Ele ia me matar se eu chegasse lá com o Diabo Loiro com o motor estragado. Agora, como o carro não vai voltar mais, ele não vai nem saber o que aconteceu.

— Meu Deus! Seu tio não sabe que você pegou o carro?

— Não. É que... Bom, ele está viajando e quando voltar não vai encontrar o carro. Vai acionar o seguro, pegar o dinheiro, comprar outro e envenenar ainda mais. Provavelmente um Galaxy preto que vai batizar de Diamante Negro. Meu tio é doidinho de pedra.

— É de família? — Cristal provocou e soltou uma risada.

— Definitivamente... — Pedro comentou.

— Diretor, esta é a nossa chance! — Mayla exclamou. — Você não anda dizendo que as chances na vida são raras? Quando uma aparece, meu querido, a gente tem de agarrar com força e não soltar de jeito nenhum.

Pedro coçou o queixo, mordeu o lábio. Fit comunicou:

— A equipe já está a postos. Às suas ordens, diretor.

— Quantas vezes na vida você quis fazer isso, Pedro? — Cristal ponderou.

— É a sua chance! — Mayla começou a bater palmas: — Chance! Chance! Chance!

Os três cercaram Pedro, berrando a palavra, batendo palmas e rindo. Ele começou a rir também e então anunciou:

— Vamos lá, equipe! Preparem-se porque vocês vão assistir, a partir de agora, a um verdadeiro diretor de cinema num set de filmagem.

— Maravilha! — Fit levantou os braços.

— Vamos trabalhar porque não temos muito tempo. Segundo o roteiro e o que está descrito aqui no *storyboard*... — Pedro fingiu folhear um álbum — ...a explosão ocorrerá ao cair do sol. Temos mais uma hora e meia até o fim da tarde, nosso *deadline* está apertado. Quero tudo pronto daqui a uma hora, no máximo!

Os três postaram-se ombro a ombro em uma linha e aguardaram as ordens. Pedro continuou:

— Vamos empurrar o Diabo Loiro lá para aquele monte do outro lado da estrada e embicar na direção do precipício. Vamos, cambada de preguiçosos!

— É isso aí, diretor! — Cristal incentivou. — Chiliques, queremos muitos chiliques!

Pedro olhou feio para ela, segurando o riso.

— Cambada de preguiçosos!

Fit prendeu a câmera de Pedro no tripé, em um plano aberto, e deixou-a captando toda a movimentação. Os quatro empurraram o Diabo Loiro e o posicionaram segundo as orientações do *storyboard* imaginário. Fit soltou o freio de mão e colocou uma grande pedra sob o pneu esquerdo dianteiro, para segurar o carro. Separou o chaveiro canivete suíço da chave, abriu o capô, cortou a mangueira de gasolina e encharcou o motor. Cortou meia dúzia de fios e os desencapou. Enquanto a equipe tirava os equipamentos do porta-malas, Cristal correu para o mato e trouxe duas grandes folhas de árvore. Enrolou-as e improvisou um megafone.

— Os maiores diretores do cinema mundial têm megafone, cadeira especial e bebidas caras — justificou.

Ela retirou o banco da frente do Opala e o posicionou ao lado do precipício. Pegou um galho de árvore, escreveu no chão a palavra "diretor" e desenhou uma seta apontando para a cadeira. Largou a caixa térmica com as bebidas ao lado dele.

Pedro sentou-se e começou a falar grosso no megafone, entre goles de Coca-Cola:

— Fit, traga o gerador, monte os tripés e ligue as iluminações. Quero as duas luzes direcionadas para a beira do precipício. O resto é iluminação natural que, pelo visto, promete. — Ele mirou o horizonte. — Cris, fique à direita para captar o exato instante em que o carro deixar o precipício. Quero um plano fechado! Mayla, desça um pouco ali à esquerda, pegue o início da queda e vá acompanhando até a explosão. Fit, seu movimento é o mais importante, delicado e complicado, mas sei que você consegue.

— Ok, mestre — Fit concordou, enquanto preparava o gerador e a iluminação.

Pedro continuou ao megafone:

— Seguinte: ajuste o estabilizador de câmera ao corpo e prenda a 4K. Quando eu der o sinal, você chuta a pedra que está segurando o carro, corre pra trás dele e dá um empurrão. A inclinação do monte é suficiente pra gente conseguir a velocidade necessária para o voo. Venha correndo, filmando pelo ângulo de trás do Opala.

— Chego à beira do precipício e pego ele caindo de cima?

— Cuidado para não cair junto — Pedro gargalhou.

Cada um se posicionou enquanto o diretor acertava detalhes de câmera, planos, sequências e afinava a iluminação. O sol começou a embicar no horizonte, e então Pedro avisou que faltava o detalhe fundamental: a trilha sonora da explosão. Correu até o Diabo Loiro, conectou o iPod, posicionou no início da canção e pausou. Aumentou o volume até o máximo que as caixas poderiam suportar e aguardou o momento.

— A queda será ao som da maior canção de amor de todos os tempos!

As meninas deram risada ao ouvirem o comentário.

— Vai sacrificar seu iPod? — Fit arregalou os olhos.

— Tudo pela arte, meu amigo. Tudo pela arte. — Pedro deu de ombros.

Chegou a hora e o diretor passou a berrar:

— Lembrem-se de que não podemos errar. É apenas uma chance! É a nossa chance... Ligar luzes! Operadoras de câmeras a

postos! Maquinista e operador da *ultra high definition* a postos! Silêncio no set! Trilha sonora!

Pedro ligou a música. Correu para a sua cadeira. “Love is in the air”, na voz de John Paul Young, veio alto nas painéis. Ele tirou a camisa, segurou-a com o braço esticado acima da cabeça e começou a rodá-la. A tensão e o amor estavam no ar. Os três membros da equipe não tiravam o olho do diretor. Ele balbuciou, apenas no movimento da boca:

— Espera... espera... es... pe... ra... — O refrão chegou, o sol tocou o horizonte, ele fez um movimento baixando o braço e jogou a camisa no chão.

Gritou:

— Eeee... Ação!

Fit chutou a pedra, correu para trás do Diabo Loiro, deu o empurrão e veio correndo por trás, olhando pela lente da 4K. O Opala desceu pelo monte e ganhou velocidade. As meninas fizeram os movimentos de câmera combinados. O coração de Pedro acelerou como poucas vezes na vida. O carro chegou à beira e voou do jeito que jamais poderiam imaginar.

Love is in the air, in the rising of the sun.

Love is in the air, when the day is nearly done...

Lá se foram os últimos suspiros do Diabo Loiro, capotando, batendo no paredão, rodopiando, sendo triturado pelas pedras. A respiração de Pedro permanecia suspensa conforme o metal era moído. Os três operadores de câmera captaram tudo até a base da serra. Quando, enfim, o resto do carro estacionou no meio de diversas pedras grandes, nada aconteceu. Pedro levantou a mão e fez sinal para não pararem de filmar.

Então, poucos segundos depois, tal qual a produção de um filme hollywoodiano em que nada sai errado, veio a explosão. Linda, quente, gigantesca, amarela, vermelha, preta. Fit desceu pela lateral do precipício até onde era seguro e direcionou a 4K para as chamas. Em seguida, fez um movimento na direção do meio sol que sobrava no horizonte. Pedro deu a ordem final:

— Eeeee... Cortaaaaa!

Os quatro começaram a pular, fora de si. As câmeras foram colocadas no chão e uma dança ao som de uma canção imaginária surgiu por trás da fumaça que pintava de negro o céu alaranjado.

A noite caiu rápido, céu estrelado, vento cortante. A luz da lua cheia iluminava a estrada.

— E agora? — perguntou Fit.

— Faltam dez quilômetros e a gente vai a pé — Pedro respondeu, colocando a mochila nas costas.

— Sério?

— Seríssimo! Não dá para ficarmos aqui esperando a boa vontade de alguém para parar no escuro e oferecer carona a quatro malucos com jeito de quadrilha de assaltantes rodoviários.

Salvaram-se as câmeras. Barracas, caixa térmica e equipamento técnico foram jogados no abismo e restaram em meio à carcaça do Opala, sob o olhar tenso de Fit. Agora ele teria de dobrar o suborno ao segurança da faculdade, para eliminar de vez a possibilidade de ser expulso. Pedro pediu emprestado o canivete suíço e, num bambuzal à beira da estrada, cortou uma vara de mais ou menos um metro e vinte e a fez de cajado. E como andarilhos cumprindo um caminho em busca de autoconhecimento, os quatro partiram com suas mochilas, câmeras nas mãos e apenas uma ideia na cabeça: chegar a Pirenópolis antes da meia-noite.

Em pouco tempo, duas duplas se formaram. Fit e Mayla, à frente, riam tão alto que só podiam estar em um festival de bobagens. Cristal e Pedro, cinquenta metros atrás, conversavam de maneira tranquila.

— Você tinha medo do escuro? — Cristal perguntou.

— Deste escuro? — Pedro apontou para o céu.

— Estou me referindo àquela possibilidade que existia de você ficar cego.

De repente, o som dos tênis arrastando sobre o cascalho do acostamento pareceu mais alto do que antes. Por uma fração de

segundo, ele decidiu revelar a ela o que estava acontecendo, mas desistiu a tempo de responder algo evasivo.

— Eu tinha muito medo. Mas acabei me tornando dez vezes mais forte, quando soube que não ficaria mais cego.

— E por que está perdendo a força?

— Eu, perdendo a força?

— Não tenho visto aquele Pedro que falava com propriedade sobre os filmes no cineclube, que tinha um monte de teorias, que cultivava o Cinema Felicidade. A busca pelo Cacau de Ouro acabou? Você pode enganar os outros, mas não me engana.

Pedro não desejava que aquela viagem se tornasse a fuga em que estava se transformando. Ele nem sabia como terminaria. E se a avó não se lembrasse da tal revelação? E se não houvesse revelação? E se todo o mistério que envolvia o olho turco não passasse de pura fantasia? No que realmente ele acreditava? Aonde pretendia chegar? Independentemente do que acontecesse no meio da viagem, a única certeza em que ele podia apostar todas as fichas era a de que, no fim, ele só escaparia da cegueira por um milagre.

— Sabe, Cris, é impossível explicar a angústia de imaginar que algum dia eu não possa mais enxergar.

— Já pensou que, mesmo que isso venha a acontecer, você já tem as belezas do mundo guardadas na memória?

— Eu sei disso. Mas tenho muito medo de esquecer.

— Nós dois estamos aqui nesta estrada escura, certo? — Cristal perguntou. — Em certa medida, é como se não enxergássemos o caminho. Do mesmo jeito que não enxergávamos nada naquela manhã no subsolo do Cultural.

Pedro não sabia aonde Cristal queria chegar. Ela continuou:

— Vamos tentar fazer silêncio e ouvir os sons da estrada.

Assim fizeram.

— O que você ouve? — Cristal murmurou.

— Grilos, pássaros, um motor de caminhão ao longe.

— Ótimo. — O sussurro ficou ainda mais suave. — Descreva este grilo.

— Verde, pernas finas, cabeçudo, duas antenas.

— E o pássaro?

— Hum... Marrom, peito amarelo, bico grosso, dez centímetros de altura.

— O caminhão?

— Azul, com desenhos de fogo vermelho e laranja na lateral. Quadrado, frente de alumínio, enorme.

— Tá vendo? Provavelmente o grilo não é exatamente aquele. De repente ele não é verde, mas marrom. Talvez o pássaro seja de outro tamanho. O caminhão que você imaginou é o dos Transformers, e tenho certeza de que este aqui é bem diferente. Mas... E daí? Mesmo que ficasse cego algum dia, a compreensão total do mundo ninguém poderia apagar da sua memória.

— Mas perder a habilidade real de enxergar tantas coisas perfeitas vai ser... ou melhor, seria terrível.

— Talvez não, se você encarasse como uma forma *nova* de visão e não como uma forma *pior* de visão.

— Fácil falar para quem não tem o problema...

— Concordo. Mas se o problema fosse comigo, no meu entender só haveria duas saídas: enfrentar ou enfrentar.

— Você suspeita que estou ficando cego e que por isso estou triste?

— Não acho nada, não foi isso o que eu disse. Por quê? Você está ficando cego?

— Não. — A cortada de Pedro veio seca.

— Só não desejo que perca a alegria de viver, Pedro. Porque você é a alma mais doce que já vi. Ninguém é adepto do Cinema Felicidade sem, no mínimo, ser uma pessoa surpreendente.

— Estou cansado, apenas isso. Cansado de tentar enxergar só o lado bom do mundo. Aquela noite na VIP mudou muita coisa pra mim. Percebi que tudo na vida tem seu oposto. É o equilíbrio. Por isso venho tentando entender também aquelas palavras que formam a palavra Chance.

— Não discordo. Mas toma cuidado pra que a busca por elas não transforme você em uma pessoa amarga e infeliz.

— Não serão elas que farão isso. Há muito mais coisas envolvidas.

— Se algum dia quiser compartilhar, saiba que serei toda ouvidos.

Então Pedro decidiu fazer a pergunta que o vinha atormentando desde o domingo pela manhã:

— Por que, de verdade, vocês três resolveram fazer esta viagem comigo?

— Porque somos seus amigos. E se uma pessoa passar toda a existência sem fazer algo realmente excepcional por um amigo, a vida não terá valido a pena...

Num movimento suave e automático, guiado muito mais pelo coração do que pela cabeça, Pedro segurou a mão de Cristal. Ela retribuiu e entrelaçou seus dedos nos dele. Até o resto da caminhada eles não falaram mais nada. E não soltaram as mãos.

O centro histórico de Pirenópolis, àquela hora, lembrava as cidades fantasmas dos faroestes de Sergio Leone, inclusive pelo uivo do vento frio. Os quatro andarilhos entraram por ladeiras e ruas estreitas de paralelepípedos, ladeadas por casinhas geminadas, em sua maioria brancas, de janelas coloridas e telhado meia-água colonial. Mayla e Cristal tiravam dezenas de fotos a cada esquina.

Pedro amarrou o cajado de bambu à mochila. Pediu um celular emprestado e ligou para a avó.

— Oi, vó... Cheguei... Tem abrigo pra mais três?... Que bom!... Eu preciso ir à igreja... A gente espera a senhora, sem pressa... Um beijo.

Voltaram a andar, mirando o topo da igreja branca, que se destacava das demais construções da cidade.

— Que delícia isto aqui! — Cristal comentou. — Parece uma cidade de brinquedo.

— Parou no tempo, o que é uma qualidade — disse Pedro.

— Há quantos anos você não vem aqui?

— Uns treze. Eu tinha acabado de saber da doença. Meu pai achou que era hora de eu conhecer mato e cachoeiras de verdade, não somente por foto. E é praticamente só o que tem por aqui.

— Sua avó mora sozinha? — Mayla perguntou.

— Quando meu avô morreu, ela assumiu a fazenda. Pra tirá-la daqui é uma luta. Há uns dois ou três anos compareceu à festa de aniversário do meu pai e olhe lá. Mas foi reclamando, e quando voltou disse que só vai sair daqui para o céu.

Chegaram em frente à igreja. A placa dizia: Matriz de Nossa Senhora do Rosário.

— Eu preciso entrar. — Pedro forçou a porta da frente. — Nada. Trancada.

— Tem uma portinha aberta ali na lateral. — Cristal apontou.

Entraram e Pedro foi direto para a capela-mor. O altar guardava a imagem de Nossa Senhora. Os outros três pressentiram que era melhor deixá-lo um pouco sozinho. Mayla sentou-se em um dos longos bancos de madeira da nave central. Talvez estivesse fazendo suas preces, agradecendo, pedindo algo simples ou, como Pedro, desejando coisas impossíveis. Cristal foi apreciar as esculturas e os retábulos. Fit ligou a 4K e passou a filmar cada detalhe daquela construção simples e cheia de boas energias.

Pedro se ajoelhou diante da imagem e retirou da mochila a pequena escultura da santa que havia trazido de casa. Colocou-a aos pés do altar e passou a rezar, mirando-a de olhos bem abertos. Em seguida, sentou-se no primeiro banco — os cotovelos foram para as coxas e as mãos para o rosto. O vento cantou porta adentro, as chamas das velas depositadas pelos fiéis no lado direito do altar dançaram. A dor na alma veio incontrolável, tal qual a enxurrada que demole uma represa. Mayla ficou a seu lado e o abraçou. Cristal ajoelhou-se, pousou as mãos sobre o joelho de Pedro e perguntou:

— O que foi?

— Nada. — A voz fraca tirava a credibilidade da palavra.

— Nada? Vamos lá... — Cristal bateu na perna dele. — De que é feita esta dor que está arrebetando seu peito e que, sinto muito, você não consegue esconder?

— Por que as coisas sempre foram tão difíceis? Tudo o que eu mais queria era enxergar esta igreja exatamente como vocês três estão enxergando.

— Sinto informar que cada um de nós quatro enxerga esta igreja de um jeito diferente, Pedro.

— E também cada uma das pessoas que já entrou aqui — Mayla acrescentou.

— Não estamos nos referindo a enxergar com os olhos, mas ao mais importante: enxergar com o coração. — Cristal apertou a mão de Pedro. — Se para mim são apenas obras de arte, se para o Fit é cinema, se para a Mayla é fé, para você pode ser a mais pura e aberta exaltação. Seria egoísmo do ser humano querer que sua visão fosse melhor que a dos outros. Ela é simplesmente diferente.

— Muito bonita a tese. Mas se desejar enxergar isto aqui de um jeito pleno for chamado de egoísmo, sim, eu sou o cara mais egoísta do mundo.

— Ok, seja esse egoísta. Deseje, é seu direito. Faça como acabou de fazer, exaltando seus ídolos na fé em que acredita. Você está buscando um milagre, é isso?

— Busco uma chance, apenas uma. Se o nome disso for milagre, é assim que vou chamar.

— Deus vê a verdade mas espera — Mayla segurou firme a mão de Pedro.

Ele acreditava naquilo, todavia não sabia se aguentaria esperar muito tempo para saber qual era a sua própria verdade.

Os quatro esperavam sentados na escadaria do lado de fora da igreja, conversando sobre os planos para o dia seguinte, quando dona Edith encostou a caminhonete. Um Ford F100 vermelho, ano 1955, reluzente, reformado desde a morte do avô e grande paixão dos dois velhos.

Fit abriu a boca e ficou paralisado. A velhinha desceu vestindo blusa xadrez, bota de couro e calça jeans. Brincos grandes de argola prateada. Gritou:

— Eita juventude bonita essa!

— Oi, vizinha. Que saudade!

Ela inspecionou o neto de cima a baixo, olhou-o nos olhos, virou-o de costas e deu um tapa na bunda dele. Tornou a virá-lo e os dois se abraçaram.

— Como você cresceu!

— Vó, eu sei que faz tempo, mas da última vez que a gente se viu eu era exatamente do mesmo tamanho.

— Vai ver fui eu que diminuí. — Ela soltou uma risada gostosa.

— Estes são meus amigos Fit, Mayla e Cristal.

— Se são amigos do meu neto, são meus netos também.

Dona Edith foi abraçar cada um deles. Deu um tapa também na bunda de Fit, que não perdeu a compostura e a imitou:

— Eita juventude bonita essa!

— Nossa, amei sua avó. Amor à primeira vista. — Cristal sussurrou no ouvido de Pedro.

— Pra você não achar que é privilégio só seu ter uma família maluca.

— Qual a idade dela?

— Deve ter uns 120, mas cabeça de trinta...

A fazenda ficava em uma baixada da serra, circundada por morros. A sede era uma bela casa de quatro quartos na parte mais alta das terras. Colunas grossas de madeira, muito vidro, telhas coloniais. Ao redor, o alpendre, com redes, cadeiras de balanço e lampiões acesos, parecia saído de um quadro. À frente, um gramado aberto em descida até o pé da fazenda batia no córrego das Araras. Destacava-se apenas o barracão de madeira, cercado por árvores nativas. À direita, o estábulo para os cavalos de raça, e do lado oposto, o enorme pasto cercado onde o gado era criado solto.

Até chegarem ao portão da fazenda, só dona Edith falou, num tom de voz orgulhoso, sobre os números da venda de leite e carne, o preço baixo da arroba do gado no mercado local e as maravilhas do último festival gastronômico e cultural da cidade. Contou como era animado o pessoal que trabalhava com ela.

— Sejam bem-vindos à Fazenda São João, 8,12 hectares de pura natureza.

— Isso é muito? — Fit quis saber.

— É um bocado de pura natureza. Olhem só a tranquilidade e o silêncio. A casa está sempre aberta e a chave da caminhonete na ignição. Para ajudar a minha memória, que às vezes dá uma rateada.

Dois quartos foram preparados, um para cada dupla. Antes de se deitar, Pedro foi até o alpendre. A avó ainda terminava uma xícara de chá. Ele se sentou na cadeira de balanço ao lado dela, encantado com o som da água do córrego que deslizava ao longe. Ela quebrou o silêncio:

— Como você está vendo a situação de seus pais?

— Procuero não fazer nenhum juízo. A senhora tem falado com ele?

— O Carlo me ligou ontem. Tenho dó dele, lá naquele restaurante. A Ariadne podia ter sido menos cruel.

— Eu sei, vó. Mas não quis me meter.

— Ele me disse que vai esperar o tempo que ela quiser.

— Vou torcer para que se acertem. A senhora falou que eu estava vindo para cá?

— Tive que falar. Ele e sua mãe estão preocupados com a mensagem que você deixou. Acham que você nunca mais vai voltar. Fiquei com pena...

— Tudo bem. — Pedro segurou a mão enrugada e macia da avó, que nem os anos na labuta diária da fazenda foram capazes de endurecer. — A senhora imagina o motivo da minha vinda inesperada?

— Alguma coisa além da saudade de sua velha avó? Isso já não seria suficiente?

— Eu... Isso, vó, é por saudade mesmo.

Pedro estranhou que ela não comentasse nada sobre a revelação, mas preferiu deixar para outra hora. Teria tempo. Deu um demorado abraço nela e foi deitar-se.

Cheiro de café, cantoria de galo, sol na janela. Pedro olhou para a cama ao lado e Fit parecia morto, boca aberta, ronco de motor lembrando o finado Diabo Loiro. De fato, a caminhada de dez quilômetros na noite anterior os havia derrubado. Por isso, tudo o que Pedro precisava era de um banho de mato e cachoeira, tal qual o desejo de Carlo quando soube que o filho aos doze anos começava a perder a visão. Com muito custo, Pedro conseguiu convencer o amigo da necessidade de se levantarem.

Torta de nozes, bolo molhado de cenoura coberto de chocolate, pão de queijo, presunto, ovos mexidos, pão feito na própria fazenda. Leite tirado da holandesa havia menos de meia hora. Seria impossível descrever a felicidade dos membros da equipe ao se sentarem à grande mesa de madeira da cozinha, cercados por tantos cheiros e sabores.

— Crianças, as duas coisas mais importantes na vida são comer bem e festejar. Acreditem nas palavras de alguém que passou por tudo na vida — dona Edith professou. — E por isso eu e os empregados da fazenda estamos preparando uma festança para hoje à noite lá no barracão. Pedi que convidassem o pessoal das fazendas vizinhas. Já mataram um novilho hoje cedo e a banda de forró é excelente, só músicos de primeira. Vamos comemorar a visita do meu neto e celebrar a vida dos meus novos netos.

— Posso ser seu neto de verdade? — Fit gritou, com a boca cheia de ovos mexidos.

As meninas adoraram a ideia e dona Edith também. Pedro encerrou o café:

— Bom, chega de conversa. O sol vai alto e as cachoeiras nos esperam.

— Fazem muito bem. — Dona Edith se levantou e passou a juntar os pratos. — Cachoeira não falta na redondeza. Mas voltem a

tempo da festa.

— Essa a gente não perde de jeito nenhum. — Mayla esfregou as mãos.

— Vocês precisam ver também o salto Corumbá, a maior cachoeira da região.

— Onde fica? — Fit quis saber.

— A uns trinta quilômetros daqui. Ela tem sessenta metros de altura, quarenta de largura. Lindíssima, e tem um mirante muito perto da queda. Vale a pena ver.

— Difícil chegar?

— Só pegar a estrada para Brasília.

Pedro ficou pensativo. Tinha pesquisado cada detalhe daquela cachoeira. Mas decretou:

— Iremos lá, mas não hoje...

Duas motos da fazenda foram cedidas aos aventureiros. Cristal ficou em uma, com Pedro na garupa. Fit e Mayla, na outra. Câmeras e comida na mochila de Pedro, que ainda trazia amarrado o cajado de bambu. Tomaram a estrada dos Pireneus e atravessaram dezessete quilômetros de um cenário entrecortado por morros, matas, asfalto e terra até chegarem ao destino.

A cachoeira do Abade, queda-d'água de 21 metros, circundada por paredões de pedra, despencava sobre um poço redondo logo após uma prainha de areia escura. Pássaros cruzavam o vão para pousar nos galhos das árvores opostas e retornavam num balé interminável de sons e cores. Morcegos dormiam pendurados nas reentrâncias escuras de pedra. A luz do sol descia perpendicular à fenda e trazia o brilho do céu azul para dentro da água verde-clara.

Ao largarem as motos, Fit e Mayla nem pensaram duas vezes e saíram correndo para o poço. Pedro fez menção de segui-los, mas Cristal o puxou pelo braço e pediu:

— Antes, eu queria mostrar uma coisa.

Tirou seu celular da mochila e o mostrou a Pedro. Ele tomou o aparelho nas mãos e viu a foto de uma flor.

— Bonita.

— O primeiro de seus três santos graais. Andei pesquisando desde o início da viagem. O nome é trevo-carmesim e tem aqui na região. Difícil de encontrar, mas se fosse fácil não seria um Santo Graal. Quer tentar?

Por alguns instantes seus olhos se cruzaram.

— Cris, eu queria te dizer que...

Pedro segurou a frase. Cristal arregalou os olhos e deu um sorriso quase imperceptível. Jamais ele teve tanta vontade de dizer as famosas três palavras. Teve medo, muito medo. Medo que recaía, na mesma medida, sobre a incerteza do que ela eventualmente poderia sentir por ele.

— Dizer que... Eu... Não tenho como agradecer por se preocupar assim comigo.

— Tem, sim. Prometa colocar um buquê de trevos-carmesim no lugar mais bonito de seu escritório-aquarela e me chamar para tomar um café bem forte numa noite perdida de um domingo qualquer.

— Prometo.

Ligaram as câmeras e abriram caminho por uma trilha na mata, registrando a paisagem e filmando os próprios passos. A cada nova flor parecida com o trevo-carmesim eles comparavam com a foto do celular. Subiram e desceram, olharam por trás das árvores, sob as pedras, nas sombras e nos campos abertos. Nada. Tentaram durante uma hora e meia até Pedro decretar, resignado:

— Não vamos achar, Cris. Melhor voltarmos à cachoeira, porque os dois devem estar preocupados.

— Mas eu sei que tem essa flor por aqui. A cor carmesim não é mais apenas um desejo seu.

— Só o fato de saber disso já é suficiente para eu dar a busca por alcançada. Não fosse a cor, jamais estaria aqui com você, no meio do nada, sob este céu, olhando para tantas outras cores lindas.

Retornaram em silêncio, mas ela não desgrudou os olhos do chão.

Quando próximos o suficiente para ouvirem o som da água da cachoeira se estatelando no poço, Cristal deu alguns passos fora da trilha e soltou um grito agudo.

— Aaahhh! Achei, achei, achei! — Ela voltou pulando, rebolando e cantando, braços levantados em uma dança esquisita. — Achei, achei, achei, achei, acheiiii!

Em uma das mãos, a câmera; na outra, um trevo-carmesim. Cristal começou a passá-lo no nariz de Pedro, em meio ao sorriso mais aberto e gostoso que ele jamais tinha visto no belo rosto dela. Abraçaram-se, ela se ajoelhou no chão para montar um buquê. Ainda ajoelhada, entregou-o a ele e disse:

— Agora só faltam duas cores...

O tempo pareceu descontinuar, como se houvesse sido criado um hiato em que nada além da mais pura e doce paz pudesse preenchê-lo. Pois a cada segundo Pedro se apaixonava mais por Cristal e, a partir daquele instante em que a viu ajoelhada, ele passou a não saber mais se continuaria sincero o desejo de, ao final da viagem, entrar naquela outra viagem, sozinho, à espera da escuridão.

— Você acaba de ser convidada para tomar um café bem forte numa noite perdida de um domingo qualquer — foi tudo e quase nada do que ele conseguiu dizer a ela.

— Será um prazer. — Cristal piscou.

— Agora só nos resta lavarmos a alma.

— Numa cachoeira?

— Siiiiim! — Pedro gritou e saiu correndo.

Cristal foi atrás, pedindo:

— Me espera!

Ele chegou ao espaço aberto do poço ainda correndo. A camisa e os tênis ficaram na areia, óculos, cajado e buquê também. Voou para a água. Fit e Mayla aproveitavam deitados na areia e avisaram juntos:

— Cuidado, a água tá um gelo e...

— Noooooosaaaa, que água gelada! — Pedro berrou ao subir à superfície.

— Me esquenta? — Cristal deu um salto e pulou, de roupa.

— Vamos todo mundo! — Fit puxou Mayla pela mão.

Eram os quatro gritando numa roda, rindo e jogando água para cima. Quatro amigos que as retas e curvas da estrada haviam

tornado ainda mais amigos. Quatro crianças, quatro loucos, duas duplas que vinham se fazendo inseparáveis.

Entre a água que descia da cachoeira e a água que subia pelas mãos dos quatro, Pedro e Cristal se aquietaram um em frente ao outro, separados por nada além de alguns centímetros. Pararam juntos de sorrir. Com o pouco menos de 50% de visão que lhe restava, Pedro mirou os olhos que por tanto tempo vinham embalando seus melhores sonhos. E, tal qual a cena de um romance em que o diretor controla a luz para conferir um efeito devastador nos corações da plateia, uma réstia de sol bateu no rosto dela. Seus verdes olhos então adquiriram uma coloração que ele jamais tinha visto. Ela abaixou o olhar, parecendo embaraçada. Ele tocou o queixo dela com o indicador e levantou-o para que o sol outra vez iluminasse seus olhos. Enfim, ele percebeu o que havia encontrado.

— Agora só falta uma cor.

— Qual?

— Azure, porque chartreuse esteve bem na minha frente o tempo todo e demorei demais a notar.

Cristal sorriu e fechou os olhos. Pedro segurou-a pela cintura. A distância entre eles já era nenhuma. E quando seus lábios finalmente se encontraram, o corpo inteiro de Pedro tremeu. A quantidade de amor que ele tinha por aquela menina acabava de jogar por terra sua mais poderosa convicção de não se envolver. Se havia a mais ínfima possibilidade de ele esquecer algum dia os olhos dela, a eternidade do beijo cumpriria a missão de memorá-lo.

— Aêêêêê! — Fit e Mayla aplaudiram.

Mayla emendou:

— Ei, pessoal! Fiquem aí, não se mexam. — Ela nadou até a areia e pegou o celular na mochila. Voltou correndo para a água. — Todo mundo sorrindo. Depois eu mando a foto para o e-mail de vocês. Equipe de cinema que nada unida em cachoeira, permanece unida para sempre.

Água caindo ao fundo, cada um fez a careta mais estranha possível. A *selfie* indicava, definitivamente, que aquela era mesmo a melhor equipe de filmagem do planeta.

Logo depois, os quatro já sentados em círculo na areia, Pedro disse:

— Sabe, eu não tenho como agradecer pelo que vocês estão fazendo. Cada um aqui sabe como tudo tem sido difícil para mim ultimamente. Ou talvez só tenham uma vaga ideia. Mas saibam que, independentemente do que vier a acontecer nesta viagem, eu nunca mais vou esquecer vocês.

Pegou seu cajado de bambu e o cortou nos quatro nós ao longo da extensão. Quatro pedaços de tamanho quase idêntico. Cada um pegou o seu e guardou. Ninguém falou nada, não precisava. Já haviam se conectado o suficiente para saber as intenções de Pedro com aquele gesto.

A lua cheia clareava o trajeto entre a sede da fazenda e o barracão. Os quatro amigos desceram caminhando e filmando pelo gramado. Cristal e Mayla, de vestido, roubaram duas flores do canteiro e prenderam nos cabelos. Pedro e Fit vestiam bermuda, camiseta e chinelos. Ao longe, a música anunciava que a festa prometia.

Dona Edith provou saber organizar uma noitada. Dificilmente uma equipe de produção experiente montaria aquele cenário. Do lado de fora, costelas no fogo de chão e linguças nas churrasqueiras de tijolos. Dentro, um ambiente preparado com cuidado. Uma série de lampiões pendurados no teto, uma mesa longa com sucos de fruta, cerveja e vinho de garrafão. Várias mesinhas de madeira cobertas por panos amarelos e decoradas com arranjos de flores colhidas na própria fazenda. Pratos de vidro, copos de metal, guardanapos brancos de pano. No palco improvisado, o Baiano da Sanfona animava a pista com uma dupla de triângulo e zabumba.

A dona da fazenda pediu a palavra e, no palco, fez um breve discurso apresentando os “netos” que tinham vindo de São Paulo aos muitos amigos presentes. Encerrou levantando o copo com vinho:

— Que continue o forró até o povo aguentar!

O pessoal aplaudiu. Fit puxou Mayla para dançar. Pedro e Cristal sentaram-se à mesa mais ao fundo para comer.

— E não é que os dois dançam direitinho? — Ela apontou os amigos.

— Verdade. Aliás, vou revelar um segredo: o Fit está amarrado na Mayla. Mas ele é o sujeito mais tímido do mundo. Será que, de repente, você não pode dar uma força lá com ela?

— Se ele está amarrado nela, fica tranquilo porque não vou precisar dar ajuda alguma... — Cristal piscou.

Pedro aplaudiu e riu, feliz pela revelação.
— Você está linda demais, sabia?
— São seus olhos.
— Essa frase nunca é muito verdadeira, em se tratando de mim.
— Pois mesmo que você não enxergasse nada, eu diria exatamente a mesma frase.

Comidas, bebidas, música, todos os detalhes contribuía para fazer daquela uma noite memorável. Os quatro repetiram a cena da cachoeira, abraçados em uma roda, ao som das músicas mais rasgadas da noite. Pela primeira vez na vida, Mayla tomou vinho e em pouco tempo estava mais entusiasmada do que todo o resto da festa junto. Embalada pela bebida, a equipe cantou, ao lado do trio de forró, diversas "maiores canções de amor de todos os tempos".

Às duas da manhã, mais da metade dos convidados já tinha ido embora. A banda fazia uma pausa antes da última entrada e a mesa ao fundo seguia animada, com dona Edith, os quatro "netos", o capataz e dois matutos da fazenda. Fit e Mayla davam gargalhadas bêbadas por qualquer coisa, desde assuntos técnicos de inseminação de porcos até o método de retirada de ovos entalados nas galinhas. Cristal e dona Edith trocavam ideias sobre bruxaria.

Pedro então pediu licença e foi falar com o sanfoneiro.

— Baiano, posso pedir uma música?

Na volta, Baiano acenou em direção à mesa, indicando que tocaria a canção pedida. Pedro agradeceu, virou-se para Cristal e perguntou:

— Você gostaria de aprender tango?

— Agora?

— Estou oferecendo meus serviços. De graça. Que tal?

— Não sei se eu consigo.

— O tango não é como a vida, não existem erros. É o que faz o tango ser tão poderoso.

Ela levantou uma sobrancelha.

— Você dança tango?

— Nunca dancei. Mas sempre quis ter a chance de fazer este diálogo.

— É diálogo de um filme?

— Sim. E se você me colocou dentro de um filme lá na P P P P P da sua família, quero retribuir aqui na festa da minha avó.

Cristal mordeu o lábio inferior e disse:

— Ok, menino. Surpreenda-me!

— Deixa comigo. Mas antes precisaremos de um acessório...

Ele pegou um guardanapo de pano, pediu licença e vendou os olhos dela. Ela sorriu e respondeu:

— O quesito “fascinante” acaba de atingir a impressionante marca de 70%.

Cristal deixou que Pedro a conduzisse até a pista vazia. Já no centro, a mão direita dele foi para as costas dela. A mão esquerda dela pousou no ombro direito dele. Esticaram os dois outros braços e deram-se as mãos. O tango “Por una cabeza”, de Gardel, entrou meio tango meio forró. No início, apenas o lamento da sanfona. Pedro e Cristal passaram a rodopiar sozinhos pela pista. No retorno da primeira parte da canção, o triângulo e a zabumba soaram e a dança dos dois, vaga lembrança do que seria um tango, ganhou aplausos dos presentes.

— Vaaaai, Al Pacino! — Fit gritou.

De repente, Pedro notou que os outros convidados passavam a ocupar a pista. E ele não pôde acreditar no que via: as mulheres da fazenda, nos braços de seus parceiros, também estavam vendadas com os guardanapos brancos de pano. Passos únicos, diferentes de tudo o que os deuses do tango jamais haviam presenciado. Como se ninguém ali se importasse com nada a não ser fazer daquele um momento inesquecível.

E aquela foi a primeira vez, em muitos anos, que os olhos de Pedro brilharam como se ele tivesse 100% de visão.

Pedro e Cristal saíram à francesa pela lateral, enquanto o sanfoneiro tocava os últimos lamentos de uma triste canção para os

casais tomados pelo álcool dançarem colados. Fit e Mayla faziam parte do grupo. O sol ainda não tinha dado o ar da graça.

— A Mayla não está bem — Cristal comentou.

— Nem você. — Pedro riu.

— Mas eu me garanto. Já ela... sei, não. É o primeiro porre, né?

— O Fit cuida dela, pode ficar tranquila. Ele é responsável, vai deixá-la sã e salva no quarto. Além do mais, eles não precisam pegar carro para ir embora.

— Ok. — Cristal esfregou as mãos e olhou fundo para Pedro. — Topa... Fazer uma loucura?

— De que tipo?

— Sim ou não?

— Ai, ai... Sim!

Ela entrelaçou o braço no dele e saiu correndo gramado acima.

— Vem comigo.

— Espera aí, eu não estou enxergando nada!

— Muito menos eu! — Ela gritou de volta.

O estábulo dos cavalos de raça tinha apenas uma luz acesa sobre a porta da frente. Um cadeado fechava a tranca e Cristal forçou para ver se conseguia um jeito de abrir.

— Não vamos conseguir tirar os cavalos daí de dentro — ela disse, resignada.

— Você tá louca? — Pedro sussurrou. — Minha avó vai ficar furiosa se descobrir que a gente veio aqui mexer nos cavalos dela.

— Mas não era uma loucura o que a gente ia fazer? — Ela sussurrou.

— Você queria andar a cavalo agora?

— Por que não? Se os cavalos estivessem dormindo a gente acordava. Eu nunca andei a cavalo no escuro.

— E eu nunca andei a cavalo.

— Jura? E você nunca tinha dirigido um carro também, mas encarou o desafio. E olha que o Diabo Loiro devia ter uns duzentos cavalos.

Contornaram o estábulo e uma janela por trás estava destrancada. Pularam para dentro, alguns cavalos relincharam. O chão coberto por uma fina camada de serragem e as divisões e

portas envelhecidas das baías deixavam no ar um cheiro suave de madeira.

— Nossa, é um cavalo mais bonito que o outro. Sua avó tem bom gosto. — Cristal arregalou os olhos.

— Veja aquele preto ali.

Caminharam até a baía do fundo, em frente a um grande monte de feno. Ela acariciou a crina do animal e leu em voz alta o que estava escrito acima, na plaqueta de madeira:

— “Furacão”. Se fosse possível tirarmos os bichos daqui, você escolheria o Furacão para cavalgar?

— Certeza. Lembrei-me do *Corcel Negro*, um filme bem bacana.

— Vamos dar um jeito de você montar nele. Vem aqui.

— De jeito nenhum! Ele vai me dar um coice.

— Que dar um coice o quê! Você não vive reclamando que as pessoas não têm chances? Pois esta é sua grande chance de montar num furacão que é quase o personagem de um filme. Você precisa de aventura, de muita aventura na vida, de ter coragem de fazer o inesperado, de ver e sentir tantas coisas boas que o mundo tem a oferecer no...

— Cris, eu estou ficando...

Ela continuou discursando sobre as aventuras que a vida oferece e muitas vezes as pessoas deixam escapar. Parecia não ter ouvido as palavras de Pedro, que, enfim, começava a revelar seu maior segredo. Ele a segurou pelos ombros. Ela parou de falar e ele recomeçou.

— Cristal, me escuta! — A voz saiu rouca, ele inspirou o ar. — Eu... estou... ficando...

As lágrimas começaram a descer, a boca tremeu e ele não conseguiu dizer a última palavra da frase.

— Está ficando o quê, Pedro?

O choro passou a incontável. Ele desabou no colo dela como uma criança.

— Não faz assim, lindo. — Cristal o embalava, passava as mãos nos cabelos dele. — Shhhh! Não chora, não chora. Por que está angustiado? Por favor, me ajuda a te ajudar.

Pedro levantou o rosto e começou a beijá-la. Ela retribuiu, apertando-o contra seu corpo. Pedro chorava e beijava a boca de Cristal com força e desejo e ternura e paixão e todos os sentimentos represados desde quando a vira pela primeira vez no Cultural. Deram alguns passos para trás e ela caiu por cima dele no monte de feno quente e macio. As mãos dele escorregaram para dentro dos cabelos de fogo dela. O cheiro de levedura que exalava do feno os envolveu, como a bebida alcoólica feita de um doce capim capaz de embriagá-los e suprimir de suas mentes qualquer pensamento racional. Ele passou a beijá-la no pescoço, na bochecha, na orelha, na boca, nos ombros. O gosto da pele branca e macia se confundia com o das muitas lágrimas que saltavam de seus olhos e mergulhavam ao longo de cada canto do corpo dela.

— Posso te levar, agora, à melhor aventura da sua vida? —
Cristal murmurou no ouvido dele.

— Só não me traz de volta, por favor — ele sussurrou.

— Você não vai querer voltar.

— E eu achava que você não era romântica...

— Não era, mas aprendi com o maior de todos.

Cristal assumiu o controle: puxou o peito de Pedro para si, ele se sentou, ela foi para seu colo e passou a desabotoar a camisa dele até tirá-la. Beijou-lhe a boca e o pescoço. De olhos fechados, acariciou as bochechas dele com o olho turco já molhado pelo suor. Em seguida, com a delicadeza das mãos de uma especialista em manejar obras de arte, tirou-lhe os óculos e os pôs sobre a camisa. Empurrou-o sobre o feno e fixou o olhar em seus olhos.

Tomado por um desejo insano, Pedro escorregou as mãos pela lateral da saia, levantou-a e segurou forte a calcinha.

Cristal gemeu, fechou os olhos e então entregou cegamente seu corpo ao dele...

Pedro foi acordado pela sinfonia de cavalos relinchando e pelo som de uma escova. Cristal não estava mais ali. Ele demorou alguns instantes até entender a situação. Parecia que o dia ainda nem havia começado, como se o sol prolongasse a dúvida entre acordar e manter o sono. Levantou as costas, vestiu a camisa e colocou os óculos. Sem relógio por perto, não fazia ideia da hora. Pelo silêncio, a fazenda inteira ainda deveria estar de ressaca da festa.

Ao sair da baia, ele apertou o olhar e notou, sob um fecho de luz que vinha da janela à frente, um grande desenho, provavelmente feito com as mãos, sobre a serragem no chão.



Sorriu, cerrou os olhos e reconstituiu na memória cada instante daquela madrugada. A felicidade o invadiu de uma forma indescritível. Por algum tempo ainda, curtiu a “loucura” protagonizada por ele e Cristal. Então disse a si mesmo:

— Bom, Pedro. Vai pra cama e depois pensa no que aconteceu.

Quando se levantou, ainda na escuridão, cruzou com o capataz da fazenda, que, na penumbra, passava a escova na crina de um cavalo branco.

— Boa tarde, seu Pedro.

— Boa tarde? Que horas são?

— Duas... — o capataz olhou no relógio de pulso — ...e 25.

— Duas? Duas da tarde?

— Sim, e pelo jeito que a chuva vem armando vai ser um dia...

Pedro parou de prestar atenção na conversa. Saiu arrastando os chinelos, foi Tateando e se apoiando nas baias. A porta do estábulo estava aberta, ele alcançou o gramado. Olhou para cima e tudo estava escuro; nuvens carregadas prenunciavam tempestade. Tirou os óculos, olhou para as mãos, para o céu. O medo invadiu seu corpo, sua alma. Tornou a olhar para o chão, para as nuvens, para a sede da fazenda. Então os joelhos fraquejaram, o coração disparou e, enfim, ele começou a compreender o que estava acontecendo.

— Não, pelo amor de Deus! Ainda não, ainda não!

Sentou-se no gramado, clamando por compreensão ao próprio corpo, no último suspiro para tentar reverter o que já não tinha volta. O milagre desejado por Pedro parecia cada vez mais improvável, porque as cores desapareciam para sempre de sua vida. A outrora aberração positiva da natureza dava nova prova de submissão aos desígnios e o transformava no que ele nunca quis ser: uma aberração negativa da natureza.

O azul, o amarelo, o vermelho e toda a infinidade de combinações decorrentes das três cores primárias se tornariam, a partir dali, tonalidades do cinza e branco que o acompanhariam na caminhada final, rumo à escuridão.

O capataz chegou correndo e perguntou, aflito:

— Está tudo bem, seu Pedro? O senhor precisa de ajuda?

Na medida do impossível, alguns segundos depois Pedro conseguiu se controlar. Respirou fundo, levantou-se e respondeu de modo duro:

— Ninguém pode me ajudar.

Cambaleou até o alpendre, onde dona Edith tricotava sentada em uma cadeira de balanço. A pele da avó era branca como jamais notara; a peça de lã que as grandes agulhas confeccionavam certamente não seriam cinza, como pareciam; cada móvel e cada planta tinha agora uma tonalidade entre o preto e o branco. Como se, de repente, uma cena multicolorida fosse aberta num software de edição de vídeo, dos tantos que ele havia manipulado, e apenas com um clique tivesse sido selecionada a opção P&B, fazendo com

que o filme de sua vida se transformasse em uma velha película da Vera Cruz, uma triste pantomima de Chaplin ou um clássico da Hollywood antiga.

— Finalmente acordou! — disse dona Edith, por cima das lentes na ponta do nariz. — Os três meninos foram tomar banho no rio e disseram para você ir pra lá depois. A mais novinha bebeu além da conta ontem, mas a água gelada do rio é um remédio milagroso. Deixei seu almoço em cima do fogão. O que achou da festa?

— Eu preciso saber agora o que a senhora tem pra me contar.

— Oi? Contar o quê?

— A senhora sabe muito bem, não precisa me esconder.

— Juro que não sei o que é, Pedro.

— Tem certeza? Não se lembra de que há treze anos, exatamente neste alpendre, a senhora me deu este olho turco aqui... — ele puxou o amuleto para fora da camisa — ...e me disse que tinha uma revelação importante a fazer? Não se lembra de me dizer que algum dia eu saberia a hora e viria perguntar?

— Meu Deus, você guardou o amuleto... — Dona Edith apertou os lábios. — Pedro, eu achei que você tinha esquecido que eu disse aquilo. Nossa, você era tão pequeno...

— Pois eu nunca esqueci! Eu quero saber e é agora.

— O que foi, querido? Aconteceu alguma coisa?

Pedro represou o choro, para não revelar à avó que estava mais encrencado do que nunca.

— Nada. Eu só quero saber. Eu sei que o que a senhora tem para revelar é algo que preciso muito ouvir. Não me pergunte o porquê, mas eu simplesmente sei. Na época eu era moleque e não dei importância. Mas agora quero saber, porque despenquei de São Paulo até aqui só pra isso.

Dona Edith puxou um banquinho ao lado e apontou.

— Senta.

Pedro sentou-se. Ela segurou um pouco as palavras, pousou sobre a mesinha as duas agulhas e a peça feita de lã.

— Eu falei aquilo em um momento de incerteza, achei que era meu direito revelar algo que me incomodava. — A voz de dona Edith se transformou quase em sussurro e seu olhar descaiu. — Mas

depois percebi que não era eu quem deveria dizer e deixei de lado. Achei que você jamais se lembraria das minhas palavras.

— Quem deveria dizer, então?

— Seus pais, Pedro.

— Que tipo de informações?

— As que dizem respeito à nossa essência e origem, a quem somos e de onde viemos.

— Não estou entendendo. Por favor, diga logo o que é.

— Eu... Vou contar, então. Mas saiba que é só porque você veio até aqui e está me pedindo. E não desejo nem por um segundo que haja medo, rancor ou raiva.

Pedro mirou os olhos da avó, e eles, assim como os seus, começaram a marejar. Ela prosseguiu:

— A verdade, meu querido, é que... eu e você... não somos sangue do mesmo sangue.

— O quê?

Os lábios de dona Edith passaram a tremer. E as palavras que se seguiram entraram como uma faca no peito do neto.

— Você também... Não tem o sangue de seus pais.

Pedro escondeu o rosto com as mãos, o coração disparou. E as frases saíram desordenadas:

— Mas eles... são primos e... eu tive o problema na visão justamente porque eles são primos e... Eles são primos, me diz que sou filho deles.

— Foi por isso mesmo, meu querido. Eles não quiseram ter filhos para não correr o risco.

Dona Edith tentou abraçá-lo, mas ele saiu de perto. Ficou em pé, em frente a elas, e o berro veio:

— O risco de terem um filho defeituoso?

— Não fala assim. Eles te amam exatamente como se você tivesse sido gerado no ventre da Ariadne.

— Era o destino? Que eles cuidassem de um filho defeituoso, mesmo sem ser gerado por ela?

— Deus tem suas razões, meu querido. O importante é que eles, os dois, lutaram pela oportunidade de cuidar de você.

— E por que esconderam de mim? — Pedro deu um soco no próprio peito.

— Eu acreditava que era seu direito saber o quanto antes, mas eles achavam que era cedo demais. Quando souberam do seu problema na visão, decidiram nunca mais contar.

— E por que a senhora não me contou de uma vez? A gente acabava logo com a farsa e eu poderia ter seguido meu calvário, sabendo que a vida é muito pior do que eu já achava.

— Porque não era meu direito. Por isso eu deixei em suas mãos. Depois achei que você nunca mais ia se lembrar do que eu tinha falado quando lhe dei o olho turco.

— Porra, eu não sou filho deles! — Ele colocou as duas mãos na cabeça.

— Claro que é! Não fala assim! — Dona Edith se levantou e apontou o dedo na cara dele, respirou fundo e continuou: — Pedro, a verdade é o único caminho, mesmo que ela seja dura. E se você foi adotado, era seu direito saber. Agora... Você tem de perguntar tudo pra eles. Tudo, entende? Porque há coisas que não me compete dizer. São seus pais, e eu já falei demais.

— Pois aqueles são dois covardes, isso sim! Deviam ter me contado. Não bastava eu ficar cego?

— Você não vai ficar cego, cala a boca!

Pela primeira vez na vida Pedro via dona Edith sair do controle. E o sangue também lhe subiu à cabeça, a respiração tornou-se ofegante. Num rompante, deixou sair a frase que ainda não tivera coragem de dizer a ninguém:

— EU... JÁ ESTOU... FICANDO... CEGO!

— Como?

— Isso mesmo que a senhora ouviu. Vou ficar cego muito rápido. E se ontem foi o melhor dia da minha vida, hoje é, de longe, o pior de todos. E eu não quero mais saber de porra nenhuma.

A avó foi sentando devagar na cadeira de balanço, olhando fixo para o neto. Então apontou em direção ao córrego e disse:

— Olha lá. Os meninos estão vindo. Espera que nós cinco podemos...

— Não vou esperar ninguém. Cansei de esperar as coisas.

Pedro saiu correndo, desviando do que conseguia enxergar e esbarrando no resto. Foi até o quarto e pegou a câmera subaquática. Dirigiu-se à caminhonete estacionada. Lembrava-se de que a chave vivia na ignição. Entrou, subiu os vidros, trancou as portas. E mesmo sem ter absolutamente qualquer habilidade ao volante, mesmo sem enxergar muita coisa e sem condições de avaliar possíveis consequências, girou a chave e o motor roncou. Engatou a primeira e a caminhonete deu um pulo, engasgou e morreu. Dona Edith chegou perto. Ele deu partida outra vez. Lembrou-se de Fit ensinando a soltar a embreagem e a acelerar em sincronia. O carro morreu outra vez, ele deu um soco no volante. Dona Edith gritava e batia no vidro. Ele tentou outra vez e, enfim, conseguiu colocar o carro em movimento. Acelerou e saiu feito um maluco em direção ao portão da fazenda, jogando poeira na avó e a tempo de ouvir a voz de Fit.

— Sai desse carro, Pedro! Para! Para!

Desde a partida, em São Paulo, Pedro sabia muito bem onde terminaria a sua viagem...

Logo, a caminhonete alcançou a estrada rumo a Brasília. Pedro colava-se ao volante, rosto quase encostado no vidro. Trovões começavam a espocar segundos após raios parecidos com galhos de árvore cruzarem o céu, caindo, certamente, não muito longe dali. O pavor atingia níveis alarmantes dentro do peito de Pedro, mas ele seguia acelerando como se o próprio medo fosse o combustível do veículo.

As trocas de marcha gritavam engasgadas, no limite de sua inabilidade como motorista principiante. Uma confusão de números e palavras da avó se misturava com outra profusão de lembranças numéricas do diagnóstico médico: “trinta quilômetros... saída para Brasília... 30%... sangue do meu sangue... mirante... menos de dois meses... sessenta metros de altura... adotado... quarenta metros de largura.” Até que uma grande placa anunciou: “Salto Corumbá — 4 km”.

De repente, olhou pelo retrovisor e viu que duas motos se aproximavam. O carro serpenteou, caiu no acostamento, mas ele conseguiu recolocá-lo na pista. Não conseguia precisar quem estava sobre as motos, mas só podiam ser três pessoas. Acelerou ainda mais e viu surgir o topo da enorme cachoeira. Pegou a entrada lateral, passou levantando poeira pelo portal de madeira onde um vigilante controlava o acesso ao parque. Espantado, o rapaz fez sinal, quase foi atropelado e gritou palavrões abafados pela chuva que começava a golpear o para-brisa.

A velha caminhonete derrapou pelo cascalho até chegar ao pé da escada de madeira que levava, pela lateral da queda-d’água, ao penhasco. Pedro desceu do carro com a câmera subaquática e a chuva passou a cair violenta, adicionando uivos e trovões ao som amedrontador do rugido da cachoeira. Começou a subir os degraus. Esbarrava nas pedras e nos galhos, incapaz de enxergar as

armadilhas cinzentas pelo caminho. Ligou a câmera e a lente captava a imagem do ponto de vista perfeito que ele próprio não tinha mais. Enquanto isso, os três amigos não paravam de gritar seu nome. Na metade dos degraus, parou, olhou para baixo e viu que eles também subiam a escada. Fit vinha bem mais rápido que as meninas e tinha a câmera 4K nas mãos.

Ao chegar ao mirante, a chuva torrencial bloqueava ainda mais a visão do abismo. Pedro sentia que era mínima a distância a separá-lo da queda-d'água. Pulou por uma lateral, largou os chinelos para trás e alcançou o ponto de uma abertura. Livrou-se da segurança do mato, seguiu alguns metros, parou à beira do ponto mais alto da cachoeira e olhou em direção ao horizonte. Ao céu do cerrado brasileiro, carregado de nuvens espessas e cinza que emolduravam um quadro assustador, cabia a honra de testemunhar de um ângulo privilegiado a cena que se avizinhava. Com as roupas encharcadas, braços abertos e a câmera subaquática na mão direita, ele assumia a um só tempo os papéis de diretor, cameraman e ator, para registrar a *selfie* que eternizaria os últimos instantes de seu mais ambicioso projeto.

Fit chegou logo depois e parou, posicionado em terra firme. Apontou a câmera para o amigo, mantendo o silêncio de um profissional no set.

— **SESSENTA METROS DE ALTURA, QUARENTA DE LARGURA!** — Pedro gritou junto com o estouro das águas que castigavam rochas e árvores. Gargalhou de forma aterradora em direção à lente de sua câmera e seguiu gritando: — Eu não tenho medo! Não sou como vocês, COVARDES! Todos vocês, os desgraçados, com suas vidas perfeitas, os que sempre debocharam, deram risadas e estão pouco se lixando se eu nunca mais na vida vou ver isto aqui. Os que se julgam no direito de mentir, de fingir, de esconder a verdade mais básica. Fiquem com seu mundo de mentira, bando de covardes! Vocês venceram, porra, mas não teriam coragem de vir aqui!

A água descia com fúria pelo paredão e se estatelava no poço, trazendo de volta o ronco ensurdecido daquele monstro da natureza, mandíbula escancarada para devorar o animal prestes a descer por sua garganta. A poucos metros, última fronteira entre

lucidez e irresponsabilidade absoluta, uma grande pedra enrugada e pontiaguda avançava em direção à queda. Pedro rastejou ao longo de sua extensão e, quase no limite, ficou de pé.

Cristal e Mayla chegaram correndo à beira da cachoeira. Um trovão espocou junto ao berro de Cristal:

— Volta, pelo amor de Deus!

— Pedro, não faz isso! — Mayla gritou em seguida.

— Fit, não para de filmar! — Pedro ordenou ao amigo. — Não para de filmar! Aconteça o que acontecer, não esqueça o nosso combinado.

— Pedro, não vai. Por favor! Pedroooo! — O grito saiu agudo, capaz de quebrar por dentro a própria Cristal. — Fit, você também está louco? Ajuda a gente!

Fit nem se mexeu. Parecia determinado a atender ao desejo do melhor amigo e captar aquele momento único, certamente hipnotizado pelo som, pela imagem cinematográfica, por um belo e perturbador enquadramento.

Pedro arrastou os pés pela pedra até os dedos ficarem no ar. Gritou, mais uma vez:

— COVARDES!!! — Arrancou do pescoço a corrente de ouro com o pingente do olho turco. Em seguida, tirou os óculos. Atirou os dois na cachoeira. Virou-se para Fit e jogou-lhe a pequena câmera. — Faça o que quiser com estas imagens.

Fit agarrou a câmera portátil, colocou-a no bolso e voltou a posicionar a câmera de alta definição na direção do amigo.

Então Pedro se virou mais uma vez para o penhasco e fechou os olhos.

— Não pula, eu te amo! — O grito de Cristal parecia distante, abafado pelo estrondo da cachoeira.

Magnetizado pela queda-d'água, Pedro não esboçou reação e se aproximou ainda mais do vazio. As pontas dos pés ficaram no ar. Os olhos continuavam fechados. Os braços esticados pela lateral do corpo formavam uma cruz.

— Pedroooooooooo, eu te amo! Não pula, por favor!

Cristal berrou tão agudo que as palavras foram, enfim, capazes de calar o barulho da cachoeira nos ouvidos de Pedro.

Ele baixou os braços, abriu os olhos. Cristal continuou:

— Quem está sendo covarde aqui é você! Se pular, vai ficar com esta marca para sempre. Não pula, por favor! Confia em mim.

Ainda de costas, olhando para o horizonte, ele respondeu:

— O que você disse?

— Você não pode acabar com tudo. Confia em mim.

— A coisa que disse antes... É verdade?

— Eu nunca falei tão sério. Eu te amo! Quer saber, de verdade verdadeira, o motivo de eu ter vindo nesta viagem? Porque desde aquela manhã no cineclube, quando você descreveu meu rosto no escuro, eu nunca mais deixei de pensar em você. Nem um dia sequer. Ninguém jamais chegou tão perto de revelar quem eu sou, por dentro e por fora.

Ele colocou as duas mãos na cabeça e retrucou:

— Você só diz isso porque não quer que eu pule.

— Porra, Pedro! Me escuta! Não é nada disso. Se pular e fugir da sua vida, vai se transformar num eterno covarde! Mas e a minha vida, a vida dos seus amigos? Do seu pai, da sua mãe? Você não enxerga?

— Não, porra, eu não enxergo! Ou você não percebeu ainda?

— Eu te amo, juro. Fica comigo. Por favor. Lembra do jogo da velha. Vem ser melhor do que a vida e a gente dá um jeito de ganhar dela. — Os berros ficaram ainda mais agudos. — Volta, Pedro! Pelo amor de Deus, não pula, volta. Confia em mim, confia nos seus amigos, confia na vida linda que você ainda tem pela frente. Confia nos sentimentos bons que todo mundo sabe que existem no seu coração.

Por alguns segundos ele hesitou. Então foi se virando lentamente, com muita dificuldade, e os dois ficaram frente a frente. Cristal deu alguns passos e chegou até o início da pedra. Os sons sumiram. A luminosidade, por entre as nuvens, fez brilhar seu vestido encharcado, marcando curvas e seios, cabelos molhados escorrendo pelos ombros. Cena de um filme em preto e branco, cinema mudo. Ela estendeu a mão.

— Eu confio — Pedro gritou e agarrou a mão de Cristal.

Quando deu o passo para voltar em segurança ao lado dela, seu pé pisou em falso e ele escorregou. Bateu com a boca na pedra, o canino provisório voou longe, o sangue surgiu. Caiu com metade do corpo sobre a pedra, a outra metade na água que o empurrava com força para arrastá-lo abismo abaixo. As mãos grudaram em uma reentrância. Cristal caiu para trás, fora da água.

— SEGURA, PEDRO! SEGURA, PEDRO! — Ela foi engatinhando desesperada em direção a ele, olhos arregalados de medo e berros parecendo guinchos.

As frases passaram a se confundir, em meio à profusão de vozes desesperadas de Pedro, Mayla, Fit e Cristal.

O berro saiu aterrorizador:

— NÃO ME DEIXA CAIR, POR FAVOR. EU NÃO QUERO MORRER!

Sua mão começou a deslizar da pedra. Ele tentava se agarrar, batendo os pés e empurrando o corpo para cima na direção oposta à água, insistente em tragá-lo para baixo de uma vez por todas.

— NÃO VAI, PEDRO, NÃO VAI... — Os gritos ofegantes e agudos de Cristal vinham como se para ajudar a puxá-lo para fora da água.

— EU NÃO VOU AGUENTAR... — ele gritou.

— OLHA PRA MIM, OLHA PRA MIM, OLHA PRA MIM. — Os olhos de Cristal fixaram-se nos dele.

E no instante em que acabou a força nos braços de Pedro, e ele despencaria por mais de sessenta metros, a água já cobrindo seu rosto, a mão de Cristal colou na dele e a prendeu. Ela puxou e berrou:

— SE VOCÊ CAIR, CAI TODA A EQUIPE!

Os três faziam uma corrente deitada. Fit segurava os pés de Cristal. Mayla segurava os pés de Fit. Os três sobre as pedras que levavam até a última, antes do abismo.

— VEM, PEDRO! — Cristal o tirou da água.

Os dois desabaram sobre a pedra pontiaguda e a fileira se completou em segurança. Pedro era sinônimo de dor. Nos braços extenuados, na boca, no coração, na alma. Ele virou o rosto e viu a câmara caída no chão, apontada para os quatro.

Quatro amigos inseparáveis que, pela primeira vez, choraram juntos.

IV

“Sorria, embora seu coração esteja doendo
Sorria, mesmo que ele esteja partido
Enquanto houver nuvens no céu Você sobreviverá...”

Charles Chaplin

A viagem foi interrompida antes do fim. Voltaram para São Paulo de ônibus. A mesma estrada que proporcionara momentos memoráveis na ida, agora se transformava, para Cristal, Fit e Mayla, em mero caminho de retorno à rotina. E para Pedro, num atalho para a realidade de uma vida repleta de incertezas. Dezoito horas de quase absoluto silêncio, mesmo durante as paradas em que desciam para comer. Tal qual num contrato, mas sem assinaturas e sem termos expressos em papéis timbrados, ninguém mencionou o episódio na cachoeira, ninguém perguntou por que ele tentara acabar com tudo. Não se questionou o destino de tantas imagens nas câmeras. Aliás, as palavras *cinema*, *filme* e *Cacau* sequer foram citadas.

O sono não chegou perto de Pedro nem por um segundo da viagem. Culpa de uma palavra: *adotado*. Em condições normais, ele não dependeria mais de Carlo e Ariadne, já era homem-feito. Mas agora ele não podia mais simplesmente fazer as malas e sair porta a fora, ainda que fosse essa a sua vontade.

Um pai nunca mente para o filho, conceito básico da vida. Por que motivo seus pais não foram sinceros? O que ele havia feito para merecer esse descaso para com sua origem? Cego, desdentado, adotado, enganado. O lastimável retrato de um coitado. Pelo menos ainda tinha Cristal... Protegido ali nos braços dela, sentia-se o pior dos homens, por não ter coragem de revelar o medo infinito que a degeneração, à velocidade da escuridão, cravara em seu peito. Medo capaz de tornar irreversível sua decisão: ao chegar a São Paulo, ele se afastaria.

Por mais que Cristal dissesse que o amava, a força desse amor não suportaria a notícia que ele precisava lhe dar. Não era justo impor a ela o fardo de conviver com alguém incapaz de realizar sozinho as tarefas mais básicas. Alguém que dependeria de ajuda

constante. Ela era nova, linda, tinha a vida inteira pela frente. Tinha também todas as maravilhosas obras de arte espalhadas pelo mundo, e de algumas ainda teria a oportunidade de desvendar mistérios.

Ela não o merecia. Não merecia um cego, desdentado, adotado, enganado. Não merecia um coitado.

Pedro foi o primeiro a descer do ônibus quando chegaram à rodoviária do Tietê, em São Paulo. Os óculos escondiam olhos quase mortos, à espera do suspiro final. Demorou a reconhecer os vultos de Carlo e Ariadne. Os dois o esperavam com sorrisos que transmitiam alívio.

— Filho! — Ariadne pediu um abraço.

A palavra “filho” soou estranha, ele recuou e retrucou com uma frase gélida:

— Vou com meus amigos.

— Pra que isso, filho? — Carlo repetiu a palavra e a sensação de repulsa foi a mesma.

— Já disse, vou com eles.

— Não tem problema, Pedro. — Cristal segurou a mão dele. — A gente vai de metrô. Pego a moto outro dia.

— Prefiro entregar a moto logo hoje. E, pela última vez, vou com vocês.

Cada um pegou sua bagagem. As câmeras foram transferidas para a maior das mochilas e entregues a Fit. Calados, Carlo e Ariadne acompanhavam a movimentação com o olhar.

— Deixa comigo. — Fit balançou a cabeça. — Vou passar tudo para um HD e entrego lá na sua casa, meu camarada. O Cacau de Ouro nos espera.

— Obrigado por tudo, Fit. — Ele deu um beijo no rosto do amigo e completou: — Eu te amo, cara. Se der algum problema por conta do equipamento da faculdade, ou caso seu tio queira te matar pelo Diabo Loiro, me fala que dou um jeito de comprar tudo de volta.

— Fica tranquilo. Eu me viro. E também te amo, meu amigo. Qualquer coisa é só gritar.

Carlo e Ariadne pareciam não entender o motivo da frieza de Pedro. Os três amigos também podiam até não entender, mas, como sempre, aceitavam sem discussão. E quando Carlo ameaçou dizer algo, Pedro soltou:

— Meninas, vamos?

Saíram em direção à estação do metrô.

Carlo e Ariadne não foram atrás.

Ao chegarem para pegar a moto na garagem, o carro de Carlo já estava estacionado. Pedro entrou e trouxe a *scooter* até a rua. Voltou à porta da casa, abraçou Mayla e agradeceu:

— Obrigado por ter me ajudado com sua criatividade e amizade.

— E eu agradeço pela melhor viagem da minha vida.

— Posso contar um segredo?

— Sempre.

— O Fit me disse que você é uma coisinha fofa.

— Coisinha fofa? — Mayla riu.

— Isso. Mas não o recrimine, porque, mesmo ele sendo louco daquele jeito, é o cara mais tímido do mundo.

— Pois eu acho o Fernando maravilhoso.

— Nossa, se está chamando o Fit pelo nome é porque o negócio é sério!

— Adoro as bobearas que ele fala. — Ela piscou, deu-lhe um beijo no rosto e se afastou para esperar Cristal perto da moto.

Pedro se virou e murmurou:

— Você salvou minha vida, Cris. Nunca vou esquecer.

— E como vão ficar as coisas daqui em diante? Digo... Entre a gente.

Ele foi direto e seco:

— Prefiro que a gente se afaste.

— Como? — Ela arregalou os enormes olhos chartreuse.

— Não tenho como explicar o tamanho da sua importância pra mim, mas pensei muito durante a volta. — A voz dele fraquejou. —

É melhor cada um seguir seu rumo.

— Mas o que mudou, Pedro? — Ela espalmou as mãos em direção a ele.

— Muita coisa mudou. São coisas minhas, problemas meus que preciso resolver.

— E eu não posso saber?

— Ninguém tem condição de me ajudar, infelizmente...

— Tem a ver com a revelação da sua avó?

— Tem a ver e não tem.

— Me conta, por favor. Posso tentar te ajudar.

— Não é nada que mereça ser comentado...

— Você... — ela o interrompeu, com a voz banhada em decepção — ...ia mesmo pular?

Pedro não respondeu. Apertou a boca e o olhar foi longe. Cristal riu de forma sarcástica e continuou:

— Quando você me disse, um dia, que cada pessoa deve ser instrumento de alguma missão, achei que falava a sério. Mas se alguém fala isso com tanta vontade e logo desiste, perco completamente a fé que já quase não tenho. Por isso não acredito em quase nada do que o ser humano fala.

— Não adianta. Você nunca vai entender.

— E tudo o que aconteceu entre a gente? — Cristal segurou a mão dele. — Vai ser concluído com um simples “cada um segue seu rumo”?

— É melhor assim. — Pedro retribuiu apertando a mão dela, sem saber se a largava ou se a prendia para nunca mais soltar.

— Pois se você não sente isso... — ela falou retendo o choro. — Eu acho que há muito mais entre nós do que um mero “foi bom, valeu, até mais”.

— Tanta coisa eu queria que fosse diferente, Cris, você não faz ideia.

Cristal fixou o olhar em Pedro. Puxou a mão, balançou a cabeça.

— Uma parte de mim quer acreditar em você, quer muito acreditar que existe alguma coisa acima das suas forças. Essa parte pode até ficar triste, e sei que vai. Mas outra parte não acredita, vai

ter pena de você e achar que tudo não passou de uma aventura de um menino querendo fazer a merda de um filme.

— Não é nada disso, não é. Eu... Não é nada disso, Cristal.

— Quer saber? Parabéns por conseguir mudar completamente aquela nossa relação. Você é 100% estranho. Zero fascinante. — As palavras vieram frias e ela saiu correndo e chorando em direção à *scooter*.

Pedro queria se desfazer e correr atrás dela em pedaços, mas assistiu impassível à partida. Os cacos de si mesmo, então, foram atirados ao chão. Ele se transformou em um amontoado de sentimentos, além dos seis que buscara na viagem. Sentou-se na varanda da frente, abraçou as pernas e ali ficou, como o espectador de um filme em tempo real que passasse na grande tela, à sua frente. Tela da vida que escurecia a cada minuto.

Algum tempo depois, ele entrou em casa e passou reto, rumo à escada. Carlo e Ariadne estavam sentados no sofá da sala.

— O que está acontecendo, filho? — O pai se apressou em perguntar, antes de Pedro pisar no primeiro degrau.

Ele se deteve. Manteve-se imóvel, o coração saltou pela boca. Retornou, sentou-se na cadeira diante de ambos e perguntou:

— De quanto tempo vocês ainda precisavam para esconder de mim que fui adotado?

Ariadne suspirou, colocou a mão na boca e olhou para Carlo, que ajeitou os cabelos e fechou os olhos. O silêncio imperou até ela responder, chorando:

— Você é nosso filho, e nada nem ninguém vai tirar você de nós.

— Não foi isso o que eu perguntei!

— Filho, eu...

— Não me chama de filho, Carlo. Vocês dois acham justo fazer isso comigo? Não confiaram em mim, foram covardes.

— Você é nosso filho, sim, e trate de me chamar de pai.

— Um pai que sonega uma informação tão... irrelevante? — Ele fez a pergunta com um sorrisinho de escárnio. — Não acho que mereça ser tratado como pai.

— Pois pouco importa para mim e para sua mãe se você não tem nosso sangue, isso não tem a menor importância.

— Vocês não quiseram arriscar ter um filho, foi isso? Pra não correrem o risco de ter uma criança cheia de problemas? Ironia do destino, né? Tentaram fugir do problema e cá estou eu, cheio de problemas...

— Cala a sua boca, Pedro! — Ariadne chorava e apontava para ele. — Nós desejamos um filho, sim, e você foi a melhor coisa que aconteceu na nossa vida.

— Bonito isso! E uma coisa tão bonita tinha de ser fundada na mentira? Vocês tiveram medo de eu buscar minha família de verdade? De eu descobrir quem me gerou e não teve condições de me criar? Acharam que eu ia deixar de gostar de vocês? Pois fizeram do jeito mais errado, porque agora eu odeio...

— SUA FAMÍLIA DE VERDADE SOMOS NÓS, PEDRO! — O grito de Ariadne saiu histérico.

— Pois nas minhas veias corre sangue de gente humilde. — Pedro bateu com a palma da mão no antebraço.

— Isso mesmo! Gente que quase matou você. Gente que mora naquele lugar em que você quase morreu. Naquele mesmo! Naquela merda de lugar onde não existe respeito e as pessoas tratam os outros como lixo!

— Mas é a realidade do mundo, Ariadne. E vocês dois não sabem disso porque ficam presos às suas vidinhas perfeitas de classe alta. Pra sua informação, naquele lugar existe respeito, sim. — Pedro cuspiu palavras cheio de raiva. — Pessoas do bem, em muitos casos mil vezes melhores do que as que vivem por aqui. E a crueldade que existe lá não tem nada a ver com a índole das pessoas.

Ele ficou em silêncio alguns segundos, sob o olhar espantado de Carlo e Ariadne. E continuou:

— Pois já que estamos fazendo revelações bombásticas, eu... eu...

— Você o quê, Pedro?

— Eu estou ficando cego, porra! Muito cego, completamente cego!

— Como assim?

— Aquela porrada que eu tomei no meio da cara. O doutor Renato me deu dois meses de visão, nada mais. Pois saibam que está cada vez pior. Cada dia eu acordo e vejo menos. Nem cores eu enxergo mais. Vocês não fazem ideia do que é olhar para esta casa e todas as merdas das coisas serem da mesma cor cinza. E saber que não vou ter mais chance de ver um monte de coisas na vida, nem entender direito como vão ser outras que nem foram inventadas

ainda. E ter a certeza de que, se algum dia eu tiver um filho, não vou ver a cara dele.

O choro descia compulsivo pela face de Pedro, as lágrimas pingando do queixo, até que ele explodiu:

— Eu nunca tive qualquer chance, já nasci com o jogo perdido!
Carlo e Ariadne também choravam.

— Diz que é mentira, filho! — Ariadne ajoelhou-se aos pés de Pedro.

E a resposta veio baixa:

— Ao contrário de vocês, eu não minto.

Carlo tocou o ombro dele e também abaixou a voz:

— Filho, se der uma chance para nós dois, podemos te ajudar a superar qualquer dificuldade. E... — Suspirou. — Pra ser assim, acho que não pode haver mais mentiras entre nós. Vamos recomeçar do zero. Tem outra coisa que você precisa saber.

— O quê?

— Você teve, sim, uma chance. Uma única chance. E foi essa chance que nos colocou frente a frente.

— Que chance?

O pai se levantou e caminhou em direção à escada.

— Carlo, não! Não é hora ainda — Ariadne gritou e puxou o braço dele.

— Cala a boca, Ariadne! Se agora não é a hora, quando vai ser? Chega de mentira!

Ela tentou se colocar à frente de Carlo e segurá-lo, mas ele se desvencilhou e subiu.

— Não, por favor! — Ariadne encostou-se à parede no pé da escada e foi se agachando devagar, desolada, com as mãos no rosto.

Pedro assistiu à cena sem se abalar. Um minuto depois, Carlo desceu trazendo a lata com o desenho do navio. Entregou-a a Pedro.

— O código é 1-2-6, o dia em que você nasceu para nós.

Pedro retrucou:

— Eu nasci no dia 12 de setembro.

— Dia 12 de setembro foi o dia em que a gente registrou você. Eu te achei no dia 12 de junho.

— Achou?

O pai apenas balançou a cabeça em sinal de afirmação.

Pedro digitou o código e abriu a lata. E o que passou a ler, com o pouco que lhe restava de visão, gerou um vendaval de sentimentos confusos, devastando seu passado, seu presente e seu futuro. O conteúdo: uma série de reportagens em jornal envelhecido, com data de 25 anos atrás, sobre o caso do menino que havia sido encontrado dentro de um saco de lixo em um ponto de ônibus. E, no meio das reportagens, vinha o nome do casal que lutou para ficar com a criança: Carlo e Ariadne Diniz.

— Eu era advogado recém-formado e, como você, gostava de trabalhar na periferia. Pegava casos pequenos, de gente humilde, com problemas trabalhistas simples de resolver. Eu também queria ajudar a melhorar e mudar o mundo, filho. — Carlo desandou a despejar as palavras. — Era Dia dos Namorados e eu tinha combinado comer pizza com sua mãe. Mas saí tarde do escritório e ainda não tinha comprado o presente. Estava chovendo e peguei um caminho diferente para o shopping, queria desviar do trânsito.

Pedro ouvia e as lágrimas tocavam as folhas dos jornais. Ariadne também chorava, com as mãos sobre o rosto. O pai prosseguiu em um só fôlego:

— Daí, eu parei num sinal, não tinha nenhum outro carro. Olhei para o ponto de ônibus e vi um saco preto, e ele estava se mexendo. Fingi que não era comigo. O sinal abriu e comecei a acelerar, mas algo foi mais poderoso do que a força que fechava meus olhos para o que parecia ser e implorou para eu ir até lá. Encostei o carro... — A voz de Carlo ficou embargada com o choro. — E era você, filho. Você era tão lindo, e era uma coisa tão pequenininha. E eu entendi como um presente de Deus pra gente, porque já tínhamos decidido não ter filhos. O saco estava aberto, você estava envolvido em um cobertor pequeno e só dava pra ver seu rosto, com os olhinhos arregalados. Mas se você tivesse ficado mais um tempo lá, teria morrido de frio, filho. E eu não pensei nem meia vez. Coloquei você no carro e corri o mais rápido possível para o hospital.

O choro de Carlo praticamente o impedia de pronunciar as palavras, mas ele continuou:

— Você estava tão fraquinho! Eu gritava para você resistir ali, deitadinho no banco de trás. E na mesma hora eu o chamei de Pedro, porque eu queria você forte como uma rocha, como uma pedra. Não queria que morresse. E sua mãe também o amou perdidamente desde a primeira vez que o viu pelo vidro do hospital. Rezamos muitos dias, pedíamos que você resistisse. E o tempo que passou na UTI foram os piores que já tivemos. Mas você atendeu aos nossos apelos e saiu de lá pra ser mesmo o grande presente da nossa vida.

Pedro não conseguia pensar em nada. Tentava, mas não era capaz de articular qualquer frase. Não compreendia ainda o significado daquilo tudo. Levantou-se e saiu correndo para a rua. Precisava de ar, precisava digerir tanta informação, precisava pensar no que acabara de ouvir e ver. A palavra girou, como se presa em uma roda-gigante com velocidade máxima: *lixo, lixo, lixo...*

Seguiu até o ponto de ônibus mais próximo e tomou o primeiro carro que já encostava, sem se preocupar com o destino. Sentou-se num banco do fundo, pela janela olhou a cidade cinza, sem foco e sem vida. Imagens e falas se completavam em sua mente: ele não se parecia fisicamente nem com a mãe nem com o pai; o fato de se sentir particularmente realizado no lugar em que Ariadne dizia não ter nada a ver com ele agora ganhava outro sentido; o “segundo renascimento”, que seu pai deixara escapar aquele dia no restaurante. Lembrou-se também das cenas do filme sobre infanticídio indígena que vira há dias — crianças descartadas ao nascer, abandonadas, esquecidas. Crueldade, necessidade. Sociedades tão diferentes, mas que se igualavam na forma de resolver o destino de seus filhos. Umas por tradição, outras por desespero. Mas com o mesmo resultado: a morte.

Um bar de uma esquina qualquer foi o destino escolhido. Podia ser um quiosque, uma carrocinha de pipoca, uma banca de vendedor de balas. Tanto fazia. Desceu, sentou-se numa cadeira alta do balcão e pediu a bebida mais forte. Virou em um gole, pediu outra dose. Apoiou, entre os braços, a cabeça no vidro engordurado do expositor.

Lixo.

E não voltou para casa. Tomou outro ônibus em direção à periferia. Passou a noite vagando pelas ruas. Sentiu o mesmo frio que certamente cortou seus braços de recém-nascido. Pensou, pensou, teve ódio de tudo. Dormiu em um banco de praça, encolhido entre as pernas. Não comeu.

Quando o sol surgiu, acordou com as roupas sujas pela fuligem da cidade. Decidiu tomar outro ônibus, agora de volta. E, ao olhar pela janela ainda um pouco embaçada pelo frio, mirou um ponto que, provavelmente, não era diferente daquele onde seu pai havia lhe oferecido a oportunidade de ter uma vida.

E, sem conseguir se conter, Pedro foi tomado por uma profusão de lembranças ao lado dos pais: aniversários, viagens, natais, jantares, cafés da manhã. Momentos memoráveis vividos durante os 25 anos em que lhe foi concedido o direito de enxergar: a noite em que ele e Carlo brigaram com os clientes no restaurante; a mãe e o pai sujos de tinta colorida, cobrindo para ele as paredes do escritório-aquarela; a entrevista feita no tapete vermelho do festival da escola; os três sentados, assistindo a desenhos, tomando sorvete e estourando bolinhas de plástico bolha; ele no colo do pai, ajudando a manobrar o carro na garagem; os vídeos dos primeiros passos e o semblante incontido de felicidade dos pais.

Então, como se o peito puxasse de suas entranhas uma artilharia pesada de pensamentos positivos para bater de frente com os negativos, ele sentiu renascer uma brava resistência dentro do coração. Uma luta interna, gigantes num ringue representando dois sentimentos antagônicos: bem ou mal, ficar ou fugir, sorrir ou chorar, amar ou odiar, viver ou morrer. Coração ou mente. Foi quando Pedro começou a perceber a extensão do que os pais haviam feito por ele. E o ódio que vinha nutrindo pelos dois transformou-se, ali, no amor mais profundo que jamais havia sentido. A chance pela qual tanto ansiara nos últimos tempos, ele não soubera, havia sido oferecida muito antes, na forma de um presente feito dele próprio, embrulhado em um saco de lixo e entregue aos braços das duas pessoas que o criaram com o sentimento mais absoluto e incondicional da vida: o amor infinito de um pai e de uma mãe.

O lixo que se transforma em flor, em choro, em cor, em vida.

A chance — ali construída só por palavras boas.

Ao entrar em casa, Carlo e Ariadne estavam na cozinha, parecendo perdidos em seus medos. Ele se ajoelhou e os abraçou com força quase suficiente para fundir os três corpos num só. E ninguém falou nada. Não precisavam.

No dia seguinte, Pedro se levantou antes do sol e saiu em silêncio. Desceu até o escritório, correu a mão pela prateleira de filmes, escolheu vinte títulos e os colocou na mochila. Tomou um ônibus em direção à periferia e desceu na esquina próxima à VIP. Precisava sentir o cheiro do lugar que pertencia a ele, da mesma forma que ele pertencia à alma do lugar. Caminhou pelas ruas em marcha lenta e olhar atento como jamais havia feito.

Em cada esquina, parou e olhou ao redor. Casas simples, lojas pequenas, pessoas humildes. Tomou café com leite e comeu pão na chapa em uma pequena padaria. Em seguida, voltou até a esquina da VIP e sentou-se num banco, na rua oposta. Ali ficou até o horário de abertura da loja. Sabia que aquela seria a última vez que veria sua fachada. A vidraça, os cartazes, o néon àquela hora ainda apagado, o endereço na placa de metal: rua São Marcos, 1.335.

Quando a loja foi aberta, Pedro entrou e passeou por entre as prateleiras. Corria a mão sobre lombadas de filmes, latas de batata, sacos de pipoca e de M&M's. Acariciava-os como tesouros, seus outrora pequenos e imóveis companheiros coloridos de trabalho. Agora, todos em escala de cinza, mas, ainda assim, tesouros. O pôster do filme sobre Deus continuava na mesma parede, fazendo-o lembrar seus tempos de semeador e reviver o dia em que tudo mudara para sempre.

— Não acredito! — Haroldo surgiu com um grito de trás de uma prateleira e abraçou Pedro.

Pedro sorriu e balbuciou:

— O bom filho à casa torna.

— Está sem dente de novo? — Haroldo arregalou os olhos. — Outra briga?

— Escorreguei, nada importante...

— Ei, agora sou o gerente-geral! — Haroldo sorriu. — E saiba que não deixei sua vaga ser preenchida, viu?

— Ah, não dá mais para mim, Haroldo. Vim só fazer uma visita e pagar minha dívida.

— Deve o quê?

— Os 35 reais da cópia do *Sociedade dos poetas mortos*.

Haroldo apertou os lábios.

— Precisa não, meu amigo.

— Faço questão. Perdi a aposta, não? — Ele abriu a caixa e colocou o dinheiro dentro.

— Nunca mais virá plantar suas sementes?

Pedro olhou ao redor, não queria esquecer como era a VIP.

— Nem toda semente que a gente planta dá árvore ou flor. A maioria morre, poucas vingam. Você foi uma das que vingaram e me orgulho disso.

— *Um sonho possível*, lembra?

— Lembro, claro. A pipoca com manteiga mais bem gasta por mim.

— E no fim das contas ganhei um emprego...

— Talvez eu tenha aprendido muito mais do que ensinado qualquer coisa por aqui. Talvez os clientes mais humildes tenham plantado as verdadeiras sementes em mim, e sou grato por tudo o que vivi dentro destas quatro paredes e no meio destas prateleiras. Ao contrário do personagem do meu filme *Incrível!*, as pessoas aqui acabaram mudando minha vida.

— Promete voltar?

— Prometo, mas só para alugar algum filme. Não deixe o Francisco acabar com a prateleira de clássicos.

— É a minha promessa.

Pedro abriu a mochila e retirou um a um os filmes trazidos de casa. Colocou-os sobre o balcão.

— O que é isso?

— Sei que o Francisco nunca mais vai comprar filmes clássicos. Quero fazer uma doação.

Haroldo leu alguns títulos:

— *Amélie Poulain*, *Intocáveis*, *A vida é bela...*

- Se eu puder pedir uma última coisa, crie um cantinho ali para estes filmes.
 - Cinema Felicidade?
 - E não deixe de indicar aos clientes mais humildes.
 - É minha promessa também.
-

Pedro passou no dentista, arrumou outro canino provisório e finalmente encomendou um definitivo. De lá, seguiu para o parque Ibirapuera. Comprou um pastel e almoçou sozinho sob o cajueiro de Cristal, tentando não aceitar que seu único desejo era vê-la aparecer de repente para contemplar sua árvore preferida. Desejo, para sua infelicidade, não realizado.

Antes de voltar para casa, entrou em uma loja de materiais de construção, comprou uma lata de tinta branca e um rolo de lã de carneiro. Ao chegar, foi direto ao escritório. Ligou o computador, procurou um e-mail recebido naquela manhã e imprimiu a foto anexa. Quando estava prestes a fechar a caixa de mensagens, notou um e-mail que havia entrado também naquela manhã. O remetente: Nina. O título: "Saudade." Por um segundo pensou em ler, mas já não fazia o menor sentido. Deletou e esvaziou a lixeira.

Abriu a lata de tinta e começou a cobrir em movimentos automáticos a parede que trazia a palavra CHANCE, com seus significados escondidos. Não precisava mais deles. A estrada havia lhe ensinado mais do que necessitava aprender sobre as seis tristes palavras.

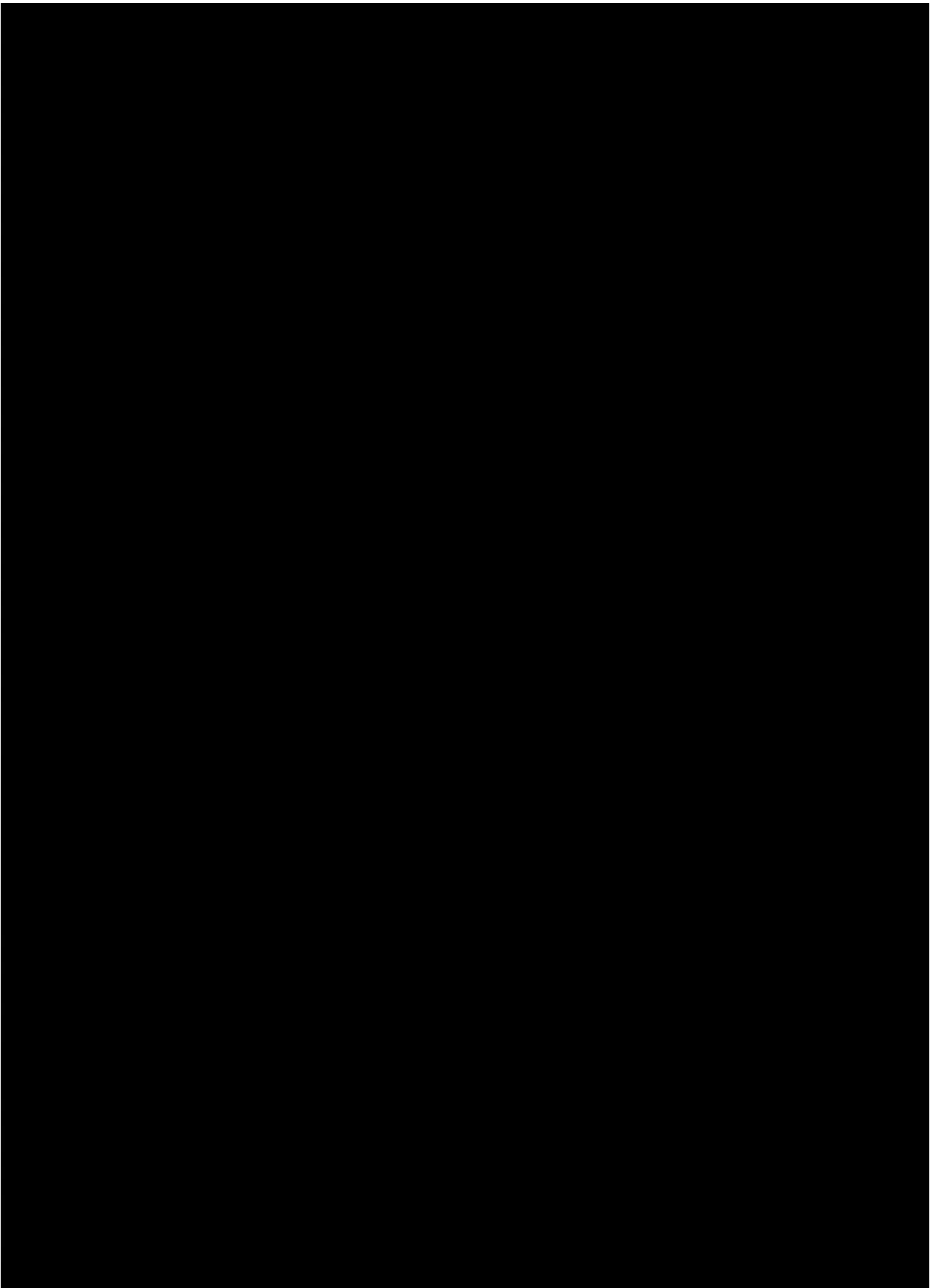
No fim da tarde, com a tinta já seca, pegou a fotografia impressa mais cedo e prendeu-a com fita crepe exatamente no centro da parede. A imagem em preto e branco da melhor equipe de cinema do mundo, fazendo caretas com uma cachoeira ao fundo.

No cinema tudo é possível, e o improvável, como os milagres que as pessoas passam a vida pedindo e quase nunca alcançam, depende apenas das decisões tomadas pelo roteirista. Mas a vida das pessoas reais não é cinema, e tampouco teria de ser diferente com a vida de alguém que dedicou cada um de seus melhores momentos a transformá-la em um belo filme.

Em duas semanas, o grande roteirista da existência humana decretou: o milagre definitivamente não viria.

Pedro, enfim, tornou-se "aquele ceguinho coitado".

E só restou o isolamento...



V

“Se tudo é imperfeito neste mundo imperfeito, então
o amor é perfeito em sua imperfeição.”

Ingmar Bergman

Carlo e Ariadne, ainda separados, fecharam-se em torno do filho para tentar minimizar a dor. Ariadne parecia ter expiado todas as culpas e todos os medos, após a revelação do segredo que guardara por tantos anos no coração — e numa pequena lata. Atenciosa, preocupada, era a mulher que havia muito não habitava aquela casa. Carlo tomou o filho pelos braços e os dois embarcaram em uma viagem pelo mundo dos cheiros e sabores na cozinha do Carlo's. Em diversas noites o restaurante não abriu ao público e recebeu apenas um cliente vip. Carlo trocou os quadros dos mestres do jazz e do blues, na parede da entrada, por grandes fotos de três cantores: Stevie Wonder, Diane Schuur e Ray Charles. A trilha sonora do início da nova jornada: saber que é possível, mesmo tendo a mais obscura das limitações, fazer alguma diferença no mundo.

Os dias de Pedro, entretanto, continuavam difíceis. Tudo se transformara em receitas que a mente moldava e descartava a cada segundo, feitas dos mesmos cinco ingredientes: tato, olfato, som, paladar e imaginação. Grilos seriam para sempre os mesmos grilos. Pássaros, os mesmos pássaros, e caminhões, nunca iguais aos dos Transformers. Ao seu banco de memórias cinematográficas nunca mais seriam adicionadas imagens. Havia estagnado nos mesmos cenários, olhares, nas mesmas cenas de romance e de ação registradas na mente, que ele faria de tudo para não esquecer.

Sem sair de casa, decidiu reassistir a todos os filmes de sua cinemateca particular. Recomeçou pelo favorito, lição de persistência e fé na superação das adversidades. Reconstruiu, interiormente, cada detalhe da trama e a fuga final, inesperada. Conforme diálogos e trilhas sonoras entravam por seus ouvidos, ele recriava ambientes, redesenhava maquiagens, figurinos, cortes e sequências. Todos os verbos de sua vida passavam a ser escritos com o prefixo *re*. Novo

começo, novo entendimento, nova forma de compreender o cinema, em que ele aprendeu a se emocionar, rir ou ficar tenso exatamente como se tivesse olhos normais.

Passados alguns dias, Fit telefonou e combinou uma visita. Ariadne o recebeu à porta e o levou ao escritório. Pedro revia *Cidade de Deus* e segurava sua pequena parte do bambu dividido com os amigos na viagem. Usava óculos escuros que, agora, cumpriam apenas a função de esconder das outras pessoas seus olhos inertes.

— Fala, meu camarada!

Pedro virou o rosto em direção ao som da voz. Fingiu que enxergava.

— Grande Fit! Quanto tempo...

Fit sentou-se a seu lado, no sofá, e os dois se abraçaram.

— O bambu... Foi bom demais aquele dia, não? — Fit comentou.

— Perfeito! Olha a foto ali na parede.

— Demais! Toma, trouxe o HD. — Colocou-o nas mãos de Pedro. — Demorou, mas consegui decupar tudo. Temos mais de trinta horas de imagens somadas de todas as câmeras. Quando vamos começar a montar o filme? Não temos muito tempo.

— Decidi não fazer. — A voz de Pedro foi suave.

— Sério?

— Seríssimo!

— Não faz isso! Temos material de qualidade aqui.

— Eu sei, mas para mim não faz mais o menor sentido buscar aquele Cacau. Ainda me lembro de quando eu desejava ganhar a estatueta só para esfregá-la na cara de todos os que duvidavam da minha capacidade. — Ele sorriu. — Mas percebi que esse meu desejo pelo prêmio não faz sentido. Não preciso dele para saber que minha missão no cinema foi cumprida. E muito bem cumprida.

— E vai jogar fora tudo o que aprendeu?

— O cinema, agora, não me pertence mais como realizador. E eu não pertenço mais ao cinema por trás das câmeras. Vou ser apenas um mero espectador.

— Por quê, cara?

— Porque... — Pedro tirou os óculos. — Seria impossível filmar sem enxergar. Eu estou cego, meu amigo. Por mais que tenha escondido de vocês todo o problema, e acho que até consegui durante a viagem, não dá mais.

E o silêncio que se seguiu só foi quebrado, um longo tempo depois, pela voz serena de Fit:

— Não fique bravo comigo, mas também não preciso mais esconder que sempre soube disso.

— Ähn?

— Naquele dia em que vim a este escritório e você estava caído bem aqui no sofá, bêbado, eu li na parede as seis palavras formando CHANCE, vi as fotos no chão e o envelope do hospital. Foi como conectar duas coisas simples, fazer uma soma primária. Porre, mais palavras estranhas, mais fotos, mais papel queimado de hospital, tudo isso é igual a problema. Você pode não saber, mas se tem uma pessoa no mundo que te conhece como ninguém essa pessoa sou eu. Você é a maior, melhor e talvez a única pessoa que posso chamar de amigo. E sabe bem que sempre dou um jeito de conseguir as coisas. Bastou uma ida ao hospital e um pouco de poder de convencimento.

— Ah, doutor Renato!

— Menos de dois meses... Não podíamos perder tempo.

— A Cristal também sabia?

— Não. Nem ela nem a Mayla. Conversei com as duas sobre você, sobre achá-lo triste, sobre a cena que presenciei bem aqui. Mas não revelei o que descobri. E precisávamos de uma equipe, né? Elas sabiam que faríamos um filme e toparam na hora, só porque era você e porque expliquei que seria uma experiência única. Duas aulinhas básicas de operação de câmera, meia dúzia de conceitos sobre iluminação e o milagre foi feito.

Pedro bateu a mão em direção a Fit e bateu na perna dele.

— Cara, não tenho nem palavras para agradecer.

— Era o mínimo que eu podia fazer, e não fiz só por você. Fiz por mim, pelo cinema, pela arte, pela vontade de servir a um grande cineasta e de realizar um projeto diferente.

— Também fiz por mim e pela arte. Por isso não precisamos nos preocupar em mostrar a ninguém.

— Não acho, sinceramente, que deva parar com o cinema, Pedro. Desculpa aí, mas há muitas formas de você ainda se realizar na coisa que mais gosta na vida.

— Fit, não tem como dirigir assim, você sabe. Na verdade, já era difícil quando eu tinha a compreensão total das coisas, das luzes, dos cenários. Cara... É duro dizer, mas eu tenho um medo inimaginável de me frustrar. Prefiro considerar que já deu, que foi bom, valeu. Vou ter de enxergar o... Ou melhor, vou ter de entender o lado positivo da coisa: era pra eu ter ficado cego aos vinte, fiquei aos 25. Obrigado pelos cinco anos de bônus, Deus!

— Você é quem sabe...

— Quero pedir uma coisa. Não deixe a Cristal saber que fiquei cego.

— Eu jamais contaria. Essa é uma tarefa sua.

— Eu não vou contar.

— E acha que ela vai simplesmente se contentar com seu sumiço? Duvido. A menina dos cabelos de fogo é fogo! Ela sabe onde você mora.

— Não é justo com ela.

— E é justo com você? Não vai dar uma chance ao seu sentimento mais honesto? Para quem diz que a vida é feita de chances, você está me saindo um fiasco.

— Não quero que ela passe por nenhuma dificuldade ao meu lado.

— Desculpe, meu camarada, mas acho que só a ela cabe decidir.

— Vocês têm se falado?

— Nunca mais. A Cristal largou o emprego no Cultural. Pelo que a Mayla me falou, ela está só estudando e, se não me engano, conseguiu uma bolsa e vai fazer um curso daquele negócio de explodir obras de arte.

— Legal — Pedro disse, sem qualquer entusiasmo.

— Só que... Eu não quero fazer fofoca, mas o curso é na Itália. Dois meses.

— Itália?

— Aquele pedaço de terra que parece uma bota.

Por um instante o coração de Pedro tentou se despedaçar, mas ele fez força no peito para que as partes permanecessem unidas e comentou, sem demonstrar convicção:

— Ainda assim, prefiro continuar longe.

— Quanta bobagem, meu Deus! Mas... Enfim, é você quem resolve. Só quero confirmar: não vai mesmo montar o filme?

— Não.

— E o Cacau de Ouro? Desistiu pra sempre?

Pedro apertou os lábios e confirmou com a cabeça.

— Ok, já vou embora. E tô levando de volta o HD. — Fit bateu as mãos nas pernas de Pedro. — Topa um desafio na saída?

— Manda. — Pedro esfregou as mãos.

— Valendo uma rodada de chope no Cultural?

— Valendo.

— Oh, oh, oh! Sim, sim, eu lhe digo — Fit imitou a voz de um velhinho e ele próprio deu risada.

Pedro devolveu a risada pela sutileza da piada:

— Acho que esse vai virar meu próprio bordão...

— Raios, raios, raios duplos! — disse Fit, acrescentando: — A próxima rodada é por minha conta, então.

Abraçaram-se e Fit foi embora. Pedro tateou para pegar o bambu e não o achou. Deixou para lá. Devia se acostumar a não encontrar mais as coisas. De repente, escutou de volta os passos de Fit dentro do escritório.

— Ah, queria te contar... O velho Fit, aqui, está namorando.

— A coisinha fofa?

— A menina mais criativa da região.

Pedro sorriu, realmente feliz pelo maior, melhor e talvez único sujeito que ele podia chamar verdadeiramente de amigo.

O mundo de Pedro desabou tão logo Fit saiu. Perguntas voavam em sua mente. O que seria mais duro? Apostar na tese de se afastar e deixar Cristal livre para seguir seu caminho até a Itália, correndo o

risco de ela conhecer alguém e esquecê-lo para sempre? Ou jogar para o alto toda e qualquer convicção e acreditar nas palavras de seu melhor amigo? “Você não vai dar uma chance ao seu sentimento mais honesto?” E ao sentimento mais honesto de Cristal? Ela já havia dito duas vezes que o amava, e ele não se dignara nem sequer uma vez a fazer igual, mesmo sabendo que o sentimento por ela era constituído pelo mais sincero amor. Mais uma vez, Fit soprou em seu ouvido: “Acho que só a ela cabe decidir.”

Demorou a se convencer. Titubeou. Apertou o celular contra o peito. Esperou para ver se a vontade passava, mas a cada segundo ela dobrava de intensidade. Então decidiu que precisava revelar que a amava, antes que fosse tarde demais. Pegou o telefone e, em alto e bom som, falou o nome dela. O discador automático fez o trabalho de conectá-lo.

O coração disparou quando ele escutou aquela doce voz pronunciar seu nome.

— Pedro?

— Cris... Eu... Vou cumprir a promessa que fiz. Coloquei o buquê de trevos-carmesim no lugar mais bonito do meu escritório-aquela e, como é domingo, estou te convidando para um café bem forte hoje à noite.

— Por que está fazendo isso? Você sabe que não é justo, porque eu...

— Por favor. Vem?

Ariadne foi para a casa da mãe, atendendo ao pedido do filho de deixá-lo sozinho à noite. Por mais que ele insinuasse que ela deveria aceitar o pedido de Carlo para um jantar, ela não deu o braço a torcer. “Não é hora ainda, filho. Preciso pensar.” A palavra “ainda”, no meio da frase, trouxe um triz de esperança a Pedro, que lhe devolveu como resposta um leve sorriso.

No início da noite, ao som da campainha, Pedro percorreu o caminho entre seu quarto e a porta da sala tateando os móveis. Ajeitou as costas, parou e respirou fundo. Decidira não esconder mais nada de Cristal, então pendurou os óculos escuros na camisa e

abriu a porta. O silêncio se fez e ela não disse nada. Ele não a via, mas sentia sua presença pelo cheiro do perfume.

— Você está linda, como sempre.

O som de um choro agudo e baixinho invadiu seus ouvidos. Ele esticou os braços no vazio, na esperança de que ela pegasse suas mãos. Sentiu que ela se aproximava e o abraço que deram durou a eternidade. Naquele instante, Pedro percebeu que, enfim, Cristal tinha entendido tudo. Suas mãos entraram nos cabelos macios de lembrança vermelha, sua boca procurou a dela. Encontrou-a e descobriu, ali, que jamais havia sentido de forma tão ardente o toque de um beijo, os detalhes de uma boca, cada pequena ruga dos lábios. Um beijo novo, intenso, rico em sensações.

— Por que não me contou? Por quê? — ela perguntava entre os movimentos da boca, sabor salgado de lágrimas feitas do tempero de beijo e perguntas.

Pedro sentia leves socos em seus ombros. E não conseguia responder, queria apenas beijá-la por um tempo infinito. Cristal levou os lábios até os olhos de Pedro e os beijou com a suavidade de um carinho inesperado. Pedro abraçou-a e sussurrou em seus ouvidos:

— Eu amo que você esteja aqui agora.

— Eu também, eu também. — Soluços surgiam entre as palavras. — Você acha justo ter escondido de todo mundo? Você não era uma aberração? Com você tudo não era diferente dos outros? Por quê, Pedro?

— Eu não sei, linda. Não sabia o que fazer quando o médico me deu pouco tempo. Não consegui, não consigo ainda ter esperança de viver uma vida bacana e plena. O cinema corria firme nas minhas veias, era tudo e só o que eu sabia fazer. O cinema para o cego é como a sinfonia para o surdo. Fiquei alucinado, perdido, sem chão.

— A esperança é uma coisa boa, Pedro, talvez a melhor delas. E as coisas realmente boas jamais morrem.

— Eu sei, estou me agarrando ao fio que ainda me resta dela. E não quero que você sofra por mim.

— Mas eu sofro muito mais por saber que você está longe, garoto! E, para mim, pouco importa você não enxergar com os olhos, porque o importante é enxergar com isso aqui, ó.

Pedro sentiu a mão dela pressionando seu peito. Ele colocou a sua por cima e conduziu Cristal até o sofá. Sentaram-se. Ela continuou:

— Eu suspeitei do que estava acontecendo quando você colocou a imagem da santa Luzia aos pés do altar, na igreja de Pirenópolis.

— A protetora dos olhos...

— Esqueceu que eu sei um pouquinho sobre obras de arte?

— Cientistas sabem de tudo... — Pedro brincou.

— Mas não sei a coisa mais importante.

— E qual é?

Silêncio... E a pergunta saiu quase inaudível:

— O que você sente por mim?

A resposta também demorou a sair, mas foi tudo e quase nada do que ele quis dizer a ela:

— Você é... A variável que mudou tudo, que me fez voar, que me segurou à beira do abismo e ainda assim me jogou lá com o desejo de que o chão nunca mais chegasse. É os 100% que faltam da minha visão, a mulher mais linda que eu já conheci.

Por mais alguns instantes, o silêncio. Ele aguardou as palavras dela. E escutou-a dizer chorando:

— E esse é o motivo para fugir de mim?

— Eu não tenho muito a oferecer.

— Não? Você simplesmente me ofereceu uma visão, e não estou fazendo um trocadilho aqui. Me fez ver a doçura da vida. Eu nunca tinha chegado perto de ser a filha linda, preciosa e frágil da qual todo mundo teria vontade de cuidar.

— Não vai ser fácil daqui pra frente, Cris. Eu sei que vou ter momentos de alegria. Ao mesmo tempo, outros de muita tristeza. Minha vida vai ser de faltas, só de faltas.

— Falta de quê?

— Falta de luz, das imagens bacanas, de noção, de perceber as coisas em volta. Falta de vontade de viver, talvez...

— Só vai faltar se você deixar. Ou pode ser uma vida de sobras, e eu posso te ajudar a ser assim. Sobra de amor, de paz, de momentos inesquecíveis como os que a gente viveu na estrada.

— Tenho medo de algum dia você não me querer mais e então ficar comigo só por pena, Cris. Não faço ideia de como vai ser, mas não deve ser nada fácil cuidar de um cego.

— Ao contrário do que você pensa, Pedro, eu não preciso cuidar de ninguém. Mas sei que você seria a melhor pessoa pra cuidar de mim. A seu lado me sinto a mulher mais protegida e amada do planeta. Vem, sem medo do que pode acontecer. Eu posso ser o círculo e você o xis. Juntos, podemos impedir que o resultado do jogo dê sempre velha.

Pedro passou as mãos na cabeça, suspirou e disse:

— Vai me deixar te surpreender?

— Mesmo que eu não deixasse, sei que é o que você faria...

Nesse instante ele se afastou e murmurou:

— Eu... Quero fazer isso do jeito mais tradicional possível.

Levantou-se, tateou pelos móveis até o escritório e voltou com o buquê de trevos-carmesim na mão. Sentou-se de novo e entregou a ela.

— Quer namorar comigo?

Após jantarem, ainda à mesa Pedro perguntou:

— E a Itália, Cris?

— A Itália? — Ela ficou um tempo em silêncio. — Hum, deixe-me ver se consigo explicar: a primeira vez que tive o prazer de te encontrar foi durante a projeção de *Gênio indomável* lá no cineclube, lembra? Mas eu não consegui assistir ao filme inteiro.

— Você aparecia e sumia...

— Só que outro dia assisti. E num diálogo o terapeuta diz algo como: "Se eu perguntar a você sobre arte, vai me dizer tudo sobre o tema. Sobre Michelangelo. Mas..."

— "... mas não pode falar sobre o cheiro da Capela Sistina. Nunca estive lá nem nunca olhou aquele teto lindo" — Pedro completou.

— Tenho absoluta certeza de que se você for comigo à Itália e eu descrever aquele teto, vai saber exatamente como ele é, mesmo

sem ver com os olhos. Porque você é a pessoa que enxerga mais longe que já conheci.

— Está me fazendo um convite?

— Uma intimação.

— Não posso recusar, pelo visto.

— Só se quiser ficar longe de mim por dois meses.

— Se me prometer descrever cada praça e cada obra de arte nos mínimos detalhes...

— Essa é a minha especialidade, mas saiba que posso ser muito chata quando faço isso.

Pedro sorriu.

— Não corro o risco de cansar. Você é a melhor pessoa do mundo, e se agora só me restaram quatro sentidos é neles que vou me apoiar para te ver: amo escutar sua voz, sou louco pelo seu cheiro, adoro o gosto do seu corpo e ando fascinado pelo toque dos seus lábios nos meus.

Ele sentiu Cristal se aproximar e os lábios dela tocaram sua orelha. O sussurro veio suave:

— O índice "fascinante" acaba de atingir 99%.

— E onde está o 1% que falta?

— Isso você vai ter de me mostrar.

— *Very perfetto...* — Pedro sussurrou.

— *Molto perfect...*

E o corpo dela pousou sobre o dele.

No dia seguinte, o telefone de Pedro soou e o comando de voz do celular anunciou um número que ele desconhecia. Tateou o criado-mudo e o atendeu.

— Dom Pedro!

— Dona Rebeca?

— Quer seu trabalho de volta?

— Ahn?

— Responda antes que eu me arrependa e resolva manter aquela boate no subsolo mesmo.

— O que houve?

— A gerente me convenceu a retomar o cineclube. Ô menina insistente! Mas a verdade é que estou cansada de ver um bando de desordeiros e bêbados dançando aquelas músicas horrorosas. Se meu bar se chama Cultural, só pode ter samba, rock e cinema. Música eletrônica, desculpem-me vocês, jovens, é um saco.

— Não sei se consigo mais.

— Vamos deixar de frescura, homem! — ela gritou. — Não era você que vivia dizendo que o cinema, a música boa e a literatura são um plano da Santíssima Trindade para salvar sei lá o quê?

— Eu achava que a senhora acreditava só no poder do dinheiro.

— Ainda acredito, mas não quero passar pra história como mercenária. Quero ir pro céu. Ofereço os fins de tarde aos sábados, horário nobre. Topa?

— Eu... — Pedro emendou antes de se arrepender: — Tudo bem.

— Ótimo. Daqui a três sábados é a primeira sessão. Preciso de tempo para reorganizar lá embaixo.

Dona Rebeca voltava a ser a boa e velha dona Rebeca, pois ainda acrescentou:

— Convide os amigos e veja se programa algo decente. Mando a mala-direta. Vamos encher aquela espelunca.

— Deixa comigo.

E Pedro soltou um sorriso aberto, que agora retornava definitivamente ao seu rosto.

Dezembro — Três sábados depois — Meio da tarde
Dia da reabertura do último cineclube da cidade, o lendário
SubCultural

Alguém bateu na porta aberta do quarto de Pedro.

— Pode entrar — ele disse. — Pelo perfume, já sei quem é: a menina dos olhos chartreuse.

Cristal gargalhou.

— Eu nunca vou me acostumar com esse nome.

Pedro sentiu o abraço dela por trás.

— Estou ansiosa.

— Ah, é só mais uma sessão de cinema.

— Assisti à morte do último cineclube da cidade. Nada mais compreensível que também fique ansiosa para assistir à ressurreição dele.

— Tudo obra do Mágico de Oz, o deus dos cinemas.

— Bendito seja o Mágico!

— Tenho uma novidade. — Pedro esfregou as mãos. — Cumprimente o novo professor temporário de História do Cinema da Escola de Comunicação e Artes. O professor atual se aposenta daqui a três meses e eu começo logo em seguida. Quando vier o concurso, ninguém vai me superar.

— Que demais! — Cristal aplaudiu.

— Talvez seja esta uma das vantagens de ter algum tipo de problema. Todo mundo fica com pena e quer ajudar.

— Pena? Se te contrataram, tenha certeza de que não foi à toa. Você é muito bom no que faz. Conseguiu até me fazer acreditar em coisas quase impossíveis de serem provadas. E lembre-se de que físicos nucleares só se contentam com provas irrefutáveis.

— No que você passou a acreditar?

— Entre outras coisas, que existe no planeta pelo menos uma pessoa 100% fascinante, do tipo que consegue alterar um “provavelmente” para um “certamente”, apenas com seu jeito simples e gostoso de ser...

— Você é 120% linda, sabia?

— Sou? Hum, e como eu consegui ter 20% a mais do máximo possível?

— Essa é a parte inexplicável da coisa. A que passa a ser, agora, meu Santo Graal...

Cristal ajudou Pedro a pegar na estante do escritório o DVD do filme escolhido para a retomada: *A felicidade não se compra*.

— Cinema Felicidade? — quis saber Cristal.

— O filme mais feliz de todos os tempos.

— A propósito, posso tirar duas dúvidas que vêm me perseguindo há um tempão?

— Claro.

— Qual é seu filme favorito? Aquele que você levaria para uma ilha deserta.

Pedro pensou, coçou a cabeça.

— Ah, não vou entregar assim, de mão beijada. Preciso deixar algumas coisas pra você desvendar, senão logo enjoa de mim. Essa você vai ter que descobrir nas minhas entrelinhas.

— Topo o desafio. E a outra pergunta, que eu não vou me contentar em não saber a resposta agora: qual é, de uma vez por todas, a maior canção de amor de todos os tempos?

Pedro demorou a responder. Baixou o rosto e murmurou:

— A minha maior canção de todos os tempos é o som da sua voz e o silêncio da sua respiração, menina. Toda vez que eu puder sentir sua presença, ou todas as vezes que estiver longe e puder me lembrar de você lá na cachoeira dizendo “confia em mim”, nada vai me deixar triste.

— Você é lindo demais, sabia? — Pedro sentiu a mão dela acariciar seus cabelos. — Ah, lembra que um dia eu prometi achar um nome pra você que só eu poderia usar?

— Lembro.

— Pois já achei. E a partir de agora vou te chamar de “meu amor”.

Pedro então sentiu seu peito se transformar numa folha de papel e o dedo de Cristal num lápis. Em silêncio, ela fez o desenho de um coração nele e escreveu “EU... TE... AMO”.

Ele a abraçou e seu rosto pousou entre o ombro e o pescoço dela.

— Eu também te amo, menina do cabelo de fogo.

Pedro colocou a mochila nas costas e disse:

— Vamos que está na hora de sair e minha mãe já deve estar pronta pra nos levar.

— Sua mãe? Quem falou que sua mãe vai levar a gente?

— Mas eu combinei com ela que...

— Olha só. Um dia, um rapaz convencido, de óculos amarelos, me disse que a vida é feita de um monte de momentos esquecíveis, alternados por pouquíssimos inesquecíveis. Pois eu quero te proporcionar agora um inesquecível.

— Hum. E qual será?

— Segura aqui.

Um objeto foi para as mãos de Pedro.

— Um capacete?

— Você vai na minha garupa, menino. Basta me abraçar direitinho, sentir o balanço e o vento, porque o resto é comigo. A moto é de brinquedo, mas prometo que chegaremos vivos.

Ele sorriu e não pensou nem por um segundo em rejeitar a proposta.

Pedro entrou no Cultural guiado pelas mãos de Cristal. Faltavam dez minutos para o início da sessão. Pela primeira vez sentia nervosismo com uma apresentação. Não fazia ideia de como o público reagiria quando percebesse que ele não estava vendo o filme. Por via das dúvidas, manteve os óculos escuros.

— Nossa, diretor, que saudade!

Pedro reconheceu a voz de Mayla.

— Opa, se não é a gerente! — Ele sorriu, rosto virado para o alto. — Minha amiga, obrigado por ter convencido sua tia a reabrir o SubCultural.

— Vamos dar um jeito de encher sempre e aí ela não fecha nunca mais.

— Vou fazer o possível, prometo.

Ao descer as escadas, o cheiro inesquecível do carpete passou a preenchê-lo de paz. Estava de volta ao lugar onde se sentia pleno e útil, onde podia fazer o que de melhor sabia. O silêncio, porém, típico dos dias em que ninguém aparecia, também se fez presente. E talvez Pedro não tenha conseguido esconder de Cristal a ponta de decepção pela falta de público, mas forçou sinceramente um semblante tranquilo e foi tateando a parede até a frente da sala.

— Vamos preparar o filme, porque já está quase na hora. — Ele tentou demonstrar otimismo. — Não quero atrasar a projeção. Certeza de que alguém vai aparecer.

— Eu não sou alguém? — Cristal deu risada.

— Você equivale a um cinema lotado, mas a dona Rebeca vai reclamar a semana toda.

— A gente inventa alguma desculpa. Hoje é dia de celebrar e, mesmo que eu sozinha já represente um cinema lotado, vamos assistir a um filme e quero ouvir suas importantes considerações sobre ele.

— Você definitivamente entendeu a essência do cinema! — Ele procurou o zíper da mochila, abriu-a, retirou o DVD e o entregou a Cristal. — Pega aqui e já coloca no aparelho.

Após alguns segundos, ela disse:

— Pronto. Agora é só esperar dar a hora.

Os dois se sentaram em poltronas da primeira fileira e Cristal segurou a mão dele.

— Ansioso?

— Um pouco decepcionado. O filme é muito bom.

— Não tenho dúvidas disso. Mas é hora de começar. São seis em ponto.

— Bom, como não tem outro jeito, liga lá. Falo alguma coisa antes de começar?

— Considerando que somos apenas nós dois, pode falar só no fim.

Pedro ouviu os sons de Cristal indo até a frente, ligando o aparelho e voltando para perto dele. Ela segurou sua mão e apertou-a. Ele sorriu.

O som de uma canção foi subindo pelos alto-falantes. Mas Pedro não reconheceu a entrada de *A felicidade não se compra*. Estranhou a música dançante que preenchia o cineclube: "Only the strong survive". Ele se virou para o lado e sussurrou para Cristal.

— Mas o que...

— Shhhh. O filme já começou. E é supercolorido...

A voz de Cristal surgiu nos alto-falantes: "Aqui começa o maior filme de todos os tempos sobre as chances que o mundo coloca na vida das pessoas. Que as lições sejam aprendidas e voltemos milhões de vezes melhores do que partimos. Apenas os fortes sobrevivem, porque, mesmo a estrada sendo longa, já dizia o velho poeta: Quem tem um porquê, enfrenta qualquer como."

Ronco grave de um motor embolado, borracha de pneu rolando pelo asfalto de uma estrada. A voz de Fit, pausada e trabalhada com um leve *delay*, saltou pelas caixas de som e tomou conta do subsolo: "CHANCE: uma palavra... Seis letras... Um milhão de significados em suas entranhas. Crueldade, Humilhação, Angústia, Negação, Covardia, Egoísmo? Algumas vezes sim, consequências

duras e injustas que fazem parte da condição humana. Mas para quem acredita no amor, tem fé no ser humano e sabe que para existir um sentimento negativo deve, necessariamente, haver um sentimento positivo em contraposição, a transformação sempre ocorrerá.”

Nesse momento, uma trilha sonora triunfante de cordas e sopros ergueu-se. A voz de Fit prosseguiu: “A magia da transformação pelo cinema... Seis momentos, uma história, uma palavra, seis letras, mas... Por que não outros seis significados? Por que não a chance ser feita de...”

Cada palavra passou a vir acompanhada do timbre marcado das notas de um piano. “...Caridade... Humildade... Aventura... Novidade... Confiança... e Exaltação?”

Então Pedro começou a entender o que estava acontecendo. Segurou com muita força a mão de Cristal. “I still haven’t found what I’m looking for” soou e a voz de Carlo ocupou a cena: “Quando a Crueldade se converte em Caridade... De dentro da cruel realidade da vida muitas vezes brota o sentimento mais puro do ser humano: a caridade por aqueles a quem não são oferecidas as grandes e melhores chances.”

O pequeno Jonas, as mexericas, o sol escaldante, a estrada. Os diálogos de Pedro com o menino, a indignação pelo descaso do pai. O próprio Pedro no meio da estrada, fazendo o trabalho do garoto. A recusa em receber o chapéu. O som do cavalo chegando, a ameaça de processo. A revolta dentro do carro.

Pedro não podia acreditar no que ouvia e assistia com a mente. Cada ângulo que ele não via ali, mas sentia com exatidão. A fotografia, cada narração em *off*. Todo som captado para inserir na pós-produção. Os figurinos de que se lembrava com precisão.

Cristal pediu licença e disse que já voltava com algo fundamental. Pedro restou sozinho na sala — apenas ele e seu filme. Nesse instante, a voz de Ariadne veio por cima da introdução de piano e gaita de “Thunder road”: “O instante em que a Humilhação sucumbe à Humildade. Quando alguém se coloca melhor do que outro pelo que tem de material, está posta a condição para a humilhação se tornar a dona das ações. E apenas a humildade de

reconhecer que ninguém é melhor do que ninguém pode ser capaz de tornar os homens verdadeiramente nobres.”

O velho Damião, o Mercedes-Benz, o moleque, a gasolina na calça. Socos, pontapés, gritos, Pedro louco, Pedro ajoelhado e limpando os pés do velho, Pedro doando suas roupas e dando a Damião o mais importante: atenção.

Ele enxergava em minúcias o estilo da montagem feita pelo maior montador que conhecia.

Em seguida, entraram em sequência o assobio do vento, o piar de um pássaro, o canto de um grilo. A voz de Fit surgiu soturna: “O mágico momento em que a Angústia é abatida pela Aventura. Quando o mundo expõe as entranhas da angústia do fim da linha na estrada da vida, entra em ação a criatividade do homem e transforma aquele momento na mais pura aventura de explodir tudo pelos ares e seguir adiante.”

“Love is in the air” tremeu nas caixas de som e Pedro conseguiu realizar na mente todo o quadro da explosão do Diabo Loiro. Ele se via sentado no banco arrancado do Opala, enxergava o megafone de folhas e a preparação das luzes. A música se confundia com seus gritos de diretor e com o instante em que Fit editara a queda e a explosão do carro, utilizando, com certeza, a troca de ângulos captados pelos amigos operadores. O Diabo Loiro voando pelos ares em câmera lenta. O som da explosão. Pouco importava se na tela estaria passando o filme que imaginava ali, porque aquela era a cena que ele sempre desejara filmar. Seu momento Hollywood, criado por uma ideia na cabeça e três câmeras nas mãos. Pedro dava gargalhadas.

Um saco de M&M’s e uma Coca-Cola caíram em seu colo. Nos lábios, o beijo de Cristal, ao som de “Love is in the air, everywhere I look around” em *fade out*. Com suavidade, a voz de Mayla surgiu na melodia da introdução do tango “Por una cabeza”: “Quando a Negação se transforma em Novidade. Se o ser humano nega suas limitações e entrega os pontos, de que valerá viver? Transforme suas limitações nas mais incríveis novidades e contamine de beleza todos ao seu redor.”

O tango, a voz de Fit gritando "Vaaaai, Al Pacino!", o trio de forró. De início a pista vazia, em seguida Pedro e Cristal. Logo depois, a pista cheia e os casais dançando com as mulheres de olhos vendados. As imagens apareciam vívidas no cérebro de Pedro, seu arremedo de tango captado por Fit e Mayla de algum ângulo privilegiado do barracão, sob as luzes dos inúmeros lampiões.

De repente, o som de uma cachoeira fez o SubCultural tremer, mesclado com a canção felliniana de *Oito e meio*. A voz de Cristal se sobrepôs ao volume da trilha: "A fração de segundo em que a Covardia se reveste de Confiança. Covardia: quem nunca foi arrebatado por ela? Coragem para se jogar no penhasco das incertezas e decidir que o amanhã não virá mais, quantos têm? Você pode acabar tomado pelo desejo súbito de subverter a lógica natural da vida e abreviá-la, mas se tiver amigos isso nunca acontecerá. Porque serão exatamente eles os que irão puxá-lo da beira do abismo..."

Chuva, trovoadas, relâmpagos. A subida pela escada de madeira. Os gritos para Pedro voltar. O som ensurdecedor da cachoeira. Os berros de desespero de Cristal. A digressão sobre a covardia das pessoas. O diálogo entre Cristal e Pedro sobre confiança. O desespero da queda, o medo do fim. A corrente do bem que salvou Pedro da morte. O choro dos quatro amigos.

A cada novo ato, mais ele se emocionava, apertava a mão de Cristal e se perguntava como não havia percebido o que acontecera durante a viagem. Cada detalhe bem-cuidado, num filme decerto montado a seis mãos pelo conjunto de ideias suas e daquelas que eram as maiores, melhores e talvez únicas pessoas que ele podia chamar de "melhores amigos".

Então as caixas de som foram tomadas pela segunda parte do "Inverno" de Vivaldi. Ao mesmo tempo, a voz rouca de dona Edith se fez presente: "Quando o Egoísmo se esvai em Exaltação. Mesmo que sua alma seja tomada pelo desejo de ter para si e só para si o que não lhe foi dado receber, exalte seus ídolos. Há sempre um plano maior para sua vida..."

Som de passos com eco, uma igreja. Nossa Senhora do Rosário. A oração de Pedro. Santa Luzia. O diálogo entre Cristal, Pedro e

Mayla sobre egoísmo terminava com a voz de Pedro ressoando pelos alto-falantes do SubCultural: “Busco uma chance, apenas uma. Se o nome disso for milagre, é assim que vou chamar.”

Foi feito um rápido silêncio no filme, para logo em seguida explodir uma frase gritada, também na voz do próprio Pedro: “Nunca, jamais, em tempo algum, persigam a grande viagem da vida sem uma trilha sonora cheia de clichês escolhidos a dedo!” Então, “Back in black”, a maior introdução de guitarra da história do rock, fez a cadeira balançar.

Cristal sussurrou ao ouvido de Pedro:

— Os créditos estão subindo. Sabe qual a cena final?

Ele não conseguiu responder. Apenas negou com a cabeça. Ela continuou:

— Tomada do alto. O Diabo Loiro está com a porta aberta, a Mayla está sentada na janela de trás e o Fit no banco do carona. Você acabou de dirigir um carro pela primeira vez e comemora com os braços levantados. Tudo em câmera lenta e em preto e branco. A cena mais bela do filme! Consegue enxergar?

— Perfeitamente.

Pedro abraçou Cristal, incrédulo e sem palavras pelo filme a que tinha acabado de “assistir”. Ela disse em seu ouvido:

— Agora, difícil mesmo foi conseguir que todo mundo entrasse e assistisse ao filme no mais absoluto silêncio...

— Ähn?

Ele sentiu que ela se afastou. Começou a ouvi-la bater palmas no ritmo da música. E o som das palmas foi aumentando de volume e intensidade. Muitas palmas vindas de todos os lados. As palmas no ritmo da música se transformaram em aplausos, um monte de aplausos, assobios e gritos. Cristal o puxou, abraçou-o e seus lábios tocaram os de Pedro em um demorado beijo. E foi ali que ele notou o que de fato havia acontecido. Cineclube lotado desde o início do filme, num silêncio do qual ele jamais poderia desconfiar.

A emoção tomou conta de cada pessoa que veio abraçá-lo. Carlo, Ariadne, dona Rebeca, dona Edith, os colegas da faculdade, o pessoal da VIP, a turma do Cultural. Fit e Mayla.

Foi nesse momento que Pedro sentiu uma pessoa chegar a seu lado e apertar sua mão. Áspera, grossa, parecendo resultado de muito trabalho árduo. A mão de uma pessoa mais velha.

— Quem é agora? — Pedro perguntou em meio a um sorriso, o rosto virado para cima.

— Parabéns. Não só pelo filme, mas por cada um de todos que você já apresentou. Estou feliz por saber que voltou.

— Eu... Nossa! Meu espectador 100% não podia mesmo faltar hoje. Mas por que nunca falou nada? Sempre tive curiosidade de ouvir o que o senhor tinha a dizer sobre os filmes e...

— Sempre faltou coragem pra mim. Vergonha de uma coisa que fiz há 25 anos. E tem muita coisa que preciso te dizer, Pedro, mas não agora.

Pedro estremeceu, seu coração disparou.

— Você é...?

— Sim. Já esperei 25 anos... Vamos ter muito tempo pra conversar. Hoje não é dia.

Pedro mal conseguia falar, atordoado pela emoção do que acabara de saber. E murmurou:

— Aceita um convite para um chope, sábado que vem, lá em cima, assim que o filme acabar?

— Não vou faltar de jeito nenhum.

E ali, na escuridão de um subsolo cheio de amigos, Pedro sentiu que pequenos milagres ainda eram capazes de encher de surpresa a sua vida.

Ao final, sobraram no SubCultural apenas Cristal, Mayla, Fit e Pedro.

— Não sei nem o que dizer, equipe.

— Não fosse você, Pedro, nada disso teria sido possível — Fit devolveu.

— Você é o maior montador que conheço, e não me decepcionou.

— Agradeça a dona Rebeca pelas três semanas que pedi de prazo. Mas o filme ainda não está completo. Falta o mais importante.

— E o que seria?

— O título. Nada mais justo do que o diretor escolher.

Pedro virou o rosto para cima, coçou o queixo, pensou.

— Vou completar a trilogia. Depois do *Feliz!* e do *Incrível!*, este vai se chamar *Surpreendente!*.

Os três aplaudiram a escolha e concordaram. Mayla pediu atenção:

— Espera aí, não acabaram as surpresas.

Ela colocou algo nas mãos de Pedro. Ele passou a tatear.

— Uma bengala? Pro ceguinho? — Ele riu. — Ela é... de bambu?

— Colamos de volta os quatro pedaços — Mayla explicou. —

Para você se guiar e saber que sempre quando precisar é só chamar a gente. E adivinha de qual cor pintamos?

— Azure...? — Pedro sorriu.

Fit colocou outro objeto nas mãos de Pedro e tomou a palavra.

— Agora, para que nunca se esqueça do enorme talento que tem.

Pedro apalpou o objeto e perguntou:

— Um cacau?

— Sim.

— É de ouro?

— Não, é de verdade.

Pedro balançou a cabeça e apertou os lábios, sem conseguir falar.

— Bom, e agora tem o meu — Cristal disse.

O terceiro objeto foi entregue a ele. Sentiu-o entre os dedos e falou:

— Um olho turco.

— Para que nunca deixe de se lembrar de que é o homem que enxerga mais longe no mundo. E saber que, na noite de ano-novo, eu não só vou me recordar da nossa primeira noite, mas também de cada segundo desde que te conheci. — As palavras agora eram um sussurro em seu ouvido. — Dois pontos, abre aspas: “Eu te amo, sementeiro.” Fecha aspas.

— VOCÊS SÃO DEMAIS! — Pedro gritou.

— Calma! — Fit interrompeu. — Falta uma última coisa.

Papéis foram para as mãos de Pedro, que os esfregou e perguntou:

— O que são?

— Uma coisa que começa com “passagem” e termina com “para Roma”. Eu e Mayla chegaremos no dia em que Cristal terminar o curso de explosão de quarteirão. Dez dias na Itália, vamos encontrar vocês dois lá. Vendemos até a alma, mas... Quer saber? Quem tem um porquê enfrenta qualquer como.

— A equipe reunida outra vez — Pedro murmurou em meio a um sorriso.

— E o melhor de tudo: aluguei um Diavolo Biondo.

— O que é isso?

— Bom, é um Fiat 500 amarelo. Parece uma caixinha de fósforos, mas foi o melhor que arranjei com o dinheiro que sobrou.

— Maravilha! — Pedro esfregou as mãos. — Então chegou a hora de prepararmos o roteiro.

— Da viagem? — Cristal perguntou.

— Não. Do próximo filme.

E quatro amigos inseparáveis, que as retas e curvas da estrada haviam tornado ainda mais amigos, por mais uma das tantas vezes que certamente ainda viriam pela frente, gargalharam juntos...

AGRADECIMENTOS

Agradeço a

Minha editora, Livia de Almeida, por apostar na história e realizar meu mais secreto sonho na literatura;

Jorge Oakim, pela hospitalidade com que me recebeu em sua casa editorial e pelo entusiasmo com o projeto;

Kathia Ferreira, pela paciência infinita com minhas escorregadas;

Roberto Jannarelli e todos os novos amigos da Intrínseca;

Minha magnífica agente, Luciana Villas-Boas, Anna Luiza Cardoso e todos da VBMLitag;

James McSill, mestre dos magos do *storytelling*, pelas luzes que acende sempre que preciso;

Robson Batt e Ana Maria Ferreira, por comentarem as versões iniciais;

Cesar Caldeira, que foi meus olhos quando precisei enxergar coisas fundamentais para o livro;

Bruna Mayla, por ser inspiração e dar vida à personagem homônima;

Minha família, em especial meu irmão, Pedro Fernando Porto, gênio das capas e que sempre compra minhas ideias;

Todos os meus blogs, instablogs e faceblogs parceiros. Sem vocês eu jamais estaria aqui hoje (a relação completa está em <mauriciogomyde.com>);

Michelle, Marina e Manuela, a "Família M", todos os dias, horas e minutos da minha vida.

SOBRE O AUTOR



Maurício Gomyde nasceu em São Paulo e desde os três anos de idade vive em Brasília — “disparado a cidade mais bonita do mundo”. *Surpreendente!* é seu sexto romance. Além de escritor, ele também é compositor e baterista.

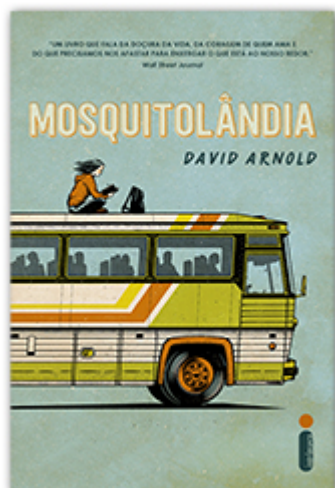
LEIA TAMBÉM



A culpa é das estrelas
John Green



Toda luz que não podemos ver
Anthony Doerr



Mosquitolândia
David Arnold



Não se iluda, não
Isabela Freitas

Table of Contents

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Epígrafe](#)

[I](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[II](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[III](#)

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[42](#)

[IV](#)

[43](#)

[44](#)

[45](#)

[46](#)

[V](#)

[47](#)

[48](#)

[49](#)

[50](#)

[51](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)

[Leia também](#)